

A OBRA DE CAFH

Índice

FUNDAMENTOS DA OBRA DE CAFH	4
Introdução	6
1. Antecedentes e Resenha Histórica de Cafh.....	8
2. O Regulamento de Cafh.....	16
O Regulamento	16
O Método	16
O Cerimonial.....	17
3. Perguntas usuais acerca de aspectos do Regulamento	18
4. A Doutrina de Cafh – Postulados e Princípios Fundamentais	24
5. A Doutrina de Cafh – Características	26
6. A Doutrina de Cafh – A Ensino.....	28
Características da Ensino de Cafh	28
Significado de Termos que aparecem nas Ensinações de Cafh.....	28
CONCEITOS BÁSICOS	36
8. As Categorias	38
9. A Idéia Mãe.....	42
10. A Grande Obra	46
11. A Grande Corrente	50
12. A União Substancial com a Divina Mãe.....	52
13. A Economia Providencial	56
MÍSTICA DO CORAÇÃO	60
14. Mensagens do Cavaleiro Grande Mestre Fundador.....	62
Os tesouros da Divina Mãe – <i>Mensagem de 1953</i>	62
Cultivai as almas – <i>Mensagem de 1955</i>	64
A mensagem da renúncia – <i>Mensagem de 1957</i>	66
A verdade espiritual – <i>Mensagem de 1961</i>	68
A expansão – <i>Mensagem de 1962</i>	70
15. Mensagens do Cavaleiro Grande Mestre II.....	74
A mística do coração – <i>Mensagem de 1991</i>	74
A vida em harmonia – <i>Mensagem de 2001</i>	76
A realidade cotidiana – <i>Mensagem de 2002</i>	78
As prioridades – <i>Mensagem de 2003</i>	82
Participação, amor e empatia – <i>Mensagem de 2004</i>	86
16. Primeira mensagem do Cavaleiro Grande Mestre III	92
Amor ao desenvolvimento – <i>Mensagem de 2005</i>	92

FUNDAMENTOS DA OBRA DE CAFH

INTRODUÇÃO

“Cafh é uma reunião de almas que buscam sua liberação interior através de um método individual exterior” (*Regulamento de Cafh*)

A reunião de almas de Cafh se desenvolve de acordo com seu Regulamento, que consta de três partes: Regulamento, Método e Cerimonial.

Quando, com o objetivo de desenvolver-nos espiritualmente, adotamos um método adequado a nossas características e situação na vida, e o seguimos com fidelidade e atenção, nós nos predispomos a alcançar esse desenvolvimento.

No texto que apresentamos a seguir se encontram os antecedentes, os fundamentos, os conceitos básicos de Cafh e Mensagens Anuais sobre a Mística do Coração.

Os *Antecedentes e Resenha Histórica de Cafh* põem em contexto normas, nomenclaturas e símbolos que se encontram no Regulamento, no Método e no Cerimonial.

Em *Os Fundamentos da Obra de Cafh* sintetizamos a organização, as idéias fundamentais que sustentam sua concepção de desenvolvimento, assim como também a doutrina e aspectos do conselho espiritual. Os aspectos da doutrina expostos representam o ponto de vista da ensinância de Cafh sobre a vida e o mundo.

Os Conceitos Básicos da doutrina de Cafh

Tanto *Os Fundamentos da Obra de Cafh* como os *Conceitos Básicos* expõem os instrumentos postos à disposição dos membros de Cafh para propiciar seu desenvolvimento.

As *Mensagens Anuais* sobre a mística do coração descrevem possíveis vias a seguir para a união divina.

A finalidade deste curso é convidar os membros de Cafh a conhecer melhor os fundamentos de Cafh, a meditar e estudar sua doutrina e envolver-se ativamente tanto em seu próprio trabalho de desenvolvimento como na expansão da obra de Cafh.

1. ANTECEDENTES E RESENHA HISTÓRICA DE CAFH

Se buscássemos os antecedentes mais antigos de Cafh teríamos que rastrear na sabedoria egípcia, na influência dessa sabedoria sobre as escolas iniciáticas e filosóficas gregas, na inserção desse saber na cultura judaico-cristã e no trabalho das Ordens Secretas ou Esotéricas, especialmente das Ordens que foram fundadas pelos cavaleiros cristãos nos tempos das primeiras cruzadas, quando entraram em contato com os sábios do oriente. Ao longo dos séculos, estas Ordens conservaram e transmitiram, dentro do contexto do pensamento ocidental, o fundamental do conhecimento dos antigos e o revelado a seres com grande desenvolvimento espiritual.

A finalidade das Ordens era estimular o desenvolvimento espiritual de seus membros em particular e impulsionar o adiantamento humano em geral. No século XVIII, antes da revolução francesa, estas Ordens se dividiram entre as partidárias da monarquia e as que favoreciam as idéias liberais. As primeiras eram fechadas, herméticas. As segundas promoveram mudanças sociais, políticas e ideológicas; em boa medida forjaram as sociedades da atualidade.

Por outro lado, houve dentro das Ordens grupos que centraram seu trabalho no desenvolvimento espiritual do indivíduo. O número de seus membros era reduzido; a relação entre instrutores e discípulos era direta, pessoal, e trabalhavam de forma ignorada pelo meio.

Os antecedentes mais próximos de Cafh remontam a esses grupos de trabalho espiritual, cuja ensinância estava influenciada principalmente pela ascética-mística cristã.

A história de Cafh, tal como a conhecemos hoje, começa quando Santiago Bovisio – Dom Santiago –, emigrante italiano, chega à Argentina e começa seu trabalho espiritual infatigável.

Dom Santiago nasceu em Bérgamo, Itália, no dia 29 de setembro de 1903. Coursou estudos formais em escolas em Vigévano e estudos religiosos na congregação passionista de Cameri, província de Novara, a cerca de 94 km de Turim. Dom Santiago pertenceu, em Veneza, a uma Ordem Esotérica, a qual ele chamava *A Ordem*, cujos membros, segundo narrava, desapareceram quase em sua totalidade durante a devastação da segunda guerra mundial. Nessa Ordem efetuou estudos sobre ascética-mística. Ao terminá-los, encaminhou-se para a América com o propósito de realizar uma obra espiritual. Chegou a Buenos Aires em janeiro de 1926.

Em Buenos Aires Dom Santiago se casou e formou uma família com Amélia Taccagni, que o acompanhou ao longo de sua vida.

Durante seus primeiros 10 anos na Argentina, Dom Santiago trabalhou para difundir sua visão da vida espiritual. Deu conferências, escreveu em publicações e organizou atividades para o adiantamento humano; já em 1937 havia conhecido pessoas dispostas a acompanhá-lo na obra espiritual que ansiava presentear à sociedade. Com elas formou o primeiro grupo de Cafh.

A palavra *Cafh* tem raízes antigas e vários significados; por exemplo, é a décima primeira letra do alfabeto hebraico. Também figura no Tarô como a carta A Força, simbolizada na figura de uma mulher que sustém as fauces de um leão.

Para os membros de Cafh, a palavra *Cafh* simboliza o esforço da alma para alcançar a união com Deus. Ao mesmo tempo representa a presença do divino em cada alma.

Na história de Cafh, de 1937 a 2005, podem-se distinguir várias etapas.

Primeira Etapa

A primeira etapa vai desde sua fundação, em 3 de março de 1937, até maio de 1948. Durante este tempo Cafh foi regida por um regulamento provisório preparado sobre a idéia de que Cafh contaria com um número reduzido de membros.

O marco mais importante desta etapa é a eleição de Dom Santiago com Cavaleiro Grande Mestre de Cafh em 28 de outubro de 1945.

Durante essa etapa os membros de Cafh trabalhamos com o critério de efetuar um labor espiritual individual, interior, e de permanecer ignorados pela sociedade, um critério semelhante ao da Ordem européia, da qual Dom Santiago procedia.

A ensinância de Cafh, transmitida por Dom Santiago, dava sua visão de desenvolvimento espiritual, o devenir humano, as grandes religiões, a ascética mística cristã, além das ensinâncias tradicionais das escolas esotéricas sobre o mundo astral e o mental. A ascética mística se baseava na oração, na meditação, no autodomínio e na prática de ações retas.

Segunda Etapa

A segunda etapa vai de 1948 até o falecimento de Dom Santiago em 1962, devido a um acidente automobilístico. Nesta etapa podemos distinguir dois períodos.

O primeiro período abarca desde 1948 até 1955.

Em 1948 os membros de Cafh adotamos um Regulamento permanente. Este Regulamento estabelece três categorias de membros para responder às características das pessoas, à maneira em que querem orientar sua vida e ao compromisso que desejam ter com a obra de Cafh de acordo com seus votos. Estas categorias são as de Ordenados, de Solitários e de Patrocinados. Com a adoção do Regulamento de 1948 e a criação das categorias, Cafh deixou de ser uma Ordem Secreta. As casas de comunidade e de retiro, e a criação de instituições e de obras patrocinadas por Cafh, tornaram sua existência explícita. Além disso, Dom Santiago exortava a transmitir as idéias de Cafh à sociedade e a admitir em Cafh todo aquele que desejasse seu desenvolvimento espiritual.

A primeira Távola de Ordenados foi de membros femininos que vivem em comunidade. Foi fundada em Embalse, Argentina, no dia 6 de novembro de 1949. Esta comunidade fundou um colégio e atendeu retiros para a categoria de Solitários. Em 13 de junho de 1953 fundou-se em La Plata, Argentina, a primeira Távola de Ordenados de Comunidade masculina. Três anos depois, em 1955, já havia na Argentina 39 Ordenados, dos quais 22 viviam em Comunidade e 17 viviam em suas residências particulares, e 17 Távolas entre as de Solitários e de Patrocinados.

Em relação à ensinância, Cafh conservou o legado das Ordens Esotéricas européias em algumas de suas idéias, em sua simbologia e em seu cerimonial; também conservou nomenclaturas tradicionais das Ordens de Cavalaria cristãs. Às ensinâncias do período anterior – 1937-1948 – Dom Santiago acrescentou ensinâncias sobre teologia, filosofia, história humana e, especialmente, apresentou a idéia da renúncia como substrato da ensinância de Cafh. Além disso, no curso *O Bom Caminho* deu, com termos simples e claros, um enfoque prático do desenvolvimento espiritual e da ascética-mística.

Do ponto de vista espiritual, este período pode ser chamado de recolhimento. Foi um tempo dedicado à vida interior, à meditação e à oração para proveito nosso e para o bem do mundo. Contribuíamos para o bem comum tomando distância em relação às vicissitudes cotidianas para alcançar serenidade e discernimento, e assim colaborar com proveito em um trabalho necessário no meio em que vivíamos.

O segundo período vai desde 1955 até 1962.

Dom Santiago brindou a ensinância através de seus escritos em geral e, particularmente, através de suas Mensagens Anuais e de seu exemplo de vida.

Embora Dom Santiago tenha fundado Cafh inspirado na tradição das Ordens européias, desde o primeiro momento manifestou – e o escreveu em 1937, no curso *Desenvolvimento Espiritual* –

que se estava entrando em uma nova época, que iriam ocorrer grandes mudanças na sociedade, que se descobririam possibilidades insuspeitadas até esse momento e nos instava a olhar para diante. Sobre esta visão e o trabalho interior já realizado pelos membros de Cafh, a Mensagem de 1956 orientou nosso caminho místico, de introspecção e oração, para um enfoque mais amplo, que abarque a sociedade e a condição humana: instou-nos a participar. Ensinou-nos que a participação com as almas – com todas as almas – é a essência do amor.

A Mensagem de 1957 nos exortou a realizar e transmitir a idéia da renúncia e tornou mais explícito o significado da participação ao explicar seus dois sentidos: por um lado, participar compartilhando com os demais a riqueza espiritual que descobrimos através de nossa compreensão e de nossas experiências e, por outro, participar aprendendo o bom e aplicável que encontremos nas novas idéias e as descobertas que aparecem na sociedade.

A Mensagem de 1960 contextualizou a Mística do Coração dizendo que tínhamos de apoiá-la em um conhecimento rigoroso, para avaliar com maior clareza nossas experiências interiores e nossas crenças, já que a avaliação que podemos fazer baseando-nos somente em nossas experiências subjetivas tende a julgar mais as impressões que recebemos do que os fatos tal como ocorrem.

A Mensagem de 1961 nos aclara mais este enfoque, instando a distinguir entre a fé e a compreensão do que é o certo, a não confundir a verdade com experiências místicas subjetivas nem com teorias sobre a vida sobrenatural. Desta maneira, impulsiona-nos a aplicar o método científico, especialmente o conceito de verificação, à vida espiritual.

Em relação à ensinança, Dom Santiago pensava que já não havia esoterismo (conhecimento acessível somente a escolhidos ou iniciados), que o que se considerava saber esotérico já havia sido divulgado e estava ao alcance de todos. Dizia também que as que se denominavam ensinanças esotéricas deviam responder ao rigor científico, que as que não se podiam provar tinham que ser tomadas somente como teorias possíveis mas não definitivas. Ensinou-nos, além disso, que o avanço no conhecimento científico não somente não se opõe às idéias religiosas e espirituais, senão que as amplia e fundamenta. Por essa razão, embora nos tenha ensinado o que sabia e o que percebia por seus dotes intuitivos e psíquicos, advertiu que, daquilo que transmitia, somente tomássemos como certo o que fosse evidente ou verificável para nós.

Para Dom Santiago a fé não consistia em asseverar que esta ou aquela crença é certa, mas na certeza profunda de que cada um, como ser humano, tem em si mesmo a capacidade de realizar inumeráveis possibilidades e de responder às perguntas fundamentais da vida. Este é o espírito das ensinanças de Cafh: são-nos oferecidas como material de trabalho, não como artigo de fé.

Dom Santiago nos explicava que Cafh é uma idéia e uma obra abertas e adequadas aos novos tempos que ele antecipava, nos quais o conhecimento seria acessível a qualquer pessoa de forma irrestrita.

Durante este período o número de membros de Cafh continuou aumentando. Em 1962 havia 42 Ordenados que viviam em suas residências particulares, 24 Ordenados que viviam em comunidade e, entre Távolas de Solitários e de Patrocinados, havia 32 Távolas na Argentina, cinco Távolas no Brasil, uma Távola no Chile e uma Távola na Venezuela.

Terceira Etapa

A terceira etapa abarca desde 1963 até 2005 e se distinguem nela quatro períodos.

O primeiro período abarca desde 1963 até 1976.

Em 8 de maio de 1963 Jorge Waxemberg foi eleito Cavaleiro Grande Mestre II de Cafh.

Jorge Waxemberg nasceu em 14 de julho de 1929 em Tucumán, Argentina. Efetuou seus estudos em Rosário e obteve o título de arquiteto em 1952. Ingressou em Cafh em 1947; em

1953 participou na fundação da primeira Távola de Comunidade masculina e viveu em comunidade até sua eleição como Cavaleiro Grande Mestre II. Em 1954 foi designado por Dom Santiago Delegado da Comunidade masculina; em 1956, Delegado da Távola de Comunidade de mulheres e em 1960 Delegado Geral de todas as Távolas da Argentina.

Jorge Waxemberg recebeu de Dom Santiago, desde 1953 até o falecimento deste em 1962, conselho espiritual e instrução sobre religiões, ascética mística e conceitos fundamentais da ensinância de Cafh. Além disso, acompanhou Dom Santiago em suas freqüentes viagens para assistir a obra de Cafh, inclusive na viagem de três meses que Dom Santiago fez para encontrar-se com membros de Cafh no Brasil e atender assuntos particulares na Itália.

Durante sua função de Cavaleiro Grande Mestre II, Jorge Waxemberg uniu-se ao labor dos membros de Cafh na expansão da obra de Cafh e, especialmente, àqueles que estiveram dispostos a trasladar-se com suas famílias e suas comunidades a lugares distantes para levar a obra de Cafh a outros povos do mundo. Como resultado deste trabalho conjunto, em 1976 havia mais de 200 Ordenados, 150 Távolas entre as de Solitários e Patrocinados em 15 países e duas comunidades de casais de Filhos e Filhas Solitários, uma em Santa Fé e outra em San Ignacio, ambas na Argentina.

O segundo período vai desde 1976 até 1992.

Em 1976 houve na Argentina uma mudança política de profunda transcendência social. Instalou-se uma ditadura militar que exerceu o poder durante 7 anos. A perda da liberdade de reunião e de expressão, somada à perseguição e assassinato daqueles que não se submetiam a essa repressão, afetou sensivelmente o trabalho dos membros de Cafh na Argentina. As forças militares instalaram-se nas propriedades das Comunidades de Embalse e San Ignacio, intervieram em suas instituições, limitaram seus meios de subsistência e fecharam seus colégios. Também tiveram que ser fechadas as comunidades de casais de Santa Fé e San Ignacio. Embora alguns Ordenados e Ordenadas dessas Távolas emigrassem para Comunidades de outros países, ficaram em Embalse e San Ignacio Ordenados e Ordenadas que continuaram a vida de comunidade apesar da ocupação militar e das difíceis circunstâncias que tinham que suportar. Estes membros de Cafh foram verdadeiros esteios das comunidades na Argentina.

As reuniões e atividades das Távolas da Argentina continuaram sendo efetuadas com as limitações próprias da situação que toda a população sofria, algumas com risco de vida para aqueles que as efetuavam. Muitas dessas reuniões tiveram que ser feitas de forma privada, cada membro de Cafh em sua residência, seguindo o horário e os temas da reunião. Esses membros que com tanta coragem e fortaleza responderam à sua vocação também foram pilares da obra de Cafh na Argentina.

Em 1983 a democracia retornou à Argentina, as atividades de Cafh foram retomadas com renovado fervor nesse país e as comunidades de Embalse e San Ignacio voltaram a florescer. Concentraram seu labor em recuperar seus meios de subsistência, em reparar as instalações que haviam ficado muito deterioradas e, especialmente, no atendimento de retiros para membros de Cafh, tanto nas casas que há para essa finalidade nas comunidades como nas que existem em outros lugares da Argentina. Já nesta época havia várias outras comunidades em vários países. No que se refere às Comunidades de casais, não se manifestaram as condições para que fosse viável sua reativação.

Um marco muito importante deste período é a admissão da mulher à Ordenação, fora da Comunidade.

Até 1988 os membros femininos de Cafh tinham acesso à Ordenação somente em Távolas de Ordenados que vivem em Comunidade. A partir dessa data, Damas Solitárias foram admitidas à Ordenação.

O terceiro período vai desde 1992 até 1999.

Em 1992 o Cavaleiro Grande Mestre II integrou Damas Mestres à Távola Mãe de Cafh. Era a primeira vez que Damas Ordenadas emitiam o Voto Eterno de União. Este acontecimento é de grande relevância para Cafh não somente pela inclusão da mulher na hierarquia e na administração de Cafh, mas também pela influência positiva das Damas Mestres no pensamento e na Obra de Cafh.

O trabalho de expandir a obra de Cafh continuou ao longo dos anos, impulsionada pela dedicação infatigável dos Ordenados e Ordenadas que vivem em suas residências particulares e dos Ordenados e Ordenadas que vivem em Comunidade.

O Cavaleiro Grande Mestre II trabalhou em equipe com os membros da Távola Mãe de Cafh para tratar todos os assuntos de Cafh, tanto no que se refere à assistência a seus membros como a suas obras, suas ensinanças e as idéias fundamentais a expor e desenvolver na obra de Cafh. Esta equipe forma parte da equipe maior integrada pelos Delegados, os Assistentes e os membros de todas as Távolas de Cafh. A interação destas equipes e a assistência dos Mestres¹ provêem a retroalimentação que nutre, enriquece e orienta a obra de Cafh.

Sobre a base desta retroalimentação se basearam as ensinanças sobre a vida espiritual e as pautas para o desenvolvimento da obra de Cafh, das Mensagens anuais e das alocações que o Cavaleiro Grande Mestre II apresentou nas Assembléias de Plenilúnio.

Além dos temas da renúncia, da oração e dos exercícios ascéticos, as ensinanças tratam o das relações como substrato do desenvolvimento em todas as ordens. Integram a idéia da relação à do trabalho de grupo e à de formar equipe, como um meio efetivo de participação em todos os aspectos da vida. Além disso, associam esta participação concreta ao processo de desenvolvimento espiritual e ao desenvolvimento da noção de ser. Na mensagem de 2002 lemos: “Não temos fundamentos para pensar que nossa relação com Deus possa ser melhor do que a que temos entre nós. A mística que podemos experimentar não pode ser de uma natureza diferente da relação que temos com a humanidade da qual somos parte”.

As ensinanças também definem os princípios, os postulados e a doutrina de Cafh.

As Mensagens Anuais nos exortam a fazer uma ciência do trabalho espiritual, a aplicar bom discernimento na avaliação das experiências subjetivas, a manter-nos abertos às novas idéias e aos avanços no conhecimento, a harmonizar o que sabemos com nossa maneira de viver e nossas prioridades. Também nos transmitem a idéia de realização continuamente renovada em contraposição à do ideal de uma realização final. Explicam que nada é final na vida, que dar-nos conta de que cada momento contém uma possibilidade a realizar nos fixa no aqui e agora e que o eterno presente é o único campo que temos para desenvolver-nos. As Mensagens também nos exortam a viver a Mística do Coração e detalham esse processo de expansão da consciência à luz das dez palavras do desenvolvimento espiritual. A Mística do Coração não é reservada a seres especiais, mas é inerente ao desenvolvimento de cada um de nós.

As alocações tratam de vários temas. Em relação com o autoritarismo nas relações pessoais e na tarefa de conselho, exortam-nos a respeitar a liberdade individual nas decisões pessoais. No que diz respeito à prevenção e antecipação dos conflitos, exortam-nos a reconhecer a diversidade na vida humana e a integrar harmonicamente as diferenças. No que se refere aos protótipos e arquétipos na visão dos ideais que ansiamos realizar, instam-nos a alcançar uma espiritualidade livre de idéias feitas, aberta ao mistério do desconhecido. No que tange à Obra de Cafh, convidam-nos a que seja mais o resultado de nossas vidas que de nossas palavras, que seja a expressão de nosso desenvolvimento.

¹ Ver: A Idéia Mãe

O quarto período vai desde 1999 até 2005.

A Assembléia de Plenilúcio Plenária de 1999 aprovou mudanças ao Regulamento de 1948 para adaptá-lo às diferentes características, situações e modos de vida dos membros de Cafh e às mudanças que a sociedade havia sofrido durante os mais de 50 anos de vigência desse Regulamento. O Regulamento de 1999 foi elaborado pelo CGM II em equipe com todos os Ordenados e Ordenadas.

Uma mudança muito importante instaurada a partir de 1999 foi estabelecer que as Távolas de Patrocinados e Solitários contam com um máximo de 42 membros e que os Delegados Ordenados dessas Távolas não pertencem a elas, mas a uma Távola de Ordenados. Até esse momento os Delegados Ordenados das Távolas de Solitários e de Patrocinados pertenciam a essas Távolas que assistiam e, conseqüentemente essas Távolas contavam com um máximo de 43 membros.

Esta disposição tem grande transcendência devido às possibilidades com que brindou os Ordenados e Ordenadas encarregados de Távolas. Até então os Delegados de Távolas estavam relativamente isolados e não formavam parte de um grupo de pares, como ocorre nos grupos de todas as Távolas.

No início de 2005 havia 56 Távolas de Ordenados e 420 Távolas entre as de Solitários e de Patrocinados em 21 países.

Neste período se estabeleceu o Seminário de Ordenação para Cavaleiros e Damas de Távolas de Solitários. Começou assim a formação sistemática dos futuros Ordenados e Ordenadas que vivem em suas residências particulares.

O CGM II também propôs um procedimento para manter atualizado o Regulamento. Esta proposta foi aprovada na Assembléia de 2003, e deu como resultado a aprovação de emendas e alcances de disposições do Regulamento.

Sobre a base do alcance do termo “vitalício”, no que se refere à função de Cavaleiro ou Dama Grande Mestre, aprovado na Assembléia de 2003, Jorge Waxemberg anunciou na Assembléia de 2004 que no ano seguinte se retiraria de seu cargo de Cavaleiro Grande Mestre.

Jorge Waxemberg se retirou desse cargo no dia 22 de maio de 2005.

A Quarta Etapa

Em 22 de maio de 2005, o Sr. José Luis Kutscherauer foi eleito Cavaleiro Grande Mestre III de Cafh.

O Sr. José Luis Kutscherauer nasceu em Cruz del Eje, Província de Córdoba, Argentina, no dia 12 de agosto de 1943. Graduou-se na Universidade de Córdoba como médico cirurgião. Ingressou em Cafh em 1961 e em 1973 incorporou-se à Comunidade de San Ignacio em Córdoba, Argentina, onde ocupou diferentes funções até 1979.

Em 1977, durante a intervenção militar nas Comunidades da Argentina, foi designado para atender a pessoa nomeada como interventor nas mesmas. Encarregou-se de realizar as diferentes negociações, visitas ao Raio de estabilidade das Comunidades e de assistir a seus membros durante o processo da intervenção militar.

Em 1979 mudou-se para Costa Rica onde foi nomeado Delegado das Ordenadas de Comunidade até 1989 e dos Ordenados de Comunidade até 1997. Também foi Delegado de País das Távolas de Patrocinados e Solitários da Costa Rica de 1983 até 1992.

A partir de 1979 incorporou-se ao trabalho social iniciado e sustentado com recursos gerados pelas comunidades da Costa Rica. Foi eleito diretor destas atividades até 2005. Dentro da zona de influência das Comunidades deu enfoque à ajuda social para as seguintes áreas:

- Alfabetização de adultos
- Abertura de um posto médico gratuito
- Orientação familiar a vizinhos e empregados
- Colaboração para a realizar trabalhos de infra-estrutura nos povoados vizinhos como pavimentação de 25 km de estrada, construção de pontes, eletrificação da zona, instalação de linha telefônica, serviço de água corrente.
- Colaboração na construção de templos de diferentes religiões.
- Criação de bibliotecas para dois povoados vizinhos.
- Doação de terrenos e instalações para escolas e campos esportivos.
- Doação para atendimento médico especializado em casos em que se faziam necessários tratamentos não cobertos pela medicina social do país.
- Bolsas de estudo para estudantes secundários e terciários.
- Desenvolvimento de moradias para empregados.
- Desenvolvimento de projetos empresariais com o objetivo de empregar mão de obra em zonas rurais ou de baixos recursos.

De 1981 até 2005 realizou diversas tarefas de assistência aos Filhos e Filhas e aos Delegados de País e de Távolas na Venezuela, México e Costa Rica. Realizou Visitas e dirigiu Retiros para Filhos e Filhas do México, Espanha, Colômbia, Venezuela e Costa Rica. Foi Delegado da Comunidade de San Ignacio de 2000 até 2003. A partir de 2003 formou parte da Delegação Geral das Comunidades de Cafh. Foi membro da Junta Diretora da Associação Cafh da Costa Rica bem como da Fundação Cafh Argentina.

De 1992 a 2005 foi membro da Távola Mãe de Cafh ocupando as funções de Orador, Leitor e finalmente de Esmoleiro. Como CM Esmoleiro no ano de 2000, com a colaboração de uma equipe de Filhos e Filhas Ordenados, realizou um trabalho de sistematização e reestruturação das contribuições dos membros de Cafh.

2. O REGULAMENTO DE CAFH

Os corpos vivos funcionam de acordo com um sistema que mantém sua existência. Os membros de Cafh, que constituem um corpo vivo, regem-se pelo Regulamento de Cafh. Este consta de três partes: Regulamento, Método e Cerimonial.

O Regulamento

A parte chamada Regulamento é o regime de Cafh no que se refere a sua organização e funcionamento.

O Regulamento estabelece as funções de Cavaleiro ou Dama Grande Mestre, dos Cavaleiros e Damas Mestres, dos Assistente e Auxiliares e o funcionamento da Assembléia de Plenilúnio e das Távolas. Estabelece também as festividades de Cafh e os atributos, os benefícios e as obrigações dos membros de Cafh de acordo com seus votos.

O Regulamento se baseia no princípio de que se nos propomos desenvolver-nos espiritualmente, necessitamos adotar normas e métodos de trabalho.

O Regulamento explicita as normas que os membros de Cafh adotamos para estimular nosso desenvolvimento espiritual. O Regulamento prevê que estas normas se adaptem aos tempos, aos lugares e às características individuais.

Os membros de Cafh observamos as disposições do Regulamento.

Observar as disposições do Regulamento implicar responder a algumas obrigações formais tais como:

Responder aos compromissos que tenhamos assumido com nossos votos, entre os quais se encontra o compromisso de comparecer com regularidade a reuniões e retiros.

Seguir normas de conduta aceitáveis na relação entre nós, com aqueles que desempenham funções em Cafh e com a sociedade.

O Método

O Método é o meio prático que Cafh nos oferece para responder a nossa vocação espiritual e trata dos diferentes aspectos de nossa vida, tais como o trabalho, as relações interpessoais, a responsabilidade que assumimos com nossas famílias, colegas, amigos e com Cafh. Também nos dá pautas para nos mantermos sãos de mente e de espírito para poder cumprir nosso objetivo.

O Método de Cafh amolda-se às características e necessidades de cada um e a sua vontade de aplicá-lo.

O Método é interior e exterior.

O Método é interior quando implica que trabalhamos sobre nossas atitudes, sentimentos e pensamentos, através da oração, da meditação e de todas as práticas ascéticas.

O Método é exterior já que trabalhamos também sobre nossas ações diárias e sobre a forma de desenvolver positivamente nossas relações – a relação com nós mesmos, com nossos hábitos, com aqueles que nos rodeiam e com a sociedade em geral –.

O Método de Cafh é individual:

Não julgamos a maneira como cada um vive sua vocação.

Não comparamos os membros uns com os outros. Consideramos cada membro em seu próprio contexto, tal como é, como quer viver e desenvolver-se.

Embora todos os membros de Cafh recebam a mesma instrução nas reuniões e retiros a respeito de exercícios de meditação, concentração e outros, cada um aplica essa instrução segundo os conselhos que recebe individualmente em suas conferências particulares e segundo suas próprias características e sua vontade de aplicar o que aprende. Ajudamo-nos para que cada um descubra a melhor forma de desenvolver-se e com o maior proveito.

No que tange ao conselho espiritual, cada um o recebe de acordo com a sua disposição, seu interesse e sua vontade de esforçar-se.

O Método permite que, quando a características pessoais dos membros ou as circunstâncias o aconselhem, se os dispense de suas obrigações regulamentares para que adaptem o método de acordo com o que seja melhor para eles.

O Cerimonial

O Regulamento estabelece o Cerimonial de Cafh. Segundo o Regulamento, o Cerimonial é um dos dons de Cafh e constitui a Divisa visível e invisível dos membros de Cafh.

Denomina-se cerimonial ao modo de realizar atos de uma maneira formal; isto é, de acordo com um procedimento estabelecido e efetuado com atenção e esmero.

A finalidade de um cerimonial é a de realizar a transcendência do ato que se está efetuando, para recordar sua razão e seu sentido se é um ato habitual, e para conservá-lo na memória se é um ato único ou não usual.

O Cerimonial de Cafh nos induz a tomar consciência de que o ato que estamos efetuando é na presença divina e enfoca nossa atenção na intenção que nos move a efetuá-lo.

O Cerimonial de Cafh nos assinala momentos transcendentais em nossa vida; por exemplo, a emissão de votos, o casamento, a morte, a recitação de orações. Também nos assinala momentos transcendentais nos grupos que integramos; por exemplo, as cerimônias e festividades anuais das Távolas.

No Cerimonial de Cafh encontramos dois aspectos: cerimônias propriamente ditas e atos cerimoniais.

As cerimônias são aqueles atos em que todos os passos já estão estabelecidos. Por exemplo, as cerimônias dos votos, do casamento, da morte, da consagração de Ordenados.

Os atos cerimoniais são os que acompanham outras ações. Por exemplo, as orações ao começar viagens, as orações que se recitam nos retiros, os passos que anunciam os diferentes momentos das reuniões.

Também são atos cerimoniais a recitação das orações estabelecidas no Cerimonial de Cafh.

Os membros de Cafh respeitamos e nos ajustamos ao Cerimonial como uma forma de reverenciar o divino, mostrar respeito pelos seres humanos que nos rodeiam e cultivar o amor pela manifestação do divino na Terra.

3. PERGUNTAS USUAIS ACERCA DE ASPECTOS DO REGULAMENTO

Os membros de Cafh costumamos perguntar sobre aspectos do Regulamento que se referem a nosso método de vida. As perguntas mais comuns podem ser agrupadas nas que se referem a meios que nos vinculam a Grande Corrente, como as orações, os Protetores e a bênção, e as que se referem a oferendas, como as contribuições, o trabalho manual e a missão anual.

Recordemos que chamamos Grande Corrente à conjunção da força dos Mestres que projetam a Idéia Mãe sobre a humanidade, com *a força da intenção, dos pensamentos e sentimentos que nós, seres humanos, geramos para realizar nossos propósitos*. Esta conjunção pode ser de choque ou harmônica.

Quando a conjunção é de choque porque nossos propósitos não harmonizam com a Idéia Mãe, o desenvolvimento, embora ocorra, é lento e penoso.

Quando nossos propósitos harmonizam com a Idéia Mãe, gera-se uma força que acelera o desenvolvimento. Chamamos *Poder da Grande Corrente* a esta força harmônica que nos impulsiona a cumprir com plenitude nosso destino, de acordo com a Idéia Mãe que nos rege nesta etapa do Plano de Evolução Universal.

As orações, a invocação da assistência dos protetores e a bênção que se mencionam no Regulamento são formas de nos vincularmos com o Poder da Grande Corrente e de procurar e receber o amparo e a assistência que ansiamos ter em nossas vidas.

As orações

Além das orações que podemos dizer a nosso arbítrio, encontramos no Regulamento versículos e orações que dizemos em circunstâncias determinadas, como as de mesa, de ação de graças, das reuniões, dos retiros, e outras vinculadas com as cerimônias.

As orações podem ser consideradas de dois pontos de vista: o de nossa relação com o divino e o do poder das orações em si mesmas.

Orar é uma das formas como nos relacionamos com Deus. É uma comunicação íntima, sem testemunhas, entre nossa alma e o divino. Podemos orar de forma silenciosa ou vocal, mas nossa relação com Deus permanece no âmbito de nosso interior.

As orações são constituídas por palavras. A palavra é vibração, e a vibração tem poder.

Nossas palavras têm poder de acordo com a intenção e com os sentimentos que nos movem a dizê-las, com o que sentimos ao dizê-las, e com a maneira como as dizemos. Não é o mesmo o poder de um comentário dito com descaso que o de uma afirmação dita com convicção e energia. Por exemplo, a energia que nos move a efetuar algo não a mesma quando dizemos “Sim... quando puder vou fazê-lo...” que quando afirmamos “Hoje vou terminá-lo sem falta!”

As orações estabelecidas no Cerimonial são vocais e, conforme as ocasiões, são particulares ou recitadas em grupo. Da mesma forma que quando falamos, as orações têm o poder que damos a elas pela intenção e o sentimento com que as recitamos. Chamamos poder da oração à força que emana delas e que propicia a realização da intenção que nos move a dizê-las.

O Cerimonial estabelece orações que, além do poder que podemos dar-lhes com a intenção e o amor com que as dizemos, têm poder em si mesmas. Este poder provém de três fontes:

- Das inumeráveis vezes que foram recitadas e da força da intenção e do fervor com que foram ditas ao longo de séculos, talvez milênios. Exemplo destas orações são os salmos.

- Do poder das palavras que as compõem e da maneira que estas se combinam. Exemplo destas orações são os Om e os versículos que figuram no Cerimonial.
- Da forma como vocalizamos as palavras da oração e do versículo. Como bem sabem os que pronunciam mantras, sustentar a nota e a intensidade da voz é tão importante como as palavras que formam a oração ou o versículo que se recita, para que obtenha todo seu poder.

As orações e os versículos do Cerimonial estão escritos no idioma em que Cafh os recebeu de uma tradição que vem de tempos antigos. Também podem ser recitados no idioma vernáculo. Ditos no idioma original, ao poder do significado, ao sentimento e à intenção se agrega o poder das palavras vocalizadas em sua forma original e o da vibração acumulada através de milênios de repetições nessa mesma língua.

As orações que estão no idioma Arypal têm grande poder; são um tesouro que Cafh recebeu através de Ordens que souberam preservá-lo e que provém de um tempo que, por ser tão remoto, desconhecemos. Este tesouro está sob nossa custódia. Não encontramos referências acerca do Arypal nos estudos sobre línguas antigas que existem na atualidade.

Lemos no curso *Cerimoniais, Orações e Hinos*:

“O Arypal era considerado um idioma sagrado. Tinha quarenta e nove letras, das quais sete eram vogais; além disso, tinha uma Vogal Insonora, que unicamente se pronunciava para nomear a Deus.

“Do Arypal nasceram os idiomas posteriores: o zenzar, hoje em dia completamente esquecido, o sânscrito puro, o pali, o grego e o latim”.

....

“O Arypal sofreu, com o passar dos séculos, diversas e variadas transformações, e foi se adaptando às modalidades gramaticais e fonéticas de idiomas mais modernos”.

O que conservou, de um valor verdadeiramente arcaico, são algumas vozes que se costuma chamar “formas potenciais”; estas, sem ser verbo, nem advérbio, nem adjetivo, serve, para as três funções indistintamente e, às vezes, encerram toda uma frase.

Ote, por exemplo, pode significar “igual”, “comparação”, e até encerrar o significado do valor da substância cósmica potencial.

Ank simboliza a vida, tudo o que emana da vida, o espírito feito carne; e, às vezes significa “de” (caso genitivo).

Abe algumas vezes significa “para”; e outras, “caminhar” ou “unir”.

E, às vezes significa “juntos”, conjuntamente; outras vezes usa-se como advérbio de diminuição. “Ai”, “asher”, “al” e “cam”, são também formas potenciais.

Estas adquirem, às vezes, maior força e outras vezes perdem força, se vão seguidas da letra *k* ou da letra *e*, por exemplo: “otek”, “anke”, “came”.

“Perderam-se quase por completo as conjunções dos verbos; as formas que se observam nos mesmos são similares às gregas e às latinas.

...

“Para algumas idéias há muitos sinônimos, escasseando para outras; abundam entre as que se referem à natureza, aos elementos naturais; e escasseiam no que se refere a sentimentos internos ou impulsos interiores.

“Mas para expressar a idéia de Deus, da Mãe Divina e dos poderes superiores, tem vozes de um som maravilhoso; nomes que são Verbo e expressão ao mesmo tempo. Se bem este idioma não seja senão relíquia que chegou até nós através de alguns hinos carregados de ulteriores modismos, afetações e formas gramaticais, quando se vocaliza gera a vibração própria do Arypal original”.

Os Protetores

A humanidade se desenvolve ao longo de sua história impulsionada por seres que consagram a vida a abrir caminho em todos os aspectos do desenvolvimento, aos quais chamamos Mestres. Eles ampliam nossas idéias e nos guiam para que possamos realizar as possibilidades que desconhecemos; também nos dão exemplo de uma dedicação, uma perseverança e uma abnegação que constituem valores que nos sustentam e iluminam. Alguns de nós cremos por fé ou por experiência própria que os Mestres quer seja vivendo sobre a Terra ou existindo em outros planos, continuam sua obra benéfica a nós dirigida.

A maioria dos seres humanos sentimos e sabemos que necessitamos essa ajuda; por isso, desde sempre temos orientado nosso olhar interior àqueles que assistiram e impulsionaram o desenvolvimento humano, especialmente àqueles que encarnaram os valores espirituais que sustentam nossa vocação.

Quando se funda uma Távola, o Cavaleiro Grande Mestre ou Dama Grande Mestre a põe sob a tutela de um Mestre a que chamamos de Protetor ou Protetora da Távola. Acudimos a estes Protetores em nossa oração com o fim de que guiem nossos passos e nos assistam para que possamos realizar nossos propósitos e nosso ideal espiritual.

Ao nobre propósito que nos move ao invocar os Protetores das Távolas se une a energia benéfica que parte de sua força espiritual e que nos chega através do Poder da Grande Corrente.

A benção

Ao tratar do tema das orações dissemos que as palavras têm poder. Por outro lado, a combinação de certas palavras tem um poder particular; quando essa combinação de palavras se fixa em uma fórmula que se repete de uma certa maneira para atrair forças de bem para uma pessoa, uma coisa ou uma obra, nós a chamamos *fórmula de benção*. Para que a fórmula da benção seja efetiva, quem a transmite tem que acompanhá-la com uma intenção e um sentimento que esteja de acordo com o bem que se deseja transmitir.

Os membros de Cafh contamos com a benção Ired. Esta benção transmitida pelos Delegados/as aos membros de suas Távolas é precedida por uma invocação à Divina Mãe e acompanhada pelo signo de Ank feito com a mão esquerda. Desta maneira a assistência divina chega a cada um de nós.

O poder da benção Ired é comunicado somente aos membros de Cafh que, por terem emitido o voto perpétuo de completo renunciamento a si mesmos cumprem a função sacerdotal de consagrar suas vidas totalmente para o bem das almas. O poder desta benção é comunicado unicamente durante a Assembléia de Plenilúnio a quem o Cavaleiro ou Dama Grande Mestre autorize de forma expressa. Esta benção serve de canal pelo qual o Poder da Grande Corrente chega a quem é abençoado.

Transmitir a benção Ired fica ao bom critério e prudência daqueles que receberam esse poder. Em particular, os Delegados e as Delegadas velam para que a Grande Corrente bendiga a todos os membros da Távola que assistem e transmitem a benção Ired a cada um deles.

As contribuições

Segundo o Regulamento, os membros de Cafh temos a obrigação moral de fazer contribuições para a manutenção das obras sustentadas por Cafh. Este aporte econômico tem grande importância para o crescimento e a expansão da obra de Cafh e para a atenção das Távolas e de seus membros.

As casas de retiro, as sedes para as instituições amparadas por Cafh, os gastos para realizar as Visitas Anuais e a Assembléia de Plenilúnio são, entre outras, algumas das obrigações econômicas com que se deparam as instituições amparadas por Cafh para realizar sua obra.

O Regulamento estabelece que nossas contribuições são uma obrigação moral porque não fiscaliza como as cumprimos, mas apela a nosso sentido de participação. O Regulamento não interfere com as decisões que tomamos e que são ditadas por nossa consciência.

As leis civis, em geral, cuidam para que não nos firamos uns aos outros e que respeitemos a liberdade dos demais. Também estabelecem nossas obrigações impositivas ineludíveis para poder administrar o governo e prover para o bem comum. No entanto, as contribuições para as obras de bem são deixadas a critério dos cidadãos, de acordo com seu nível de compromisso. Cafh adere a este princípio; isto é, que colaborar com a obra de Cafh é uma obrigação moral e que cada membro de Cafh, conforme sua consciência, determina como irá cumpri-la. Nossas contribuições são uma forma de expressar o grau de empatia, de solidariedade e de participação que desenvolvemos no que se refere a obra de Cafh, não somente em conceitos teóricos mas de forma efetiva e prática, para nosso benefício e para o da humanidade.

Nossas contribuições para a manutenção das atividades de Cafh expressam a forma em que assumimos essas atividades como próprias. A contribuição é uma forma de reconhecer que não temos direito a usufruir do que os outros financiam.

Nossas contribuições para as obras amparadas por Cafh são a forma como expressamos nosso sentido de agradecimento pelo que Cafh nos oferece e nosso sentido de compromisso para fazer com que a ensinança de Cafh chegue a mais e mais almas. Através de nossas contribuições efetivas se faz concreta e evidente nossa participação espiritual com a sociedade.

O trabalho anual

Todos os anos nosso grupo recebe a visita do Cavaleiro Grande Mestre ou Dama Grande Mestre ou de um de seus Delegados ou suas Delegadas. Nessas ocasiões apresentamos um trabalho que expressa o fruto de nosso labor durante esse ano e que oferecemos para que possa ser usado com proveito por outros membros de Cafh ou por pessoas da sociedade em que vivemos. Efetuar o trabalho anual ajuda a ter presente que o labor espiritual que fazemos individualmente e com o grupo transcende o interesse particular que possamos ter nele e inclui o benefício daqueles que nos rodeiam.

O trabalho anual pode ser um trabalho efetuado pelo grupo em seu conjunto, como também trabalhos feitos de forma individual por cada membro do grupo. Os trabalhos podem ser de índole diversa. Por exemplo, podem ser trabalhos escritos ou audiovisuais que comentam ou elaboram sobre conceitos das ensinanças; ou trabalhos artísticos ou manuais através dos quais o grupo expressa uma forma de compreender e de sentir. Também podem consistir em resenhas de trabalhos que o grupo em seu conjunto ou seus membros separadamente tenham efetivado para o benefício da sociedade em que vivem.

Os trabalhos que sejam de utilidade para a Távola ou para todos os membros de Cafh são postos à disposição daqueles que possam aproveitá-los.

A missão anual

Todos os anos, durante a cerimônia de início das reuniões, recebemos uma missão a cumprir durante o ano. A mesma missão anual pode envolver um indivíduo, o grupo ou todos os membros de Cafh.

Uma das finalidades da missão é tornar efetivo nosso sentido de participação com uma contribuição que beneficie a sociedade, quer seja através de um trabalho interior como de um exterior.

A missão anual é uma obra em que unimos nossa intenção com nossos atos em pó de um bem que transcenda nossa vida particular.

Aparentemente, a missão consiste em fazer algo que beneficia somente a nós mesmos. No entanto, quando a fazem todos os membros de Cafh, cada um cumprindo a missão que lhe cabe, esses atos individuais adquirem a dimensão do corpo místico de Cafh e têm um poder que supera o que cada um de nós, de forma separada, poderia realizar.

4. A DOUTRINA DE CAFH – POSTULADOS E PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS

Postulados

Cafh tem os seguintes postulados:

O princípio fundamental do universo – Deus – transcende nossa compreensão atual.

Por ter *consciência* – percepção inteligente de si mesmo e de seu campo de ação – e *vontade* – capacidade de propor-nos objetivos e de realizá-los – os seres humanos temos inumeráveis possibilidades no que diz respeito a nosso desenvolvimento.

Os membros de Cafh sustentamos que desenvolver-nos espiritualmente é nossa tarefa fundamental e que, através de nosso desenvolvimento espiritual, podemos chegar a conhecer a nós mesmos e compreender nossa relação com a vida, o mundo e o divino.

Os membros de Cafh sustentamos que para aplicar frutiferamente o que aprendemos é nossa forma de participar com a sociedade e, assim, conseguir paz e felicidade para nós e gerar paz e adiantamento para a humanidade.

Comentários

Cafh nos oferece um caminho de desenvolvimento apto para todos, para que possamos realizar nossas possibilidades de acordo com a nossa vontade e nossas características.

Chamamos ter vocação espiritual aplicar nossa vontade a desenvolver-nos espiritualmente.

Como enfatizamos a responsabilidade e a capacidade individual de aprender, não aderimos a dogmatismos irredutíveis nem nos submetemos a personalidades carismáticas ou de outra índole.

Cuidamos para não confundir a hierarquia de funções com a superioridade de algumas pessoas sobre outras. Por isto, os membros de Cafh não nos catalogamos como Mestres e discípulos. A busca do divino é individual; aqueles que empreendemos essa busca somos companheiros de caminho.

Princípios fundamentais

Os seres humanos temos o direito de exercer a liberdade de pensar, sentir e decidir sobre nossa vida sem a interferência de outros.

O exercício da liberdade é básico para o desenvolvimento humano e nos dá inumeráveis possibilidades; entre elas, a de assumir compromissos com nós mesmos, com os demais e com Deus. Uma vez que tenhamos assumido compromissos, o exercício da liberdade consiste em cumpri-los com fidelidade.

O direito à liberdade implica responsabilidade no exercício dessa liberdade. O desenvolvimento da responsabilidade faz com que o exercício da liberdade dê frutos de paz e felicidade.

Comentários

A ensinança de Cafh tem como objetivo nos ajudar a expandir nossa consciência com uma visão atualizada da vida e do mundo. A expansão da consciência desenvolve, entre outros valores, o sentido da responsabilidade.

A Renúncia é a base da ensinança de Cafh e é ensinada através da Ascética da Renúncia e da Mística do Coração.

A aceitação da limitação de nosso entendimento e a vontade de desenvolver a compreensão de nós mesmos, da vida e do mundo, são as bases firmes de nosso caminho de desenvolvimento.

Com estes postulados e princípios fundamentais Cafh promove nosso desenvolvimento espiritual.

Cafh se brinda sem discriminação a todos os seres humanos para estimular seu desenvolvimento. Suas ensinanças se expressam através das instituições patrocinadas por Cafh e, particularmente, pela maneira como seus membros as aplicam em suas vidas.

Cafh não tem as respostas últimas nem tampouco a solução para os problemas do mundo, mas provê meios para desenvolver uma humanidade mais harmônica e contribuir para o advento de uma religião universal na qual se harmonizem os princípios fundamentais das diferentes crenças atuais.

5. A DOUTRINA DE CAFH – CARACTERÍSTICAS

A doutrina de Cafh é universal, inclusiva. Abstém-se de assinalar quem está certo e quem está errado. Ao contrário, põe de manifesto a unidade fundamental de todos os caminhos que impulsionam o desenvolvimento dos seres humanos.

A doutrina de Cafh é simples:

- A liberdade tem dois aspectos, um interior e outro exterior.
- A liberdade interior depende do grau de sabedoria e de autodomínio do indivíduo. Ninguém tem o direito de limitar a liberdade interior de outro ser humano. Quem desenvolve liberdade interior trabalha para a paz e a felicidade no mundo.
- A liberdade exterior se exerce dentro dos limites marcados pela responsabilidade social e o sentido de participação. Na medida em que nos desenvolvemos, nossa conduta se faz cada vez menos arbitrária e melhor responde à necessidade de desenvolvimento de nós mesmos e de todos os seres humanos. Disso deriva a necessidade de que cada um de nós chegue a ser dono de seus pensamentos, sentimentos e ações. Este domínio é a base do conhecimento de si mesmo e da liberdade que podemos exercer. Cafh nos insta a respeitar o conceito de que nossa liberdade termina aonde começa a liberdade do próximo.
- A verdade não é propriedade nem de um indivíduo nem de uma instituição. A verdade é descoberta em nosso interior e em nossa experiência, na medida em que avançamos em nosso desenvolvimento espiritual.
- As asseverações que não são evidentes por si mesmas ou que não corroboradas pela experiência são só possibilidades. É interessante e às vezes estimulante comparar as diversas teorias sobre a vida e o mundo. Mas, definitivamente, cada um deve comprovar a veracidade de suas interpretações através de sua própria experiência.
- Para desenvolver-nos espiritualmente, mais que professar uma crença determinada, é necessário contar com uma visão do mundo e da vida que possa servir de base conceitual para o trabalho concreto sobre nossa conduta.

Cafh nos oferece uma visão do mundo baseada no conhecimento universal, centrada no bom senso e na participação efetiva no desenvolvimento humano, na qual podemos apoiar nosso trabalho espiritual. Dessa maneira nos coloca frente a frente com o desafio de responder por nós mesmos às perguntas fundamentais através de um trabalho consciente para conhecer-nos, descobrir nossas possibilidades e realizar aquelas que promovam a expansão de nossa consciência e beneficiem a humanidade.

Cafh afirma que as doutrinas são interpretações da realidade e que, portanto, nenhum grupo humano pode sustentar que tem a doutrina verdadeira e final.

Cafh considera que querer impor uma crença ou uma maneira de pensar é uma forma clara de manipulação. Cafh vê a sociedade como uma comunidade de seres humanos individuais. Expressa seu respeito pela sociedade em seu respeito por cada ser humano. Por isso, embora Cafh ofereça uma concepção do mundo e da vida e a exponha, não a impõe a quem pensa de forma diferente, nem aos membros de Cafh, nem a outros.

Cafh propõe um pensamento universal, livre de sectarismos e antagonismos, atualizado através do desenvolvimento do indivíduo.

Cafh colabora no surgimento de uma religião universal que harmonize as idéias fundamentais das diferentes crenças de maneira que coincidam com a Idéia Mãe e dê guarida a todas as formas como os indivíduos se relacionem com o divino.

Cafh exorta cada indivíduo a reconhecer e cumprir a responsabilidade que lhe corresponde. Dessa maneira propicia o desenvolvimento pessoal e o adiantamento da humanidade.

A paz e a felicidade não vêm de fora – governos, instituições, ideologias, crenças – mas provêm do próprio ser, de sua disposição para compreender-se e de sua vontade de amar e desenvolver-se. Na medida em que o ser avança em seu desenvolvimento, nessa medida alcança paz em si mesmo e gera paz no mundo.

Quando cada um tiver paz em seu coração, haverá paz e felicidade no mundo.

A Doutrina de Cafh se expressa através de sua Ensinança.

6. A DOUTRINA DE CAFH – A ENSINANÇA

Características da Ensinança de Cafh

Cafh expõe sua visão do mundo e da vida na ensinança. Esta se compõe de:

A ensinança de Cafh: Conceitos próprios de Cafh que expressam sua visão do mundo e da vida.

A ensinança universal: Pontos de vista compartilhados por diversas religiões, filosofias e doutrinas espirituais.

Além disso, aqueles que transmitem as ensinanças contribuem com as compreensões que alcançam através de sua experiência pessoal.

O objetivo da ensinança de Cafh é o desenvolvimento do indivíduo, sem impor-lhe um sistema de idéias nem um dogma como objeto de fé.

Os oradores têm especial cuidado para que os conceitos que expressam não se fixem em dogmas. Por essa razão, as ensinanças se renovam de acordo com o adiantamento do conhecimento humano. Os apontamentos de ensinança são apoios conceituais, que se referem a um momento e a uma circunstância, pontos de partida para, a partir dali, avançar no descobrimento do insondável mistério da realidade da vida e da razão de ser da existência.

A Ensinança de Cafh apresenta uma visão da vida e do mundo, sem exigir que se creia nelas; cada um deve verificá-la através de seu desenvolvimento e sua experiência individual.

A Ensinança de Cafh respeita as diferentes teorias sobre o mundo e a vida, mas aceita como verdade somente aquilo que é evidente e verificável pela experiência.

A Ensinança de Cafh fomenta não somente o estudo de seu ponto de vista, mas também os de outras concepções, para que cada um desenvolva seu discernimento e alcance uma visão universal de si mesmo e do mundo.

A Ensinança de Cafh assevera que as grandes religiões contêm em essência as verdades fundamentais; que o conhecimento de suas diferentes concepções permite compreendê-las em seu contexto e dentro do grande conjunto de idéias sobre a vida e o mundo.

A Ensinança de Cafh sugere que a visão do mundo e da vida se amplia expandindo a consciência através do desenvolvimento interior e da compreensão de diferentes pontos de vista.

A Ensinança de Cafh assevera que uma religião universal pode orientar a humanidade rumo à solução definitiva das lutas entre os seres humanos e problemas econômicos e sociais que os acometem.

Significado de Termos que aparecem na Ensinança de Cafh

Deus

Na Ensinança de Cafh, a palavra Deus expressa o princípio fundamental do universo, o espírito eterno que anima a manifestação.

Os membros de Cafh costumamos reverenciar Deus na imagem feminina da Divina Mãe.

A Divina Mãe é, em Cafh, o principal ponto de atenção e veneração como expressão da obra, do amor e da onipotência de Deus.

A Ensinança de Cafh reconhece na Divina Mãe um estado potencial e outro ativo.

Chama Hes ao estado potencial – o que ainda não é.

Chama Ahehia ao estado ativo – o que está sendo.

A Divina Encarnação

O divino encarna periodicamente sobre a Terra para impregnar tudo com sua presença, iluminar nossas mentes e predispor-nos à união divina. Ao divino encarnado que vive entre nós como um ser humano e participa de todas as vicissitudes de nossas vidas chamamos *Forte Libertador*.

O que é feito pela divina encarnação – dar dimensão cósmica à consciência do ser humano – e abarca a consciência da humanidade, deve ser repetido por cada um de nós em si mesmo, aplicando sua vontade e seu esforço. O canal que nós é aberto rumo ao divino pelo Forte Libertador deve ser percorrido por nós mesmos, em todo seu percurso.

Chamamos encarnação ao ato pelo qual o divino toma um corpo humano.

Chamamos redenção ao ato divino de abrir aos seres humanos, plenamente, a possibilidade de alcançar a união com Deus.

Chamamos união com Deus, ou união divina, à identificação de nossa consciência com a consciência cósmica.

Alma

A palavra alma tem diversas acepções.

A acepção mais corrente é a mais usada neste curso e quer dizer: ser humano ou pessoa.

No pensamento religioso, alma é a parte imortal do indivíduo.

Também, a alma de uma pessoa é o complexo de atributos humanos que se expressam como consciência, pensamento, sentimento e vontade.

No curso *O Devenir* lemos:

"A alma é a mente do ser humano; é real pelas manifestações que a determinam, embora seja invisível por sua espécie.", e que está constituída pela mente instintiva, a mente compreensiva e a mente intuitiva.

"...Na mente instintiva estão registradas todas as experiências feitas e nela se originam os impulsos que se expressam no ser humano.

"...A mente compreensiva é a parte da alma que analisa as idéias e controla os sentimentos; observa o material exposto, considera os resultados e não permite que o instinto prevaleça sobre o entendimento.

"...O ser humano atual está desenvolvendo a mente compreensiva. Embora ainda não possa dominar todas as manifestações do instinto, já não é puramente instintivo.

"...A mente intuitiva é a potencia da alma que conhece as coisas em si e as expressa sem variantes." É uma faculdade que ainda temos que desenvolver.

O Plano de Evolução Universal

A Ensino de Cafh considera que a manifestação tem uma finalidade, e que a vida segue um trajeto progressivo rumo a essa finalidade.

A Ensino de Cafh denomina Plano de Evolução Universal ao esquema divino que rege a vida no cumprimento de sua finalidade.

A Idéia Mãe

A Ensino de Cafh considera que o Plano de Evolução Universal se desenvolve por etapas, e chama Idéia Mãe a finalidade que os seres humanos temos que realizar em cada uma dessas etapas.

A Ensinança de Cafh considera que a Idéia Mãe no período de desenvolvimento atual nos impulsiona a harmonizar os valores que promovem o adiantamento pessoal com valores universais que se expressam em atitudes e ações que conduzam rumo ao nosso fim último, a união divina.

A Ensinança de Cafh considera que na medida em que a alma realiza a egoência atualiza a Idéia Mãe em sua vida cotidiana.

A Grande Obra

A Ensinança de Cafh chama Grande Obra ao conjunto das obras materiais, intelectuais e espirituais que os seres humanos efetuamos para realizar nosso destino, de acordo com o Plano de Evolução Universal.

Como não temos uma consciência plena e atual da finalidade última de nossas obras, nem todas as nossas ações propiciam a realização do Plano de Evolução Universal. As que coincidem com a finalidade última aceleram nosso desenvolvimento e nos conferem plenitude; as que não, retardam nossa evolução e nos ocasionam sofrimento. Mas, em seu conjunto, todas elas nos movem a cumprir a finalidade de nossas vidas.

A Ensinança de Cafh chama Integridade da Grande Obra ao conjunto de obras materiais, intelectuais e espirituais que realizamos em harmonia com o Plano de Evolução Universal.

A Grande Corrente

A Ensinança de Cafh chama Grande Corrente à conjunção da força dos Mestres² que projetam a Idéia Mãe sobre a humanidade com a força da intenção, dos pensamentos e dos sentimentos que geramos para realizar nossos propósitos. Quando estes propósitos se harmonizam com a Idéia Mãe, gera-se uma força que acelera nosso desenvolvimento. Conseqüentemente, a conjunção harmônica destas forças é benéfica e construtiva para nós, para nosso meio e para a humanidade.

Chamamos Poder da Grande Corrente a esta poderosa força que nos impulsiona a cumprir com plenitude nosso destino, de acordo com a Idéia Mãe que nos rege nesta etapa do Plano de Evolução Universal.

A Graça

A Ensinança de Cafh chama graça à direção, a assistência e a proteção divina que recebemos dos Mestres³, de acordo com o Plano de Evolução Universal. Quando, através de nossa intenção e nossos atos, nos colocamos em sintonia com a Grande Corrente, a graça divina se atualiza em nós e ampara nosso desenvolvimento.

O Devenir

O Plano de Evolução Universal é levado a cabo graças ao processo de mudança que chamamos Devenir. É óbvio que para que haja evolução deve haver mudança.

De um ponto de vista amplo, o devenir é a sucessão de mudanças que observamos no cosmos. De um ponto de vista mais restrito, o devenir é a sucessão de mudanças que experimentamos ao longo do processo de expansão de nossa consciência.

Do ponto de vista individual, o devenir é tanto *ir sendo* como o *processo de ser*, ou seja, devenir é *ser em processo*. O devenir é a mudança permanente de um presente que devém em passado e de um futuro que devém em presente.

² Ver: A Idéia Mãe

³ Ver: A Idéia Mãe

O Devenir e a Lei da Renúncia

Chamamos *renúncia* ao devenir atuando na vida tal qual a percebemos e interpretamos. De acordo com nosso nível de desenvolvimento e a situação em que nos encontramos, é como interpretamos os efeitos do devenir em nossas vidas e também o que é renunciar. Por exemplo, as mudanças que experimentamos quando estamos crescendo, nós as vemos como positivas e estimulantes. Na adolescência não dizemos "perdi minha infância" mas sim "Sou um adolescente! Quero liberdade de ação!" Mas, quando entramos na terceira idade começamos a interpretar as mudanças como perdas, pois aos nossos olhos essas mudanças nos aproximam da morte. Em geral, para a maioria de nós, a renúncia é o devenir em sua forma negativa. Ao devenir em sua forma positiva denominamos vida normal, sorte, direito adquirido a ser feliz, ou de qualquer outro modo atrativo. No entanto, as mudanças são a essência de nossa possibilidade de desenvolvimento, tanto as mudanças positivas como as que vemos como negativas ou despojadoras. Então, a renúncia – o devenir expresso na vida do ser humano – é sinônimo de nossa possibilidade de desenvolvimento.

A vida se apresenta para nós como um presente contínuo. Não podemos repetir o que já ocorreu nem antecipar o que ainda não é. Em conseqüência, não podemos reter nada, nem sequer de forma temporária, já que o presente é como uma gota de mercúrio que sempre está ali, mas que não podemos agarrar.

A mudança contínua do devenir implica, então, que viver é renunciar também de forma contínua. Sobre esta realidade nos baseamos para dizer que a renúncia é uma lei. Entender que a renúncia é uma lei nos libera da ilusão de crer que depende de nós se nos desprendemos ou não do que entesouramos. A realidade é que a própria vida, segundo a segundo, nos leva a desprender-nos de tudo que entesouramos.

Vivemos a renúncia como prática ascética-mística através de três atitudes diante da vida: presença, participação e reversibilidade.

Presença

Presença significa manter-nos no presente. Fechamos a porta à fuga do momento. Se recordamos, é para compreender o que estamos vivendo; se antecipamos, é para discernir o que temos que fazer agora.

Em um contexto maior, manter-nos no presente é estar consciente do grande contexto da vida. Em relação com a noção de ser, é manter-nos conscientes do divino em nós e de nós no mundo e na vida. No contexto da humanidade, é manter-nos presentes na sociedade, estimular seu adiantamento e produzir em nós mesmos as mudanças que quisermos produzir nos demais e no mundo. Isto nos conduz a:

Participação

Com o contexto universal, ao expandir os limites da visão que temos de nós mesmos e do mundo em que vivemos.

Com o contexto humano – todos os seres humanos – pela prática da economia providencial com o conseqüente desenvolvimento de uma atitude aberta e solidária, permeável à mensagem do meio e da vida. Isto implica:

Reversibilidade

Na harmonia dos opostos, é saber estar plenamente aqui e agora sem perder a consciência do eterno presente. O particular e o geral, o individual e o coletivo, eu e a humanidade, são duas faces de uma mesma realidade. Alcançar reversibilidade é assentar nossa consciência sobre a realidade, reconhecendo a validade de todas as suas expressões.

Na problemática pessoal, é localizar nossos problemas pessoais no contexto dos problemas alheios e dos gerais. Isto nos leva a compreender a ilusão de buscar uma felicidade particular, separada do meio em que vivemos.

O presente é, em parte, o resultado da interação entre as possibilidades do agora com as conseqüências dos instantes passados; não somente dos que nós vivemos, mas daqueles além de nosso mundo particular. Esta interação é regida por três leis: a Lei de Predestinação Consecutiva, a Lei Arbitral de Possibilidades e a Labareda.

A Lei de Predestinação Consecutiva

A Lei de Predestinação Consecutiva determina a situação em que nos encontramos em cada momento de nossa vida. Nosso presente é o resultado da sinergia produzida por nossas ações passadas. Nossas ações, por sua vez, têm lugar dentro do contexto criado pelas ações dos demais seres humanos ao longo do tempo. A sinergia de nossas ações está intimamente ligada às ações sinérgicas de toda a humanidade.

Embora o contexto em que vivemos seja criado pelas múltiplas ações da humanidade, cada um de nós é um fator participante e influi na maneira em que ocorrem as mudanças e em suas conseqüências no desenvolvimento humano.

Dentro de nosso contexto individual, cada ação nossa, e também nossos estados mentais, emocionais, e inclusive nossas intenções, determinam as conseqüências que nos afetam instante após instante – e em sua medida, as conseqüências que têm que enfrentar aqueles que nos rodeiam e a humanidade em geral.

Cada ação tem um efeito. A concatenação de efeitos produz conseqüências que, muitas vezes, aparecem como desconectadas de qualquer ação específica. É difícil para nós relacionar causa e efeito devido ao efeito sinérgico de muitas causas e efeitos todos atuando simultaneamente e ao longo do tempo. É por isso que, ao considerar as conseqüências de nossas ações, temos que ter em conta muito mais que os efeitos imediatos que percebemos. A sucessão de efeitos produzidos por cada ação se perde na imediatidade de nossa percepção, mas atua indefectivelmente em nosso destino e no da humanidade. Fazendo uma analogia, as conseqüências da esteira que a embarcação na qual navegamos vai deixando ao longo do rio supera o efeito visual que nos agrada contemplar da popa. A corrente que nossa embarcação produz influi, por exemplo, em qual peixe come e em qual é comido e, quando as ondas erodem as margens, determinam que árvores irão cair, que casas serão destruídas. E ainda mais, afetam diretamente a vida das pessoas que vivem nelas e de muitas outras que se relacionam com essas pessoas.

Muitas de nossas decisões afetam a nós e a outros de maneira mais transcendente do que a que podemos associar com a importância que damos ao que estamos fazendo. Podemos imaginar quanto mais nos afetam as conseqüências das decisões que tomamos sobre como orientar nossa vida.

A Lei Arbitral de Possibilidades

A Lei Arbitral de Possibilidades estabelece o marco em que exercemos nosso livre arbítrio.

Embora estejamos sujeitos à Lei de Predestinação Consecutiva, podemos decidir como responder diante das situações que se nos apresentam e, dessa maneira, acelerar ou retardar nosso desenvolvimento e adiantamento humano. Isto significa que, no contexto da Idéia Mãe, fica ao nosso arbítrio a forma como respondemos aos efeitos da Lei de Predestinação Consecutiva e a celeridade com que realizamos o fim último, não somente de nosso destino, mas também o da humanidade em seu conjunto.

A Lei de Predestinação Consecutiva e a Lei Arbitral de Possibilidades operam simultaneamente e de forma harmônica. Lei de Predestinação Consecutiva contextualiza a onda de causas e efeitos de nossas ações no marco da Idéia Mãe. A Lei Arbitral de Possibilidades nos dá a oportunidade de corrigir a direção que nossa vida toma, para o bem ou para o mal. Se nossas ações nos orientam rumo a realização da Idéia Mãe, geramos adiantamento e plenitude; do contrário, causamos sofrimento, tanto a nós mesmos como à humanidade.

A Labareda

Chamamos *A Labareda* a tomada de consciência que experimentamos no momento em que descobrimos a conexão que existe entre nosso livre-arbítrio e a possibilidade de realizar a Idéia Mãe que rege nossa vida. Experimentamos essa descoberta como um anseio de progredir e de dedicar nossa vida a produzir nosso desenvolvimento. Em outras palavras, *A Labareda* é o momento em que nossa vocação de desenvolvimento desperta.

Dizemos que a *Labareda* é uma lei porque o anseio de desenvolver-nos é um fato que se apresenta em um momento da vida de todos os seres humanos. Depois desse momento podemos confirmar ou ignorar esse chamado interior. De acordo com a forma como respondemos a ele será o ritmo de nosso desenvolvimento, e também serão as dores e as plenitudes que iremos encontrar e a contribuição que faremos para o progresso da humanidade.

Economia Providencial

A economia providencial é, de acordo com a ensinança de Cafh, o uso sábio dos recursos disponíveis com o objetivo de levar a cabo a finalidade última da vida de acordo com a Idéia Mãe e, por conseguinte, com o Plano de Evolução Universal.

Chamamos economia providencial, então, à sábia administração dos recursos necessários para o desenvolvimento humano e a evolução da vida sobre a Terra. Dizemos *economia* porque se trata da produção, conservação e multiplicação de recursos necessários e úteis ao desenvolvimento. Dizemos *providencial* no sentido de que provê o que requeremos nós e os demais seres para alcançar o fim desejado; neste caso, a plena realização das mais altas possibilidades da vida sobre a terra.

O Corpo de Fogo

O Ired é a Mensagem da Divina Mãe, transmite-se através de Foá, a Força do Amor, e se manifesta no Poder da Grande Corrente. Os membros de Cafh, por prestarmos nosso corpo para que seja descarga de Foá na terra e por nossa oferenda voluntária e continuada, transmudamos o corpo físico dando-lhe características mais sutis e formamos o Corpo de Fogo. Este corpo nos reveste como um véu, uma luz que envolve nosso corpo físico.

A transmutação do corpo físico e a formação do Corpo de Fogo se efetuam por etapas, mas o nascimento do Corpo de Fogo ocorre no momento de nosso ingresso em Cafh. A profundidade com que compreendemos tanto esse momento como a transcendência que tem para nossa vida formar parte de Cafh, determina em grande medida nossa participação na Obra de Cafh. As sucessivas oferendas, os votos, as responsabilidades e deveres, serão confirmações da orientação que já demos a nossa vida.

A semelhança entre os Corpos de Fogo dos membros de Cafh se produz pelo esforço interior e conjugado em realizar nossa vocação espiritual. Na medida em que nos desenvolvemos aumenta essa semelhança, a qual é mais notável que a semelhança devida a fatores genéticos.

Os Corpos de Fogo, pelos laços de fraternidade que geram, formam uma corrente mística que nos une indissolavelmente e dá vida ao corpo místico de Cafh.

As Estrelas Celestes

As Estrelas Celestes são os sete nomes místicos com que Cafh identifica os diferentes aspectos do desenvolvimento espiritual das almas.

HES é a primeira estrela. Simboliza a Idéia Mãe, a qual estabelece a linha de nosso desenvolvimento de acordo com o Plano de Evolução Universal, até alcançar o estado de egoência.

IREDA é a segunda estrela. Simboliza a Voz Divina. Os Mestres dão vida à Idéia Mãe, fazendo dela o Ired, a Voz Divina. É a estrela que nos guia ao longo de nosso desenvolvimento.

FOA é a terceira estrela. Simboliza a Potencia de Amor pela qual a Voz Divina chega e se mantém em nossa alma.

A quarta estrela é IHS. Simboliza a união de nossa natureza humana com a Voz Divina.

A quinta estrela é CAFH. Simboliza o corpo místico. Os membros de Cafh formamos uma reunião de almas que têm como objetivo viver em harmonia com a Idéia Mãe.

A sexta estrela é AEIA. Simboliza a iluminação espiritual que alcançamos quando nosso estado de participação abarca todas as almas e reconhecemos a presença divina nelas.

A sétima estrela é UNIÃO SUBSTANCIAL. Simboliza a união da alma com a Divina Mãe. Nossa alma liberada sabe quem é; não voltará a ser composta nem a estar sujeita às combinações da vida e da morte. Dizemos que a alma tem seu NOME PRÓPRIO porque, segundo a ensinança de Cafh, na união com o divino a alma alcança sua verdadeira, não repetível individualidade ou egoência. O estado de egoência é a atualização da Idéia Mãe expressa na vida da alma.

As dez palavras básicas do desenvolvimento espiritual

As mensagens anuais de 1995 a 2000 tratam sobre o processo do desenvolvimento a partir do ponto de vista das seguintes palavras:

- | | |
|----------------|----------------|
| 1. Calar | 6. Querer |
| 2. Escutar | 7. Ousar |
| 3. Recordar | 8. Julgar |
| 4. Compreender | 9. Esquecer |
| 5. Saber | 10. Transmutar |

Estas mensagens descrevem como essas palavras, além de indicar ações próprias de uma ascética, também configuram uma mística que atua sobre nossa noção de ser.

Os nomes espirituais

Ao ingressar em um grupo, os membros de Cafh recebemos um nome espiritual. Talvez o benefício mais evidente de receber este nome seja o de ajudar-nos a recordar que nos unimos ao grupo em função de nossa vocação espiritual. Estes nomes estão precedidos por uma vogal, salvo no caso do grupo de Cavaleiros.

Os nomes espirituais correspondem a nomes que povos antigos deram ao sol como fonte de vida sobre a Terra. Na simbologia de Cafh, o sol simboliza a mente.

1. LEUS (*mitologia grega*). (*Para o/a Secretário/a*)
2. ELIHO (*mitologia grega*). (*Para o/a Esmoleiro/a*)
3. SOLEM (*mitologia romana*). (*Para o/a Leitor/a*)
4. RAS (*mitologia assíria*). (*Para o/a Arquivista/a*)

5. SHEMESH (*mitologias judaica e acadiana*). (*Para o/a Orador/a*)

6. ORMUZD (*mitologia persa*). (*Para o/a Assistente*)

7. ARKA (*mitologia hindu*). (*Para o/a Chaveiro/a*)

A vogal que antecede esses nomes corresponde ao grupo a que pertencemos dentro da Távola.

Aos nomes das Damas se antepõem a letra I: ILEUS, IELIHO. . .

Aos nomes dos Escudeiros se antepõem a letra A: ALEUS, AELIHO. . .

Aos nomes das Daminhas se antepõem a letra E: ELEUS, EELIHO. . .

Aos nomes dos Pajens se antepõem a O: OLEUS, OELIHO. . .

Aos nomes das Donzelas se antepõem a letra U: ULEUS, UELIHO. . .

O conselho espiritual

O objetivo do conselho espiritual é que quem o recebe aprofunde sua capacidade de discernir para orientar sua vida positivamente e adquira a força interior necessária para viver de acordo com esse discernimento.

Características do conselho espiritual

O conselho espiritual não está sujeito às crenças religiosas ou espirituais, a inclinação ou afiliação política, a situação social e econômica, tanto de quem recebe o conselho como de quem o oferece.

O conselho espiritual responde às características, necessidades e situação de quem solicita conselho e responde a sua vocação e a seu compromisso em levá-la a cabo.

O conselho espiritual não implica impor uma conduta, uma crença nem uma autoridade. Quem recebe conselho é quem determina o uso que faz dele.

Diferença entre a orientação psicológica e o conselho espiritual

A orientação psicológica tem o objetivo de ajudar a pessoa que a solicita a alcançar e manter condutas que conduzem a uma vida serena e produtiva na sociedade.

O conselho espiritual orienta a pessoa que o solicita rumo a realização da vocação espiritual.

O conselho espiritual se apóia na assistência psicológica especializada quando esta é necessária para quem recebe o conselho. Além disso, o conselheiro espiritual necessita uma boa base de conhecimentos psicológicos para compreender e poder assistir quem pede conselho. Mas mesmo com estes conhecimentos, o conselheiro espiritual não assiste psicologicamente quem necessita uma ajuda mais específica nesse sentido.

CONCEITOS BÁSICOS

1. AS CATEGORIAS

Os seres humanos nos desenvolvemos através das experiências da vida diária, do estudo, das relações interpessoais e, aqueles que temos vocação espiritual atualizada, principalmente aplicando em nossa vida diária um trabalho deliberado sobre o desenvolvimento de nosso estado de consciência.

O trabalho que os membros de Cafh nos comprometemos a realizar de forma deliberada para desenvolver nosso estado de consciência é pautado e organizado através de categorias e grupos. Tanto as categorias como os grupos expressam os compromissos que assumimos no que se refere à obra de Cafh. Expressamos estes compromissos através da emissão de votos; estes por sua vez nos dão a força e a decisão para viver em função de nossa vocação de desenvolvimento espiritual.

Os votos são de silêncio, fidelidade, obediência e renunciamento e podemos emití-los de forma temporária, solene ou perpétua. Trataremos da emissão do Voto Eterno de União mais adiante, dado que este voto se emite em circunstâncias particulares.

Ao emitirmos o primeiro voto temporário de Silêncio nos integramos em Cafh.

O grupo e a categoria a que pertencemos não refletem nossas qualidades interiores, mas nosso nível de compromisso. Nossas qualidades interiores se expressam através de nossas ações. Nossos compromissos tornam-se públicos através dos votos que emitimos.

Os grupos estão organizados em Távolas. As Távolas se agrupam por categorias.

As categorias das Távolas são de Patrocinados, Solitários e Ordenados.

A Távola na qual o Cavaleiro/Dama Grande Mestre tem seu assento é da categoria de Ordenados e se denomina Távola Mãe de Cafh. Seus membros secundam o Cavaleiro/Dama Grande Mestre na direção das Távolas e constituem um corpo consultor.

As Távolas estão organizadas em seis grupos. Os grupos e seus membros se identificam com a nomenclatura das Ordens de Cavalaria com as quais Cafh tem laços históricos e conceituais: grupos de Cavaleiros, de Damas, de Escudeiros, de Daminhas, de Pajens e de Donzelas. Esta nomenclatura é de caráter secundário e não essencial, e serve para distinguir os votos correspondentes a cada grupo e categoria.

Em cada grupo os membros de Cafh dispomos de meios adequados para nosso desenvolvimento, através de ensinanças e da aprendizagem das práticas ascéticas e místicas.

O Regulamento estabelece em linhas gerais o tempo máximo de permanência dos membros de Cafh nos diferentes grupos e categorias. No entanto, estas são recomendações e, com o aval correspondente, podem ser adaptados às necessidades e à vontade de compromisso de cada um de nós.

Os grupos geralmente estão divididos em grupos de homens e de mulheres.

As Távolas de Patrocinados estão compostas por membros que emitem Votos de Silêncio ou de Silêncio e Fidelidade, de forma temporária ou perpétua.

As Távolas de Solitários agregam, para os grupos de Daminhas e Escudeiros os Votos Solenes de Silêncio e Fidelidade e para as Damas e Cavaleiros, os Votos Perpétuos de Silêncio, de Fidelidade e o de Obediência ao Cavaleiro/Dama Grande Mestre.

As Távolas de Ordenados agregam aos Votos temporários ou solenes de Silêncio, Fidelidade e Obediência, o Voto de Renunciamento de forma solene ou perpétua.

As Távolas de Ordenados podem estar integradas por membros que vivem em suas residências particulares ou por membros que vivem em comunidade.

As Távolas de Ordenados cujos membros vivem em suas residências particulares contam somente com grupos de Cavaleiros e Damas. As Távolas de Ordenados cujos membros vivem em comunidade podem contar também com grupos de Pajens, Donzelas, Escudeiros e Daminhas. Os membros das comunidades fazem vida celibatária e os grupos de homens e de mulheres vivem separados.

A Távola Mãe de Cafh é composta pelo Cavaleiro/Dama Grande Mestre e por sete Cavaleiros Mestres e sete Damas Mestres.

Os Votos de Silêncio e de Fidelidade nas diferentes categorias refletem os compromissos da alma consigo mesma para trabalhar deliberadamente em seu desenvolvimento. O Voto de Obediência e o Voto de Renúncia refletem o compromisso da alma com a obra de Cafh, a ponto de querer oferecer o exercício de sua vontade em tanto e em quanto se refere a conjugar esforços e objetivos para expandir a ensinância e a obra de Cafh. O Voto de Obediência é essencialmente de união com o Cavaleiro/Dama Grande Mestre de Cafh. O Voto de Renúncia expressa a vontade da alma de por sua vida aos pés da Divina Mãe para unir-se ao Cavaleiro ou Dama Grande Mestre na expansão da obra de Cafh.

O Voto Eterno de União se emite quando um Cavaleiro ou Dama Ordenado/a é eleito por uma Távola completa de 42 membros ou quando o Cavaleiro/Dama Grande Mestre convida algum Cavaleiro ou Dama Ordenados a ingressar na Távola Mãe de Cafh. Há algumas outras situações extraordinárias nas quais alguns Cavaleiros e Damas Ordenados emitem o Voto Eterno de União. Os membros de Cafh que emitem o Voto Eterno de União se identificam como Cavaleiros Mestres e Damas Mestres.

As diversas categorias e grupos indicam, portanto, tanto os graus de nossos compromissos com nosso desenvolvimento individual como nosso grau de compromisso com a expansão da obra de Cafh.

Em todas as categorias encontramos meios que estimulam o desenvolvimento e predispõe à união divina. Além disso, nossa oferta concreta e efetiva e nosso compromisso público para levar a cabo a Obra de Cafh são, em si mesmos, meios muito efetivos para promover nosso desenvolvimento. O trabalho por uma causa nobre e de bem para a humanidade leva consigo o bem para quem o realiza.

Cada um de nós, de forma livre e individual, determina que grau de compromisso quer assumir; também, que modo de vida quer levar. Esta determinação de compromisso define a categoria e o grupo que Cafh nos oferece para promover nosso desenvolvimento espiritual.

Os membros de Cafh que emitimos Votos de Silêncio e Fidelidade nos esforçamos principalmente em adquirir os hábitos e as disciplinas que nos capacitam física, mental e espiritualmente para expandir nosso estado de consciência.

Os membros de Cafh que emitimos o Voto de Obediência ao Cavaleiro/Dama Grande Mestre agregamos a esse esforço de expansão do estado de consciência o pôr-nos à sua disposição para assisti-lo na atenção dos grupos e das Távolas e para expressar a ensinância de Cafh.

Os membros de Cafh que, além disso, emitimos o Voto de Renúncia em caráter perpétuo, fazemos do trabalho na obra de Cafh nosso apostolado de amor e participação, na forma em que o Cavaleiro/Dama Grande Mestre o requerer.

Os membros de Cafh que emitimos o Voto Eterno de União temos a imensa responsabilidade de estar, sempre, à disposição do Cavaleiro/Dama Grande Mestre para servir às almas e à Obra de Cafh.

Independentemente dos Votos que tenhamos emitido, nosso labor básico é promover nosso desenvolvimento espiritual. Tudo o mais que possamos fazer aflora de nossa capacidade crescente de amar, de participar, de compreender e de manifestarmos empatia, garantias seguras de nosso desenvolvimento espiritual.

2. A IDÉIA MÃE

A Ensinança de Cafh chama Plano de Evolução Universal ao esquema divino que rege a vida no cumprimento de sua finalidade. O Plano de Evolução Universal se desenvolve por etapas e a Idéia Mãe é a finalidade particular que os seres humanos temos que realizar em cada uma destas etapas. A Idéia Mãe é, então, própria de cada ciclo de desenvolvimento e estabelece o caudal de possibilidades que todos os seres humanos temos em cada ciclo.

Fazendo uma analogia que nos ajude a compreender estes grandes conceitos cosmológicos e ontológicos poderíamos dizer que, da mesma maneira que um país tem um projeto de desenvolvimento econômico, social e político que leva seus cidadãos a desenvolver objetivos comuns, assim o desenvolvimento humano em sua totalidade tem uma força impulsionadora que chamamos Idéia Mãe.

Todos os seres humanos, consciente ou inconscientemente, de forma positiva ou negativa, participamos da realização da Idéia Mãe. Embora seja certo que aprendamos mais de nossos erros que de nossos acertos, a graça divina nos assiste com a intervenção de grandes seres que impulsionam a realização da Idéia Mãe e aceleram os processos de desenvolvimento.

O Plano de Evolução Universal é impulsionado por seres aos quais chamamos Iniciados. Todos eles intervêm na assistência, no progresso e na evolução da humanidade. De acordo com seu labor, pode-se agrupá-los em três categorias:

A primeira categoria é a dos Iniciados Solares

A segunda categoria é a dos Iniciados Lunares

A terceira categoria é a dos Iniciados do Fogo

Os Iniciados Solares intervêm nos destinos fundamentais de cada ciclo do desenvolvimento humano. Eles projetam a Idéia Mãe sobre os seres humanos com tal força que estes a seguem desde seu começo até seu fim. Tanto o planeta Terra como todos os seres humanos estamos impregnados da graça e da proteção dos Iniciados Solares. Exemplos de Iniciados Solares são Manu Vaivasvata, Abraão, Buda, Jesus e Maomé.

Os Iniciados Lunares assistem no desenvolvimento dos diferentes setores da humanidade. São os guias das religiões, filosofias, nações e organizações. Eles dão forma à Idéia Mãe impulsionada pelos Iniciados Solares. Exemplos de Iniciados Solares são Moisés, Platão, Maria, mãe de Jesus, Francisco de Assis e Mahatma Gandhi.

Os Iniciados do Fogo intervêm na assistência individual aos seres humanos. Estimulam seu adiantamento espiritual e os capacitam para cumprir a obra que devem efetuar no mundo. Embora os Iniciados do Fogo nem sempre se destaquem publicamente e sua obra passe inadvertida, são os Iniciados que estão mais próximos dos seres humanos. Guiam proveitosamente as almas rumo ao seu desenvolvimento interior; impulsionam-nas a esforçar-se para conhecer sua vocação e cumprir seu destino. Sua obra é mais individual que coletiva. Os Iniciados do Fogo se encontram, por exemplo, entre os místicos, os artistas, os santos, os exploradores e os cientistas.

Os membros de Cafh somos auxiliados pelas três categorias de Iniciados, aos quais damos o nome de Mestres.

A maioria dos Mestres que assistem Cafh pertence à categoria dos Iniciados do Fogo; assistem-nos para que possamos realizar nossa mística de participação com os seres humanos e de união com o divino.

A Idéia Mãe, nesta etapa do desenvolvimento humano, nos impulsiona a desenvolver meios próprios – a vontade, a razão, a experiência individual e coletiva – com o fim de tomar consciência tanto do universal como do particular, da realidade cósmica como da cotidiana, do amor por

todos os seres como por si mesmo; tudo isto sem desprezar nenhum aspecto da vida, e com nosso objetivo último de união com o divino sempre presente. Isto é, a Idéia Mãe nos impulsiona a harmonizar os valores que promovem o adiantamento pessoal com os valores universais, expressados em atitudes e ações que nos conduzem rumo à união com o divino, nosso fim último.

Alguns dos valores que promovem o adiantamento pessoal são a vontade, a responsabilidade, a inteligência e o trabalho. Alguns dos valores que impulsionam rumo à união divina são a empatia, o amor e a consciência.

A harmonização destas duas categorias de valores desenvolve a capacidade criativa, a vontade de ação desinteressada e o domínio de si mesmo, os quais tomam primazia sobre o desejo de possuir, de ganhar para o próprio benefício e de exercer domínio sobre outros. Esta atitude diante da vida é a base de um trabalho conjunto para expandir a consciência.

Por que o desenvolvimento pessoal não é um fim, mas um meio?

Porque apesar de que poder exercer a vontade própria é uma grande conquista pessoal e coletiva, não nos basta para saber quem somos, para onde vamos nem o que ocorre depois da morte. Tampouco nos dá resposta acerca de quais são nossos objetivos últimos. Que direção dar à vontade se não sabemos qual é nosso destino final?

Porque apesar de desenvolver a capacidade racional para descobrir e entender, paulatinamente, o mundo que nos rodeia e estimular a introspecção, a auto-análise, a experiência e a reflexão, tampouco a razão responde satisfatoriamente as questões existenciais. Porque apesar de que seguimos tanto os passos da experiência pessoal como os da humanidade em seu conjunto para expandir os sentimentos e alcançar pontos de vista mais amplos, nossa condição humana atual é sempre propensa a gerar sofrimento e a esquecer que somos parte de uma realidade muito maior e que nosso destino é unir-nos a todos os seres humanos e ao divino.

Porque o espectro da cegueira do individualismo, a dor que traz consigo o egoísmo, a ausência de sentido de uma vida sem horizontes universais, podem esconder-se por detrás da vontade mais férrea, da razão mais aguda e da experiência mais variada e interessante.

Os meios próprios não bastam para manter-nos alerta sobre nossa situação na vida. Estes meios por si sós estão longe de outorgar-nos consciência profunda e permanente de nossa integração ao cosmo, de nosso destino de união com o divino.

Com que outro bem contamos? Qual é o ponto de inflexão no qual nosso estado de consciência limitado e personalista se conecta com a percepção do próprio destino? O ponto de inflexão é a fé em nosso destino de união divina, base e sustento da vocação espiritual. A vocação espiritual, essa força interior que nos estimula a desenvolver-nos, é o que nos mantém conscientes e nos impulsiona a realizar a Idéia Mãe; manifesta-se no esforço que realizamos para sobrepor-nos às limitações de nossa condição atual.

A vocação espiritual nos ajuda a não limitar-nos em uma visão personalista e nos impulsiona, repetidas vezes, a recordar nossa pequenez e nossa pertença ao cosmo. Por isso a chamamos vocação de renúncia. Esta vocação permite que, apesar das limitações pessoais, encontremos o caminho rumo à união divina.

Cafh participa no cumprimento da Idéia Mãe contribuindo com a Mística do Coração para que o ser humano alcance um estado de egoência. O estado de egoência é a resultante da atualização da Idéia Mãe na vida de cada alma.

A palavra egoente tem dois componentes: ego, do latim ego: *eu*, e ente, do latim entis: *ser*. Poderíamos dizer que o ser humano egoente conjuga sua individualidade única, não repetível, com seu destino de união com o divino. A egoência é o resultado da harmonização dos valo-

res que promovem o adiantamento pessoal com os que promovem as atitudes e ações que nos conduzem rumo à união com o divino.

A Mística do Coração é uma atitude, um ponto de vista, um sentimento, um pensamento, centrados no destino de união com o divino, manifestados em uma ação conseqüente.

É por isso que dizemos que a mística do coração cultiva nossa consciência de união com todas as almas e centra os movimentos emocionais e os pensamentos no bem comum, apartados do egoísmo e da mesquinhez de espírito. A quietude interior resultante, por sua vez, aprofunda ainda mais nossa consciência de união.

A missão de Cafh é primordialmente mística e nos ensina a:

- Esforçar-nos por manter presente na consciência nosso destino de união com o divino
- Esforçar-nos por manter presente na consciência a intenção de amar todas as almas
- Trabalhar para desenvolver a atitude que dimensiona os problemas próprios dentro da realidade dos problemas mundiais e alheios. Que significam minha dor, minha necessidade, meus desejos, dentro da realidade que a humanidade vive?
- Trabalhar sobre a coerência entre o que cremos e pensamos e a vida que levamos
- Trabalhar na concretização em nossa própria vida do que desejamos realizar no exterior. O esforço de tentar mudar os demais, a sociedade e o mundo é vão se não fazemos, primeiro, o trabalho de produzir essa mudança em nós. Se desejamos viver em uma sociedade ordenada, necessitamos ordenar nossas vidas; se queremos ser respeitados, temos que respeitar; se queremos que nos considerem pessoas de bem, temos que adotar e seguir uma conduta reta e respeitadora da liberdade dos demais.
- Trabalhar para plasmar no mundo, através da expressão autêntica de nosso ser integral e de nosso grau de egoência, a obra mística e transcendente de Cafh.

Esta ensinança dá a Cafh e a seus membros a possibilidade de responder ao surgimento de uma futura religião universal.

Porque não a realizamos ainda, não podemos definir o que entendemos por religião universal; nossa concepção da religião universal é mais um ideal, uma projeção baseada em nossos melhores anseios. No entanto, podemos mencionar as atitudes, os pontos de vista, as ações que intuimos que podem nos levar a criar a religião universal que nos una a todos os seres humanos no cumprimento da Idéia Mãe. Em nível de atitudes podemos mencionar abertura à diversidade, ao universal, a aprender, a escutar. Como pontos de vista, podemos mencionar a equanimidade e a objetividade na análise dos fatos sociais e pessoais. No que se refere às ações, podemos dar como exemplo geral o levar a cabo em nossa própria vida a forma de vida que cremos que a sociedade e cada indivíduo teriam que adotar para alcançar paz e bem-estar.

Com mudanças muito pequenas podemos realizar grandes mudanças. Com um número reduzido de pessoas que ampliem significativamente seu estado de consciência, inumeráveis seres humanos compreenderão e viverão com mais amplitude e consciência. As grandes transformações são o resultado da determinação, da mudança e da expansão da consciência de indivíduos. Isto nos abre uma imensa gama de possibilidades e, ao mesmo tempo, uma grande responsabilidade. Se não eu, quem? Se não agora, quando? Se eu não sei como, quem creio que sabe? Se creio que ninguém sabe mais que eu, o que posso pretender que outros façam?

A Idéia Mãe nos fala a cada um de nós ao ouvido e é responsabilidade de cada um responder à vocação que nos impulsiona a realizá-la. Os Iniciados Solares, os Lunares e os do Fogo podem guiar-nos, ajudar-nos, iluminar-nos, mas somente cada um de nós pode cumprir o trabalho único, não repetível, que lhe compete.

3. A GRANDE OBRA

Na ensinança anterior definimos termos como Plano de Evolução Universal e Idéia Mãe. Repetiremos aqui estes conceitos.

A Ensinança de Cafh chama Plano de Evolução Universal ao esquema divino que rege a vida no cumprimento de sua finalidade. O Plano de Evolução Universal se desenvolve por etapas e a Idéia Mãe é a finalidade particular que os seres humanos temos que realizar em cada uma destas etapas. A Idéia Mãe é, então, própria de cada ciclo de desenvolvimento e estabelece o caudal de possibilidades que todos os seres humanos temos em cada ciclo.

Todos os seres humanos, consciente ou inconscientemente, de forma positiva ou negativa, participamos da realização da Idéia Mãe. Embora seja certo que aprendamos mais de nossos erros que de nossos acertos, a graça divina nos assiste com a intervenção de grandes seres que impulsionam a realização da Idéia Mãe e aceleram os processos de desenvolvimento.

O Plano de Evolução Universal é impulsionado por seres aos quais chamamos Iniciados. Todos eles intervêm na assistência, no progresso e na evolução da humanidade.

No entanto, todos os seres humanos compartilhamos o esforço de plasmar a Idéia Mãe sobre a terra.

Nesta ensinança desenvolveremos os conceitos relacionados com a forma como os seres humanos, e particularmente nós, os membros de Cafh, plasmamos a Idéia Mãe no mundo.

A Grande Obra e a Integridade da Grande Obra

O Plano de Evolução Universal se desenvolve sobre a Terra através da Idéia Mãe e esta através das idéias divinas dos Iniciados e das obras materiais, intelectuais e espirituais dos seres humanos.

As obras humanas materiais, intelectuais e espirituais constituem a *Grande Obra*.

As idéias divinas concretizadas humanamente no mundo constituem a *Integridade da Grande Obra*.

Quando as obras humanas não condizem com a Idéia Mãe, o desenvolvimento humano, embora se produza, se faz com grande lentidão e sofrimento. Mas quando as obras humanas são canalizadas em um plano harmônico e em analogia com a Idéia Mãe, transformam-se em obras de bem e adiantamento. Então, o cumprimento da Idéia Mãe é fonte de felicidade. A Lei de Predestinação Consecutiva e a Lei Arbitral de Possibilidades entram em sintonia uma com a outra e a vida dos seres humanos produz frutos de paz e felicidade.

Cada conjunto de seres humanos trabalha em um aspecto da Grande Obra, colaborando assim na realização da Idéia Mãe. É como se peças diferentes da Grande Obra paulatinamente se fossem moldando e unindo entre si no tempo e no espaço.

A Grande Obra se realiza através da *organização*, do *conhecimento* e da *experiência do divino*.

A *organização* implica que as pessoas que se congregam para realizar um aspecto da Grande Obra devem coordenar seus meios e seus esforços para alcançar da melhor maneira o fim determinado que se propuseram.

O *conhecimento* se refere ao volume de sabedoria que os seres humanos adquirimos através do exercício das faculdades intelectuais e do desenvolvimento de nossos processos afetivo-cognitivos para compreender a natureza, as qualidades e as relações das coisas e assim poder colaborar positivamente na Grande Obra.

A *experiência do divino* se refere ao saber que adquirimos com a prática mística que nos relaciona com Deus e que promove o cumprimento do destino de união dos seres humanos com o divino e da Grande Obra sobre a terra.

A Obra de Cafh

Dentro deste trabalho de organização, conhecimento e experiência do divino, a obra de Cafh desenvolve a Mística do Coração. Para isso reúne as almas destinadas a ela e nos oferece a assistência e os meios para que gradualmente desenvolvamos a missão que nos cabe cumprir.

As almas destinadas a Cafh desenvolvem a Mística do Coração através da prática da Ascética da Renúncia, segundo seu nível de compromisso para desenvolver-se e disposição para participar da obra de Cafh.

Há certos pontos básicos que explicam a forma como levamos a cabo a obra de Cafh:

- A reunião de almas de Cafh forma seu Corpo Místico, que está constituído tanto por pessoas que vivem sobre a Terra como por almas que moram no mundo astral.
- A obra de Cafh se leva a cabo e se manifesta no mundo através de seu Corpo Místico; ou seja, através de todos os recursos de que dispomos como seres humanos: os corpos, as almas, as possibilidades, as capacidades, os bens, a generosidade, a capacidade de empatia de seus membros, entre outros.
- A obra de Cafh, que é o desenvolvimento da Mística do Coração, é constituída tanto pela obra interior – a expansão da consciência – como pela exterior – as ações orientadas para o bem comum – que os membros de Cafh realizamos em nós e na sociedade.
- A força criadora que produz o adiantamento das almas e a realização da obra de Cafh, deriva dos bens intrínsecos ao ser humano; embora os bens materiais sejam meios secundários à realização da obra de Cafh, quando são consequência dessa força criadora se convertem em apoio e amparo de obras de bem para a sociedade.
- A riqueza benéfica e duradoura reside na busca do divino na própria alma e em cultivar o amor ao próximo através de uma vida orientada para o bem comum; quem conta com esta riqueza desenvolve a capacidade de gerar os bens espirituais, intelectuais e materiais necessários em cada momento de sua vida, para seu bem e para o bem da sociedade. Por isto Cafh promove um desenvolvimento integral do ser humano.

Nossa participação na Obra de Cafh

Os membros de Cafh participamos na consecução da obra de Cafh com o corpo físico, o intelecto, com nossos afetos e com o espírito.

Participamos com o *corpo físico*, pois para colaborar na realização da obra de Cafh na terra colocamos para trabalhar cérebros, mãos, olhos e tudo o que possuímos física e magneticamente.

Participamos com nosso *intelecto*, pois estudamos e colocamos a capacidade intelectual e criativa à disposição da realização e vivência da ensinança de Cafh, tomando o cuidado para que esta não se desvirtue.

Participamos com nossos *afetos* ao observá-los, ao conhecê-los tais como são e dedicar-nos a expandi-los para agir, compreender e sentir de maneira mais inclusiva e participativa.

Nosso lema como membros de Cafh é: *Fazer da matéria mente e da mente matéria*. Ou seja, fazer do usufruto da vida e dos bens materiais, conhecimento, compreensão e amor; fazer do conhecimento, da compreensão e do amor, bens materiais, adiantamento e bem-estar para nós mesmos e para a sociedade.

Participamos com o *espírito*, pois sem especular sobre os atributos de Deus oferendamos-lhe incondicionalmente todo nosso amor e nosso compromisso de responder a seu chamado.

Cafh põe à nossa disposição *meios idôneos* para que levemos a cabo nosso destino de união com Deus e, conseqüentemente, participemos na realização da obra de Cafh sobre a terra: a prática da *Mística do Coração* e o exercício continuado da *Ascética da Renúncia*.

A prática da *Mística do Coração* e o exercício continuado da *Ascética da Renúncia* dão como resultado nos membros de Cafh *a reserva de suas energias*, orientada para o bem comum. Esta reserva de energia, por sua vez, nos permite praticar a *economia providencial*, *viver de modo saudável*, desenvolver o *conhecimento do divino* e fazer-nos credores do *dom de conselho*.

A *prática da Economia Providencial* nos capacita para contribuir para a sustentação e expansão das obras de Cafh e para ajudar-nos a aliviar as necessidades que afligem os seres humanos. Dentro do conjunto de necessidades, o aspecto econômico é muito importante para o desenvolvimento humano já que necessitamos dois pães diários: pão material e pão espiritual. A desnutrição infantil, a exploração dos mais fracos, a falta de oportunidades no que tange a educação e a saúde, além de significarem um grande e imerecido sofrimento, impedem que as pessoas possam dedicar-se ao desenvolvimento da vida espiritual. E como se não bastasse, as situações de injustiça desenvolvem violência e agressividade, condições totalmente opostas à finalidade de união com o divino. É por isto que trabalhar para ocupar um lugar e não dois na sociedade adquire um valor incalculável já que concretizamos em fatos o que entendemos intelectualmente.

As *práticas saudáveis de vida* multiplicam nossas energias as quais, reservadas e aplicadas positivamente, aumentam a quantidade de forças magnéticas que transmitimos aos enfermos como saúde e bem-estar. O abuso da saúde através de práticas nocivas produz sofrimento, perda de produtividade, envelhecimento e mesmo morte prematura. Um ser humano são e forte é um bom augúrio para o futuro e uma base firme para dedicar-se à vida espiritual e ajudar nossos semelhantes.

O *conhecimento do divino* nos chega através da aplicação na vida diária das práticas ascéticas e místicas. Na medida em que reservamos energia e levamos uma vida produtiva, de estudo, de oração e orientada para o bem, nessa medida nos imbuímos do conhecimento de Deus.

O *dom de conselho* nos chega na medida em que o conhecimento de Deus se consolida em nossa alma e o dom da fé ilumina nosso entendimento. Desta forma ampliamos nossa visão da vida e gradualmente compreendemos tanto o que gera obscuridade e dor como o que fazer para viver com proveito.

Dizem que a fé é uma luz que acendemos não para olhá-la, mas para ver o que ela ilumina. Conforme como viva, o ser humano mais simples pode ocasionalmente dar bom conselho ao mais letrado e vice-versa. O dom de conselho se relaciona com o conhecimento do divino e da fé que ilumina nosso entendimento; o saber intelectual é condição necessária que ajuda, mas que não é suficiente.

Para realizar as obras que o desenvolvimento da humanidade exige há necessidade de seres humanos sadios fisicamente, fortes emocionalmente, criadores intelectualmente e egoentes espiritualmente; tudo o mais virá por acréscimo.

Tudo o necessário para resolver os problemas que nos afligem individual e coletivamente se coloca sistematicamente a nosso alcance se buscamos no conhecimento de nós mesmos tanto a raiz dos problemas como as soluções.

Nossa participação na Grande Obra é realizar para o mundo este milagre de descobrir possibilidades e gerar recursos para encontrar soluções. Com a prática da *Ascética da Renúncia* e a vivência da *Mística do Coração* trabalhamos para o bem da humanidade e participamos na missão da Divina Encarnação por vir.

4. A GRANDE CORRENTE

A Ensino de Cafh chama Grande Corrente à conjunção da força dos Mestres que projetam a Idéia Mãe sobre a humanidade com a força da intenção, dos pensamentos e dos sentimentos que os seres humanos geramos para realizar nossos propósitos.

Quando estes propósitos se harmonizam com a Idéia Mãe é gerada uma força que acelera nosso desenvolvimento.

Chamamos Poder da Grande Corrente a esta poderosa força que nos impulsiona a cumprir com plenitude nosso destino, de acordo com a Idéia Mãe que nos rege nesta etapa do Plano de Evolução Universal.

Cafh é uma Obra nascida do pensamento dos Mestres e é o resultado eficiente do cumprimento de uma parte do Plano de Evolução Universal.

Os Mestres que necessariamente idearam Cafh a refletiram na Terra em nós, os Filhos e Filhas que haveriam de dar-lhe vida e organizá-la. Estas correntes de um pensamento divino e de uma correspondência humana geraram uma força – o Poder da Grande Corrente – que paulatinamente invadiu o campo magnético da ideiação de Cafh e formou seu corpo energético.

O Poder da Grande Corrente, então, gera-se em Cafh através da interação entre o pensamento divino e a correspondência humana de seus membros, interação que mantém, acrescenta e distribui as energias do corpo energético de Cafh.

O Poder da Grande Corrente sustenta a força de Cafh: passada, presente e futura; divina, mental e material.

O Poder da Grande Corrente é a força do passado porque todos os pensamentos e sentimentos de bem que os Filhos e Filhas temos tido em relação com Cafh, e também nossas compreensões e esforços, por estar em contato com a Grande Corrente, expandem-se e potencializam no presente de tal modo que tendem a transformar-se em realidades que sustentam a obra de Cafh.

O Poder da Grande Corrente é a força do presente pela oferta de vida que os membros de Cafh realizamos através de nossos votos. Ao nos unirmos a Cafh com um voto, nos unimos ao corpo energético de Cafh. Pela fidelidade a nosso voto, mesmo nosso ato mais insignificante assume um valor extraordinário e nos faz participar da obra de Cafh.

O Poder da Grande Corrente é a força do futuro porque nossa renúncia transforma inclusive as conquistas limitadas que possamos alcançar em uma força que certamente se concretizará nas obras que forem necessárias para o desenvolvimento da humanidade. Renunciando de antemão aos frutos de nosso trabalho, o liberamos dos fatores que o tornam limitado e perecedouro.

O Poder da Grande Corrente é uma força divina porque é a Idéia Mãe expressa pelos Mestres de Cafh e correspondida por seus membros. Esta força divina protege Cafh e aumenta seu poder com o saber e o amor que os Mestres irradiam através de sua assistência.

O Poder da Grande Corrente é uma força mental porque é a via de comunicação entre os Mestres e nós, os Filhos e Filhas. A Idéia Mãe se transmite através da revelação que se faz vida na ensinância oral. A ensinância flui da consciência dos Mestres para a nossa atenção expectante e da nossa vontade de compreender à condescendência dos Mestres. Através desta via entre os Mestres e nós, as forças mentais geradas pela Grande Corrente são vertidas no corpo energético de Cafh.

O Poder da Grande Corrente é uma força material porque os membros de Cafh contribuimos com nossa força, nossas possibilidades e mesmo nossa vida para a Grande Corrente.

Damos nossa força através da reserva de energias e do trabalho de assistência física e astral; damos nossas possibilidades pela entrega do tempo e damos nossa vida pela renúncia a parte de nossos bens, tanto intrínsecos como extrínsecos.

Através do fluir contínuo do Poder da Grande Corrente, o corpo energético de Cafh põe-se em contato com o corpo energético do universo, intercambiando forças com os centros similares a ele que contribuem com suas energias para a formação da Idéia Mãe espiritual do futuro.

Esta atividade receptora, acumuladora e expansiva de Cafh, aumenta e renova seu poder.

O Poder da Grande Corrente alimenta o corpo místico de Cafh. Este poder se regula através das hierarquias de Cafh e através da oferenda de nós, Filhos e Filhas.

Os membros de Cafh participamos do Poder da Grande Corrente de forma progressiva e segundo nosso grau de oferenda, expresso especificamente no cumprimento de nossos votos.

A participação no Poder da Grande Corrente exige a oferenda voluntária e continuada da alma e a correspondência gratuita e amorosa dos Mestres. Essa participação é por reflexo, alternada ou permanente.

Os que oferendamos nossa atenção e boa vontade à Grande Obra, participamos da Grande Corrente por reflexo; é como se fôssemos tocados pela luz divina.

Os que oferendamos uma parte substancial de nosso tempo e de nossas energias penetramos na Grande Corrente e nossa mente é iluminada por ela nos momentos de recolhimento.

Os membros de Cafh que oferendamos sem reservas nossa vida à Grande Obra nos identificamos com ela e em conseqüência somos tomados pela Grande Corrente. Esta participação no Poder da Grande Corrente é sempre paulatina já que ninguém pode recebê-la em sua totalidade sem morrer. Vamos nos identificando com ela pouco a pouco.

A Grande Corrente se atualiza diariamente em nós através das bênçãos. Os Mestres atuam como canais divinos e transmitem a bênção a Cafh, ao CGM ou DGM e a seus Delegados. Estes por sua vez atuam como canais humanos e transmitem a bênção a todos os membros de Cafh.

Através da transmissão da bênção, o Poder da Grande Corrente é distribuído sabiamente, sempre na medida em os Filhos e Filhas nos fazamos credores dela, de acordo com nossas possibilidades, nossos esforços e a intenção que nos move.

Os membros de Cafh que não contribuimos com nosso esforço para a sustentação da Grande Obra e do Poder da Grande Corrente, mais cedo ou mais tarde, somos afastados da Grande Corrente.

Não corresponder com responsabilidade à graça divina e ser preguiçoso no cumprimento dos próprios deveres, é viver às expensas da Grande Corrente.

Não corresponder, egoísta e obstinadamente, à Grande Obra e enriquecer-se deliberadamente à custa da renúncia das almas e do Poder da Grande Corrente, é ainda mais grave e, cedo ou tarde causa a separação do Filho ou da Filha do Corpo Visível de Cafh.

A Grande Corrente atua de forma contínua e benéfica em todos os aspectos de nossa vida; mas podemos desperdiçar esta graça através de atividades egoístas centradas em nosso próprio e limitado interesse. Quando isto ocorre, não somente malgastamos a energia que recebemos da Grande Corrente, mas também impedimos que essa energia circule livremente em nossa alma e seja uma fonte de bem para outras almas.

Estimada a alma que se esforça para fazer-se credora do benefício da Grande Corrente!

Bem-aventurada a alma que faz um hábito de seu esforço para viver na Grande Corrente!

Bendita a alma que com seu esforço se identifica com o Poder da Grande Corrente!

5. A UNIÃO SUBSTANCIAL COM A DIVINA MÃE

Nossa alma anseia pela união divina. Sob diferentes nomes e movidos por inquietudes diversas, o desejo de realizar nosso destino, de encontrar o sentido de nossas vidas e de unir-nos a todas as almas subjaz em nosso coração.

No entanto, este anseio não é suficiente para que possamos alcançar a união com a Divina Mãe. Entre o anseio e sua realização interpõem-se nossa ignorância, nossas amarras e todos os desejos que são contrários a este anseio.

Necessitamos meios que nos ajudem a entrar no processo de liberação espiritual e assim concretizar nossa aspiração.

A união substancial com a Divina Mãe implica um processo. Quando os Mestres nos dizem que conseguiremos a união ao alcançar o fim do caminho espiritual e liberar-nos, indicam-nos precisamente que há um caminho a percorrer para que nossa união com a Divina Mãe seja permanente; este caminho pressupõe diferentes graus de união, com diferentes matizes de percepção desse processo de nossa parte.

A união com a Divina Mãe começa a tornar-se evidente em nossa alma quando nosso desejo de liberação nos leva ao caminho espiritual. A Divina Mãe mora essencialmente em nossa alma, mas se expressa de forma expansiva e evidente para nós quando nossa vocação desperta.

Desde o momento de nosso ingresso em Cafh, ao responder à vocação, experimentamos a segurança da presença da Divina Mãe em nossa alma. Talvez não chamemos Divina Mãe a essa presença; talvez a chamemos amor, paz, consolo ou talvez somente sintamos um grande força que nos sussurra que nossa vida está assentada em base sólida. De acordo com nossas experiências prévias e com nosso modo de entender nossa vocação, talvez percebamos essa presença como uma certeza de nosso destino, ou como uma segurança dos passos que temos de dar, ou como um anseio fervente de não afastar nossa atenção do processo que nos move a responder à vocação.

Cafh nos dá os meios para liberar-nos: oferece-nos seus dons para transitar o caminho de desenvolvimento; abre-nos as portas da reunião de almas, o que, por participação, multiplica nossas forças e expande nossa compreensão; oferece-nos a Ensinança, o Método e o conselho espiritual para que tenhamos um marco onde possamos assentar, dimensionar e atualizar nossas compreensões e aprofundar nossas interrogações.

Com estes meios somos capazes de percorrer o caminho, oferendar tudo a esta busca do divino em nossa alma. Não temos respostas prontas; não temos dogmas que nos assegurem qual é o sentido da vida nem temos que seguir um caminho já percorrido por outros. A reunião de almas de Cafh nos proporciona um possível mapa do caminho a seguir, dá-nos pistas para evitar quedas, assiste-nos nas dificuldades e nos alenta no esforço de avançar em nosso caminho. Também se nutre de nossa experiência já que, quanto mais recebemos mais nos comprometemos a dar.

Dediquemo-nos agora a descrever brevemente por que chamamos a união com a Divina Mãe *substancial*.

A união com a Divina Mãe é substancial porque é integral; é união sensível, união anímica e união de espírito.

Nosso contato com os Dons de Cafh⁴ nos leva à união sensível, que atua sobre nosso corpo e nosso magnetismo espiritual⁵, produzindo em nós um sentimento de liberação. Este contato com

⁴ Regulamento, Artigo 5

os Dons de Cafh no princípio é passivo; somos receptores de bens espirituais mais que participantes ativos em nosso desenvolvimento. Este contato, ainda que passivo, nos sensibiliza e paulatinamente nos afasta de tudo o que prejudica nosso desenvolvimento. É como se o contato com os Dons de Cafh fosse refinando nossa sensibilidade e nossa percepção e fôssemos escolhendo experimentar o que contribui para o nosso desenvolvimento.

Ainda que não compreendamos a natureza da liberação que se produz ao afastar-nos, ainda que seja apenas esporadicamente, do que vai a detrimento de nosso desenvolvimento, nós a experimentamos através de um estado de quietude e de expansão crescentes. Este processo libera nossas forças energéticas e produz a transmutação de nosso corpo e de nosso magnetismo. Segundo nossa ensinança, através desse processo paulatinamente formamos o Corpo de Fogo e a união sensível se faz evidente em nossas vidas.

No entanto, a união sensível é somente um aspecto da união com a Divina Mãe; ela nos dá paulatinamente o Corpo de Fogo, mas não nos libera de nossos hábitos contraproducentes, da tendência a condicionar nossos esforços a como definimos o que é êxito e o que é fracasso nem tampouco do que é ainda mais negativo: o desejo de converter em ganho pessoal os benefícios que geramos através de nosso contato com a Grande Corrente.

Para não desperdiçar o que já realizamos nem limitar as possibilidades de nosso desenvolvimento, necessitamos aprofundar nossa oferenda e ampliar o campo de nosso trabalho espiritual através da união anímica.

Compreender como se produz a união anímica com a Divina Mãe pressupõe aprofundar o conceito de liberdade. Por que dizemos isto?

Tentaremos definir, ainda que seja só superficialmente, o que é liberdade dentro do processo que leva à união com a Divina Mãe.

Geralmente pensamos que somos livres quando nem pessoas nem situações nos obrigam a agir, sentir ou pensar de uma determinada forma. Raramente pensamos em nós mesmos como agentes que podem restringir nossa liberdade.

No entanto, dentro do processo de desenvolvimento que leva à união com a Divina Mãe, o foco primário de atenção no que diz respeito a nossas possibilidades de exercer nossa liberdade somos nós mesmos.

Segundo o dicionário, liberdade é a faculdade natural que o ser humano tem de proceder de uma maneira ou de outra, e de não proceder, pelo que é responsável por seus atos. No entanto, esta faculdade natural não garante que sejamos verdadeiramente livres de agir de acordo com nossa consciência. Poderia ser que atuemos movidos por paixões, desejos ou ignorância e que implicitamente assumamos responsabilidades que não queremos assumir ou provoquemos situações que não possamos administrar.

Poderia ser que o exercício da liberdade se tornasse uma rede de causas e efeitos sobre a qual não temos controle e manejasse nossa vida com fios invisíveis para nós e, possivelmente, com resultados dolorosos.

Como precaver-nos de cair no labirinto criado pelo exercício da liberdade sem consciência das responsabilidades que esse exercício implica?

Do ponto de vista de nossos estados de consciência habituais, as limitações a nossa liberdade se nos apresentam como situações penosas, de perda de direitos que consideramos que nos cabem.

⁵ Chamamos magnetismo espiritual ao poder da alma de atrair ou criar o necessário para seu próprio bem e o daqueles que a rodeiam.

É muito fácil cair na falácia de pensar que se posso fazer, pensar ou sentir algo, está correto que o faça, pense ou sinta. O poder fazer e o ter direito a fazer, dentro de nossa compreensão, muitas vezes tem limites muito vagos.

Dentro desse esquema, a renúncia, o autodomínio e o esforço para desenvolver-nos, representam perdas que nem sempre estamos dispostos a aceitar. Passam muitos anos, e talvez uma vida, para que estas atitudes sejam compreendidas e transmutadas totalmente. A ambivalência criada por duas atitudes irreconciliáveis tais como querer desenvolver-nos e continuar com o exercício de uma liberdade sem limites certos, é a causa de muitos desgostos.

Quando somos ambivalentes, assim como nos esforçamos no caminho espiritual, assim também costumamos trabalhar para alcançar objetivos antagônicos e, apesar de poder experimentar conquistas positivas em nível pessoal, criamos novas amarras, novos sofrimentos e contrariedades. A Lei de Predestinação Consecutiva nos prende cada vez mais a suas redes inexoráveis de causa e efeito.

Dentro do processo de união com a Divina Mãe, os conceitos de liberdade e responsabilidade estão intimamente unidos aos conceitos de autodomínio, autocontrole e limite a nosso agir. Ou seja, paradoxalmente, para sermos verdadeiramente livres para agir e para produzir frutos de bem tal como esperamos seja o resultado de nossos atos, necessitamos conhecer o que nos move, como pensamos, aonde queremos chegar, que conseqüências traz cada um de nossos atos, e ter autodomínio suficiente de modo a atuarmos de acordo com esse conhecimento.

É por isso que o supremo bem, a união com a Divina Mãe, pressupõe percorrer um caminho de grande compromisso conosco mesmos, de um agir reto, uma conduta regida pelo autodomínio, um trabalho sobre nossa alma que a afaste do que não condiz com sua natureza e seu destino. Em outras palavras, pressupõe que possamos exercer nossa liberdade com consciência e autodomínio.

A união sensível – a participação nos Dons de Cafh – deve ser acompanhada pela união anímica – o trabalho ascético-místico perseverante sobre nossa mente e nossos sentimentos –.

A prática da Ascética da Renúncia produz em nossa alma um estado de renúncia. Em outras palavras, compreendemos as leis cósmicas que nos regem – Lei de Predestinação Consecutiva e Lei Arbitral de Possibilidades – e agimos de modo conseqüente. O que fazemos, pensamos e sentimos está em harmonia com nosso fim de união com a Divina Mãe. Este processo nos leva à união anímica.

A participação nos Dons de Cafh – a união sensível – e a prática da Ascética da Renúncia – a união anímica – capacitam-nos para passar de um estado composto, formado por sentimentos e pensamentos contraditórios, a um estado simples e harmônico. Em outras palavras, liberamos nossa mente e nosso coração do que não condiz com nossos objetivos de desenvolvimento. O autodomínio nos permite dedicar nossas forças, nossa energia e nosso tempo a nosso fim de união com a Divina Mãe. Poder trabalhar nesse processo representa o exercício de nossa verdadeira liberdade.

A união de espírito é o terceiro aspecto da união substancial com a Divina Mãe.

A união de espírito é a conseqüência da reserva de energias produzida pela união sensível e a união anímica, reserva dedicada ao cumprimento da Grande Obra.

A união de espírito é a entrega de nossos esforços à realização da Grande Obra. Para nós, membros de Cafh, é a vivência da mística do coração para alcançar a união com a Divina Mãe.

A União Substancial com a Divina Mãe se expressa em um estado de consciência simples, genuíno e expansivo.

Dedicar nossa energia ao cumprimento da Grande Obra pressupõe, em termos práticos, a renúncia sistemática através do autodomínio para que nossa mente, nossos sentimentos e nosso atuar estejam centrados em objetivos harmônicos com nosso fim de união com a Divina Mãe e para que nosso intelecto e a capacitação que possamos alcançar passem de ser uma posse pessoal a ser um bem universal.

Do ponto de vista operativo, a união substancial com a Divina Mãe é ação reta, pensamento inclusivo e sentimento expansivo.

Como poderíamos falar de união substancial com a Divina Mãe se não praticássemos a generosidade e a participação, se não tivéssemos como objetivo tornar nossa conduta conseqüente com a participação com todas as almas?

Poderíamos nos fazer algumas perguntas em nível pessoal:

Atitudes como preconceitos, egoísmo, indiferença, falta de interesse por saber, podemos sustentá-las com o "eu sou assim" ou são campo fértil para meu trabalho interior? Quanto me deparo com contrariedades e as coisas não saem como eu gostaria, busco culpados ou faço introspecção e auto-avaliação para compreender aonde me levam as conseqüências de meus atos, pensamentos e sentimentos? Quando sinto que não me compreendem, culpo os demais ou tento penetrar na perspectiva deles? Quando sinto que me falta algum bem material que me faria feliz, sinto-me privado/a de um direito que me cabe ou olho para os que necessitam de mim e os ajudo a conseguir o indispensável? Quando observo a conduta inconseqüente em alguém, uso essa percepção para acusar e criticar ou para ajudar com o bom exemplo e a auto-observação?

Conforme respondermos estas e muitas outras perguntas que podemos fazer-nos, assim será nossa possibilidade de compreender como exercer nosso livre-arbítrio para poder caminhar com passo seguro rumo à união com a Divina Mãe.

Os Votos de Silêncio e de Fidelidade nos dão a luz que podemos necessitar a este respeito. O Voto de Silêncio cria o âmbito de silêncio fértil para a voz da Divina Mãe. O Voto de Fidelidade nos proporciona o alimento espiritual necessário, pois nos torna amplamente receptivos aos Dons de Cafh e ativos no caminho rumo à união substancial com a Divina Mãe.

6. ECONOMIA PROVIDENCIAL

Importância do conceito *economia providencial* na ensinância de Cafh

A economia providencial é central à ensinância de Cafh porque é um campo que os seres humanos temos para aplicar nosso livre-arbítrio na consecução da Idéia Mãe sobre a Terra. Deste ponto de vista amplo, economia providencial é a concretização, na vida diária, do sentido de participação.

Façamos uma pequena recapitulação do que foi dito até agora na seção *Conceitos Básicos* deste curso.

Cafh apresenta um esquema para interpretar a vida sobre a Terra, tal qual a observamos.

Cafh sustenta que o universo se rege por um Plano de Evolução Universal e que:

- O Plano de Evolução Universal expressa a finalidade da manifestação, e a vida segue um trajeto progressivo rumo a essa finalidade.
- Este Plano se cumpre por etapas através da Idéia Mãe, atualizada para cada etapa.
- A Idéia Mãe é levada a cabo através da Grande Obra, o conjunto das obras materiais, intelectuais e espirituais que os seres humanos efetuamos para realizar nosso destino, de acordo com o Plano de Evolução Universal.
- A Grande Corrente é a força dos Mestres que projetam a Idéia Mãe sobre a humanidade em conjunção com a força da intenção, dos pensamentos e dos sentimentos que geramos para realizar nossos propósitos.
- A Grande Corrente adquire um poder muito maior quando estes propósitos nossos se harmonizam com a Idéia Mãe, e Cafh chama Poder da Grande Corrente a esta força que acelera nosso desenvolvimento.
- Esta força nos impulsiona a cumprir com plenitude nosso destino, de acordo com a Idéia Mãe que rege esta etapa do Plano de Evolução Universal.
- O Plano de Evolução Universal é levado a cabo graças ao processo de mudança que chamamos Devenir. É óbvio que para que haja evolução deve haver mudança.
- Esta mudança, tal como se expressa na vida humana, rege-se por três leis, a de Predestinação Consecutiva, a Lei Arbitral de Possibilidades e a Labareda.

Destas três leis, a que nos ocupa agora em relação com a economia providencial é a Lei Arbitral de Possibilidades.

Embora estejamos sujeitos à Lei de Predestinação Consecutiva, podemos escolher como responder diante das situações que se nos apresentam e, desta maneira, acelerar ou retardar nosso desenvolvimento e o adiantamento humano. Isto significa que, no contexto da Idéia Mãe, está a nosso arbítrio a forma como respondemos aos efeitos da Lei de Predestinação Consecutiva e a celeridade com que realizamos o fim último, não só de nosso destino, mas também o da humanidade em seu conjunto.

A Lei Arbitral de Possibilidades nos dá a oportunidade de corrigir o rumo que nossa vida toma, para o bem ou para o mal. Se nossas ações nos orientam rumo à realização da Idéia Mãe, geramos adiantamento e plenitude; do contrário, causamos sofrimento, tanto a nós mesmos como à humanidade.

Campo de ação da economia providencial

O que implica exercer o livre-arbítrio de forma que acelere nosso desenvolvimento, gere plenitude e bem para todos?

Para gerar este processo positivo contamos com dois bens:

- Estado de consciência
- Recursos (Dentro do contexto desta ensinança, recursos são os bens materiais, mentais e espirituais dos quais dispomos para viver e desenvolver-nos)

O estado de consciência nos proporciona o grau de sabedoria que guia nossas escolhas, nossos juízos e nossas ações.

Os recursos são o capital que possuímos para levar a cabo o que nosso estado de consciência nos dita fazer, pensar ou sentir.

Este último ponto é o campo da economia providencial.

A economia providencial é, de acordo com a ensinança de Cafh, o uso sábio dos recursos disponíveis com o objetivo de levar a cabo a finalidade última da vida de acordo com a Idéia Mãe e, por conseguinte, com o Plano de Evolução Universal.

Em termos mais simples e práticos, economia providencial é usar os recursos de que dispomos – tanto o volume pessoal como o social – para o bem e o adiantamento da vida sobre a Terra.

Quando falamos de recursos incluímos todas as suas manifestações: bens de consumo, energia física, energia mental, energia emocional, trabalho, poupança, recursos biológicos e tudo o que a Terra nos proporciona.

Os recursos dos quais dispomos podem ser postos a serviço do cumprimento da Idéia Mãe e também podem ser desperdiçados em objetivos contraproducentes. A economia providencial nos ajuda a inclinar a balança para o lado do cumprimento da Idéia Mãe.

Conceitos básicos

A economia providencial faz uma incursão em três campos:

- *O uso* dos recursos de que se dispõe
- *A reserva* dos recursos, a poupança.
- *A multiplicação* do volume de recursos

No que se refere ao uso, podemos falar de três campos:

- Finalidade que se persegue com o uso dos recursos
- Uso eficiente e mínimo para cumprir com o fim proposto
- Relação entre finalidades, bens empregados e objetivos alcançados para estabelecer se se justifica o uso dos recursos em cada caso.

No que se refere à multiplicação, podemos distinguir três campos:

- Uso que contempla a renovação dos bens empregados
- Práticas que aumentam o nível de recursos disponíveis
- Estudos que avaliam os objetivos que se perseguem

Requisitos básicos

A economia providencial, para ser posta em prática, tem alguns requisitos básicos:

- O sentido de posse se concilia com o sentido de participação
- O sentido do direito a usufruir recursos se concilia com o sentido de responsabilidade no uso dos bens sociais e pessoais.
- O uso e a exploração dos bens que pertencem à Terra devem contemplar as necessidades sociais de uso e conservação desses bens.
- Os bens pessoais são próprios, dentro do marco de referência do bem comum.

Alcances do conceito *providencial* e do conceito *bens*

Providencial quer dizer: disposição antecipada ou prevenção que mira ou conduz à realização de um fim.

É muito importante deixar bem claro para onde aponta o fim que perseguimos quando falamos de economia providencial. Para que a economia providencial seja tal, seu fim é o bem e o desenvolvimento de todos os seres humanos.

Os bens indispensáveis para todos são:

- Bens materiais básicos: comida, água potável, alimentos, ar limpo, energia, lugar onde viver.
- Bens sociais: educação, salubridade, recreação, relações sociais, trabalho.
- Bens espirituais: liberdade de pensamento e liberdade de culto; acesso a doutrinas, ensinanças, métodos de vida, cerimoniais.
- Bens para o futuro: poupança, previsão, planejamento, pressupostos adequados a situações em transformação.

Aplicação da economia providencial

A aplicação dos princípios da economia providencial é responsabilidade de cada um de nós, os seres humanos. Qualquer plano que queiramos implementar deve partir da educação e da tomada de consciência das pessoas individuais.

Nosso ponto de vista espiritual descarta os movimentos de força que impõem programas, ideologias ou sistemas econômicos ideados com o afã de dominar as pessoas, grupos ou países. Como membros de Cafh, propomos a educação que promova o adiantamento espiritual, a participação e o respeito pelo próximo como agentes de mudanças pacíficas e produtivas que nos indiquem as formas mais adequadas e produtivas de usar os recursos de que dispomos.

A economia providencial inclui, mas excede amplamente o tema do manejo dos recursos materiais. A economia providencial é, como dissemos mais acima, uma forma sábia e participativa de administrar os recursos materiais, mentais e espirituais para pô-los a serviço do cumprimento da Idéia Mãe.

Para refletir sobre a aplicação da economia providencial na vida diária, podemos apoiar-nos neste conceito: “*Ocupar um lugar no mundo e não dois*”. Talvez possamos argumentar que não sabemos quanto é “um lugar”. Ainda que não tenhamos respostas irrefutáveis a esta questão, podemos analisar o tema situando nossas necessidades dentro das necessidades que os demais seres humanos também têm de encontrar um lugar no mundo. O sentido de partici-

pação que estas reflexões podem despertar em nós seguramente nós ajudará a encontrar um lugar, e não dois, na sociedade em que vivemos.

Ao ser um tema tão amplo, nos remetemos a nosso método de vida para encontrar um guia no uso dos recursos. A meditação, o exame retrospectivo, a frugalidade, o autodomínio, a temperança, a ensinança de participação e amor, as experiências nos retiros, são alguns aspectos da educação que Cafh nos oferece no que se refere a como aplicar a economia providencial.

No entanto, gostaríamos de incluir nesta ensinança um artigo sobre a poupança por considerá-lo interessante para refletir sobre os mecanismos práticos que entram em jogo na consecução de planos tão cosmogônicos como o *Plano de Evolução Universal*.

Embora o *Plano de Evolução Universal* tenha dimensões difíceis de compreender, na realidade a parte de execução que nos cabe aos seres humanos se cumpre através de uma infinidade de passos simples e concretos que damos cada um dos seres que habitamos o planeta Terra. Tomemos como exemplo a descoberta da poupança como ferramenta da economia individual e social. Este conceito e sua aplicação significaram um passo transcendental na história do desenvolvimento humano.

"Quando os antigos povos coletores descobriram o benefício da agricultura, incorporaram a seu saber o conceito que séculos depois a teoria econômica elaboraria sobre a poupança. A reserva de uma pequena quantidade de sementes tinha a capacidade de transformar-se na colheita do ano seguinte. Em outras palavras, se obteria benefício adicional *sacrificando uma parte do consumo presente*. Hoje, associaríamos esta reserva com o conceito de *inversão*.

"Contudo, *não havia uma maneira de garantir* o resultado da colheita posterior. A falta de chuvas ou um granizo inesperado podiam frustrá-la e significar um retrocesso à fase coletora. Portanto, pensou-se que também seria procedente reservar *sistematicamente* uma parte do produto prévio, para fazer frente às necessidades causadas por imprevistos.

"Ao compreender isso, estes povos incorporaram o que costuma utilizar-se como fundamento primeiro da poupança na literatura econômica".⁶

⁶ Aníbal Virgili: *Concepto, motivaciones y determinantes teóricos del ahorro*

MÍSTICA DO CORAÇÃO

MENSAGENS DO CAVALEIRO GRANDE MESTRE FUNDADOR

OS TESOUROS DA DIVINA MÃE

Mensagem de 1953

Dou-vos, Filhas e Filhos meus, os tesouros de meu Coração: reparti-os.

Dou-vos minha experiência eterna, feita através da construção e destruição dos universos para vos demonstrar a profundidade incomensurável da eternidade sempre presente, nunca criada, nunca destruída.

Ela fará com que abrais os olhos sobre o mundo olhando as mudanças e as voltas do tempo como a criança olha a passagem das aves no céu.

E enquanto repetis uma e quarenta e nove vezes o Nome Inefável, o que foi voltará a ser e o que é já terá deixado de existir.

Fixai vossos olhos ali, repetindo vossos lábios o Nome Santo, fluindo vossas forças pelos quarenta e nove elos, sereis imortais.

Por isso, ao tomar-vos em meus braços, coloquei em vossos pescoços a Mística Corrente.

Tomai minha força e meu poder; fechai com vossas mãos fortes as fauces do leão.

Vencei e tornai a vencer. Vossas forças são minha força e minha única força é dar-me a vós.

Quando tiverdes aprendido que as correntes vitais que saem de vós percorrem o universo e voltam a vós, trazendo-vos a dádiva da Eternidade percorrida, sereis invencíveis e vossas espadas já não se quebrarão nunca e não haverá quem possa contra elas.

Tomai, enfim, meu amor, todo meu amor

Ser sábio é alcançar liberação; ser bom é contribuir para a salvação do mundo; ser puro é igualar as hostes angelicais; mas saber amar é identificar-se com a própria eternidade.

Não desprezeis nem mesmo o mais imperfeito amor que leva consigo a impressão do amor divino.

Guardai vosso amor zelosamente como guardais o brilhante sob a coroa de ouro.

Por oito etapas chegastes até a equiparação da vida e da morte, já que vosso amor renuncia à vida e vence a morte.

Tomai, Filhas e Filhos meus, todos os meus Tesouros: o Nome Inefável, a Espada Invencível, a Pedra Preciosa, a Árvore da Vida e a Água da Fonte de meu próprio Coração.

Tudo eu vos dou, porque sei que desviastes para fora as forças que já brotam de vosso interior, para dar e dar mais, porque sossego, força e amor são a salvação do mundo.

Tomai, Filhas e Filhos meus, os Tesouros de meu Coração e reparti-os.

CULTIVAI AS ALMAS

Mensagem de 1955

Abri as portas de vosso coração a todas as almas, Filhas e Filhos de Cafh.

O amor, ímã potente das almas, atraí-las-á.

Cultivai com vosso amor as almas jovens; que nem uma só se perca, que nem uma só se desvie; oferendai todo vosso sangue por elas se necessário for, guiai-as pela senda da fé, da beleza, da alegria de viver.

Cultivai com vosso amor as almas daqueles que vos foram confiados.

Não seja desunida a vida espiritual da vida humana, mas fazei que seja uma única expressão da Divindade.

Que cada lar seja uma Távola, que cada Távola seja um lar!

Cultivai com vosso amor todas as obras das Filhas e dos Filhos: suas esperanças, seus anseios, seus trabalhos, suas possibilidades.

Toda experiência vale a pena ser vivida se se termina o que se começa.

Das menores e mais insignificantes coisas, pode-se tirar o fruto mais perfeito e divino.

Cultivai com vosso amor a almas escolhidas.

Afastai delas o perigo, as dificuldades, os obstáculos, para que possam chegar à consumação de seu desejo divino.

O fim supremo de Cafh é levar as almas ao cume da perfeição e as almas escolhidas são uma prenda, uma imagem, uma certeza de que o fim perfeito pode ser alcançado ainda nesta vida.

Abri as portas de vosso coração a todas as almas, Filhas e Filhos de Cafh! e abri ainda as portas de vosso coração às almas que estão por devenir.

Um grande número de seres e de Iniciados está por vir sobre a Terra acompanhando o Divino Redentor.

Eles precisam de pais e de mães espirituais que ajudem sua descida à Terra com sua oração e castidade.

Eles precisam ainda de pais e de mães que lhes dêem um corpo adequado para cumprir sua missão sobre a Terra, sua grande Missão de Amor.

Se necessário, dai vossa vida e vosso sangue para as almas.

Porque somente o amor que se dá, que não pede para si mesmo, que se sacrifica e se entrega ao sofrimento voluntário, pode redimir o mundo e salvar todas as almas!

A MENSAGEM DA RENÚNCIA

Mensagem de 1957

Filhas e Filhos de Cafh: olhai para o vale do mundo onde as almas clamam por sua salvação e recebem como resposta raios de luz obscurecidos, rugidos dos abismos profanados, vozes proféticas de destruição ou vozes de esperança dadas por intermediários!

Filhas e Filhos da Divina Mãe, porque não brindais a todas as almas vossa experiência de Renúncia?

Levai vossa Mensagem viva às almas, vossa Mensagem de Renúncia. Só desterrando do coração dos homens⁷ o Credo de Posse poderão ressuscitar e viver.

Levai vossa Mensagem de Renúncia às almas: como mística, como credo, como ciência, como técnica, como moral, como suprema sabedoria.

Levem as Filhas e os Filhos Patrocinados sua Mensagem de Renúncia de gostos.

Levem as Filhas e os Filhos Solitários sua Mensagem de Renúncia de bens.

Levem as Filhas e os Filhos Ordenados sua Mensagem de Renúncia de vida.

A Renúncia é a Lei do mundo futuro e vós estais entre os precursores que vivem esta Lei que será o modo de viver dos homens que virão.

Serão tão conseqüentes com sua Missão as Filhas e os Filhos de Renúncia que impeçam a iminente destruição que precederá a era de Sakib?

Levai vossa Mensagem de Renúncia às almas, emanando de todo vosso Ser esta Renúncia feita luz, compreensão e vida em vós.

Avistai com olhos de águia este mundo futuro, sede arautos e experimento desta nova era que virá.

Filhas e Filhos de Cafh, através de vossa Renúncia elucidai claramente os valores atuais que estão por caducar; que vos seja concedido, como dom clarividente de experiência, vislumbrar e preparar esse mundo onde os sábios e os santos serão sacerdotes, legisladores e guias da humanidade; onde os que moderam e distribuem as correntes econômicas dos povos serão considerados governantes dos mesmos; onde os produtores serão os benfeitores da humanidade, onde desaparecerão os intermediários entre Deus e o homem, entre o professor e o aluno, entre o produtor e o necessitado.

Levai vossa Mensagem de Renúncia a todos os setores humanos, a todas as almas, indistintamente; não vos fazendo intermediários, mas unificando-vos com todos eles, com todos os seus problemas, com todas as suas ânsias e angústias.

Sede estudantes entre os estudantes, operários entre os operários, deserdados entre os deserdados, capazes entre os capazes. A Renúncia fará com que todos vejam que só a ânsia de posse, como imagem mental e estado emotivo é o que separa os homens em setores e castas.

Ensinai que a Renúncia é vida.

Por que ser submetido à dor e à morte que é a Lei de Renúncia conseqüente, quando a Renúncia, ao tirar a posse da vida, dá a participação permanente da mesma?

⁷ Na linguagem da época se usava a palavra *homem(ens)* de forma genérica, para referir-se a(os) ser(es) humano(s)

Filhas e Filhos de Cafh: levai vossa Mensagem de Renúncia às almas, participando das idéias novas e das diversas filosofias sociais para captar o que há de bom e verdadeiro em cada uma delas; participando da nova Religião do Futuro que hoje fermenta em todos os movimentos espirituais do mundo; ensinai-lhes que todos são filhos de uma mesma Luz.

Filhas e Filhos de Cafh: levai vossa Mensagem de Renúncia a todas as almas indistintamente, ensinai-lhes que o bem dos povos não é o resultado de guerras e revoluções, mas da capacidade expansiva, fruto do sacrifício, do trabalho, das migrações e da renúncia ao supérfluo.

Levai vossa Mensagem de Renúncia vivendo a vida de todos e participando das idéias de todos. O primeiro passo para ensinar a Renúncia é despojar-se de si mesmo, dos próprios gostos, dos próprios bens, da própria vida!

Guiai as almas rumo a esse novo mundo sem travas; é premente a necessidade, esta é a hora.

Filhas e Filhos de Cafh, levai ao mundo angustiado e expectante vossa Mensagem de Renúncia!

A VERDADE ESPIRITUAL

Mensagem de 1961

Filhas e Filhos de Cafh! A Vida Espiritual é a verdade; fazei da vida espiritual uma verdade.

Os signos são signos; a tradição é tradição; os empirismos são empirismos; as possibilidades são possibilidades; mas só um conhecimento essencial, determinado, formal e evidente é uma verdade.

Filhas e Filhos de Cafh: fazei de vossa Vida Espiritual uma verdade! Fazei dos postulados espirituais algo verdadeiro, algo vivo, algo evidente!

Diferenciem, antes de tudo, os conhecimentos divinos dos conhecimentos metafísicos.

Os conhecimentos divinos são resultado da iluminação intuitiva, da exaltação mística, da sublimação estática; são também resultado da especulação intelectual, do estudo dos textos e das tradições; mas sempre, ao partir o estudo ou a sublimação, de um conhecimento possível ou contingente de uma verdade suposta, nunca é uma verdade evidente. Não há verdade evidente sem conhecimento essencial do sujeito. A única verdade evidente do divino é o silêncio insondável, o desconhecido, o mistério.

Os conhecimentos metafísicos são possíveis ou evidentes. Proclamem sobretudo os conhecimentos metafísicos evidenciados ou em vias de sê-lo. O conhecimento que mais se arraiga nas almas novas é sempre o concreto evidente que se inclina para o ato determinante pela prova experimental. Seja sempre esta a característica da Ensinança de Cafh: um conhecimento há de ser formado e demonstrado, e uma infinidade de conhecimentos metafísicos estão em condições de serem evidenciados.

Filhas e Filhos de Cafh, fazei da Vida Espiritual uma verdade.

Muitos sistemas animistas, certamente com muito boa intenção e vontade, misturam as ensinaças sobrenaturais com as divinas confundindo as almas ansiosas por distinguir o possível do verdadeiro, ou apresentam especulações intelectuais ou concepções teológicas como verdades evidentes, cegando momentaneamente as almas para depois deixá-las na dúvida e no desengano.

Outros apresentam fenômenos físicos ou psíquicos como sobrenaturais e são prontamente refutados pela psicologia profunda ou pela bioquímica cerebral que modifica os transtornos psicomentais com medicamentos apropriados.

Tudo isto afasta as almas da busca da verdade e retarda-as na Senda de sua Liberação Interior.

Filhas e Filhos de Cafh, a Vida Espiritual é a Verdade!

Dai, sobretudo, às almas a Doutrina com uma Ensinança clara, precisa, demonstrável.

Que a Ensinança seja clara, essencial, eliminando o papelório, as metáforas em demasia e a cultura dispersa. Ante o volume do saber humano, metafísico e espiritual, e que nenhum indivíduo pode possuir por si só, organizai um sistema breve, conciso, automático, de informação, que os ensinantes de Cafh irão elaborando até que possa ser suplantado por cérebros científicos eletrônicos.

Que a Ensinança seja precisa, com uma linguagem apropriada e termos já consagrados e aplicados. A linguagem é a alma dos fatos e as palavras não podem ser confusas nem estar mal aplicadas. É necessário distinguir bem os estados físicos dos sobrenaturais e estes dos espirituais.

Cada estado ou conceito deve ter sua palavra definitiva e se não for conhecida deve-se criá-la; é necessária uma nova linguagem doutrinária, uma verdadeira filosofia da palavra.

Que a Enseñança seja demonstrável; tudo o que ensinai às almas deve ser evidenciado ou deve ser exposto a título de informação ou de possibilidade. Só a verdade chega às almas ou a possível verdade quando se apresenta como tal.

Ensinai que a cultura espiritual não desliga o homem da cultura geral, já que forma parte da mesma. Claro, a cultura bem consolidada e formadora de homens, e não a profissionalista.

Filhas e Filhos de Cafh, dai a verdade!

Com a Verdade vossas correntes psicossomáticas, psicomentais e espirituais serão transformadas, e os diversos estados de consciência serão superados e sublimados, aproximando a alma do mistério divino.

Filhas e Filhos de Cafh, dai a verdade!

Nem desdenheis de dar às almas as ciências sociais já que a Mensagem de Renúncia é a ciência social por excelência e é a única corrente espiritual que pode dar corpo místico às novas correntes da Humanidade.

E, sobretudo, a Renúncia é a lei misteriosa que introduz a alma nos mistérios divinos.

Filhas e Filhos de Cafh, a Vida Espiritual é a Verdade!

A EXPANSÃO

Mensagem de 1962

Filhas e Filhos da Divina Mãe, fazei com que Cafh se expanda sobre toda a Terra!

Todas as almas estão aptas e prontas, e esperam ansiosamente pela hora, sem admitir mais demoras.

Expandi Cafh fixando em vosso interior a Mensagem da Renúncia.

Praticai sem interrupção os exercícios ascéticos que vos foram indicados desde vossa adesão a Cafh, mas só de um modo mecânico, técnico. Todos os exercícios ascéticos, inclusive a meditação como vos foi corretamente ensinado, deverão ser sobretudo exercícios musculares, fonéticos, sugestivos, cérebro-espinhais. Os exercícios ascéticos que desde seu início aguçam os sentidos, clareiam a mente, fortalecem a vontade, acentuam a sensibilidade, dão domínio sobre o corpo físico ou o pensamento, devem ser descartados. Se bem que seja impossível ao principiante o aprendizado sem aspirar a nenhuma conquista, no entanto, estas deverão ser somente como classificações escolares superadas pelo resultado da experiência. Alguns místicos deixam a execução do exercício ascético sem resultados para mais tarde, mas depois é impossível que a alma rejeite o que já estabeleceu como uma conquista permanente.

Os exercícios ascéticos sem a busca de resultados introduzem a alma, por pura mística e livremente, em seu interior, esvaziando-a de tudo, espelhando a Mensagem da Renúncia sem travas, unicamente comunicando-se por poder de similitude interior com todas as almas adequadas.

E este é o começo da expansão de Cafh.

Filhas e Filhos da Divina Mãe, expandi Cafh tomando consciência da Mensagem da Renúncia!

Tomai posse profunda de vós mesmos. Não pode tomar contato com as almas nem penetrar em seu interior aquele que não conhece a si mesmo, aquele que não toma consciência de si. É necessário resolver as mais simples perguntas de: quem sou eu na realidade? O que verdadeiramente sinto e não o que creio sentir? O sentir escapa e esconde-se das mãos do ser e, sem saber o que em realidade se sente não há consciência de si, apenas consciência-reação. Ao explorar seu interior e controlá-lo constantemente, tomam posse de sua consciência profunda e do sentir da Mensagem da Renúncia.

Tomar consciência de si, sentir o sentir da Mensagem da Renúncia é desencadear nas almas uma reação em cadeia do mesmo claro sentir, é expandir Cafh.

Filhas e Filhos da Divina Mãe, expandi Cafh dando às almas definições claras e evidentes da expressão sobrenatural da Mensagem da Renúncia.

A fé religiosa, as experiências metafísicas e as realizações individuais foram sempre os elementos que puseram os homens frente às possibilidades desconhecidas, mas agora a fé religiosa e as experiências individuais querem ser suplantadas por muitos pela fé simples e pela experiência científica. É urgente permitir às almas que revisem suas crenças e dogmas sem escrúpulos para que a fé e a experiência possam alcançar uma amplitude imprevisível.

Exponham a Mensagem da Renúncia, dando-lhe todo o seu alcance sobrenatural, mas não além do evidenciado, para que as almas saiam do círculo fechado dos esquemas mentais, sabendo o que podem e o que não podem, o que se pôde elucidar e o que permanece no mistério. É necessário que as almas saibam quais são suas verdadeiras possibilidades interiores e como manejar suas potências anímicas; que distingam quais são as conquistas metafísicas que se podem sustentar frente à análise, quais são as experiências individuais possíveis e quais as hipóteses que estão em

vias de serem evidenciadas. Ensinem às almas que não devem envergonhar-se do que não conhecem nem disfarçá-lo ignominiosamente, mas que o desconhecido é sempre Deus mesmo.

A clareza e honestidade nas definições é a Mensagem da Renúncia feita verbo nas almas.

Filhas e Filhos da Divina Mãe, expandi Cafh estando em contato e presença com as almas! Estai com as almas permanente, íntima e desapaixonadamente. As almas estão sedentas da Mensagem da Renúncia e da companhia da alma que a proclama com sua vida. As almas já não se ganham nem com palavras nem com promessas; nem tampouco com novas doutrinas e novas polêmicas, mas com a verdade feita carne e sempre presente do ensinante de presença: em semelhança de sentir, em participação de vida, em compreensão mútua. Vós sois testemunho da Mensagem da Renúncia, e todo o conjunto é às vezes responsável pela palavra recebida diante de vós, e quando o mestre e o discípulo estão juntos e compartilham a mesma vida, todos os problemas se resolvem espontaneamente. A Mensagem da Renúncia, com a presença das Filhas e dos Filhos que a vivem, diz que o problema humano não é ter ou não ter, crer ou não crer, estar com o correto ou com o injusto, pertencer a uma classe ou outra, a um grupo ou outro, mas o problema é somente conseguir as possibilidades necessárias para desenvolver-se pura e simplesmente como seres humanos, a capacidade espontânea de distinguir entre o alcance de uma conquista qualitativa e uma conquista quantitativa, o discernimento para conhecer a liberdade espiritual sem confundi-la com a liberdade instintiva. A liberdade instintiva é fictícia porque produz a miragem de que o ser está fazendo o que quer, enquanto que a liberdade espiritual dá ao ser capacidade precisa de localização de si dentro do conjunto humano e, por conseguinte, dentro do Corpo Místico de Cafh.

Quando a Mensagem da Renúncia está presente nas almas a expansão de Cafh caminha velozmente.

Filhas e Filhos da Divina Mãe! Expandi Cafh proclamando a Mensagem da Renúncia! Atuai nas almas exteriormente se vossas almas se tiverem projetado nelas interiormente. Dai a proclamação da Mensagem da Renúncia às almas na sua medida. Ir às almas é amá-las, compreendê-las, participar de suas necessidades e de suas aspirações, identificar-se com seu ambiente e seus costumes. Dar um presente magnífico a uma criança que vive numa moradia sórdida é uma caridade ilusória; proporcionar um vestido luxuoso à mocinha do cortiço é cobrir as feridas sem lavá-las; proporcionar ao jovem uma quadra esportiva moderna, em bairros insalubres, é zombar da miséria; assim como também o é proclamar idéias inalcançáveis àqueles que precisam de idéias de soluções imediatas.

A Mensagem da Renúncia deve ir às almas na sua medida, de acordo com o ambiente ou o lugar a que pertencem. As Filhas e os Filhos deverão proclamar a Mensagem da Renúncia além das proclamações religiosas e políticas, só com uma voz espiritual que compreende e compartilha a crescente necessidade dos homens de todas as classes e de todas as raças, de melhorar suas próprias condições de vida. Uma voz espiritual que exorta todos os homens para que aceitem todos os sacrifícios inerentes aos atos e à hora atual e compreendam que o que podem perder num plano sempre é compensado em outro: a um reajuste econômico, uma elevação de valores morais, a uma perda de cómodas seguranças dogmáticas, um maior desenvolvimento espiritual.

Filhas e Filhos da Divina Mãe expandi Cafh ditando uma Ensino precisa!

Transmiti a Ensino às almas com métodos sempre renovados. As Ensinos utilizadas para educar as Filhas e os Filhos e as almas têm sido adequadas sempre ao momento, às circunstâncias e à capacidade aquisitiva. Têm sido utilizados vários métodos e enunciados de várias doutrinas e escolas que foram progressivamente moldados, adaptados e superados. Os ensinantes devem transmitir às Filhas e aos Filhos a Mensagem da Renúncia com apontamen-

tos claros, sintéticos e precisos, determinando sempre o possível do evidenciado, baseando-se sempre na tradição mística, na filosofia da história e nas ciências exatas. Querer manter uniformemente um mesmo método de Ensino é colocar os que a ditam no passado e a Ensino da Mensagem da Renúncia é o presente infinito.

A Ensino em si é um fator indispensável de expansão, é o meio mais plausível de novos contatos, de fundações prósperas e pujantes, é o elemento de que os Filhos dispõem para pôr-se em contato direto com as almas.

Com a Ensino, as Filhas e os Filhos pilotos, captadores de ambiente, preparam nos diferentes lugares o terreno propício para estabelecer Cafh, mantêm vivo, no mesmo, o entusiasmo e fazem-se vanguarda de aspirantes no lugar de sua residência ou no círculo de sua atuação.

Filhas e Filhos da Divina Mãe, expandi Cafh trabalhando na Integração da Grande Obra!

Todos vós expandis Cafh com vosso trabalho de cada dia. O trabalho à luz da Mensagem da Renúncia faz-se mística viva, santificador da matéria.

Vós constituís a Integridade da Grande Obra com o cumprimento de vossa obrigação no mundo que contribui para a formação da sociedade civil e espiritual. Só com o trabalho é possível à humanidade superar as estruturas inadequadas e estabelecer o reino da paz sobre a terra. As rebeldias só fomentam a insatisfação sem apresentar nenhuma solução concreta; só o trabalho proporciona soluções espontâneas e sucessivas e é a base do estabelecimento da Economia Providencial.

Filhas e Filhos da Divina Mãe, expandi Cafh utilizando escrupulosamente o Poder da Grande Corrente!

O raio de luz mantido quebra toda resistência. A emissão do raio sustentado de Foá faz com que a expansão de Cafh seja um fato matemático, mas a força de Foá não utilizada por inércia ou utilizada pessoalmente, é um excedente dinâmico irrecuperável.

O raio de Foá sustentado aumenta vosso magnetismo pessoal e por conseguinte, aumenta continuamente o número de Filhas e de Filhos como a gota d'água no raio de luz. Da mesma forma, multiplica os Raios de Estabilidade e centuplica as Obras de Cafh.

O raio de Foá sustentado desintegra todos os componentes obstáculos e ilumina a Mensagem da Renúncia em todas as almas potencializando todas as possibilidades de vosso desenvolvimento espiritual.

O Poder da Grande Corrente é mantido pelas Filhas e pelos Filhos e todos eles são indispensáveis para a expansão adequada de Cafh. O número de almas consagradas na Ordenação há de ser cada dia maior e os Diretores Espirituais deverão guiar a ela as almas com disposições e qualidades adequadas.

As Távolas, as Filhas e os Filhos deverão ser assistidos por Ordenados, embora o número destes deva ser sempre limitado às necessidades das Távolas. Mas o número de Filhas e Filhos consagrados na vida de Comunidade há de crescer constantemente. Sem eles, que constituem a oferenda de holocausto, o exemplo vivo das possibilidades da Mensagem de Renúncia, a expansão de Cafh é impossível. Em todos os lugares onde reside uma Távola de Solitários deveria constituir-se uma Comunidade de Filhas ou de Filhos Ordenados.

Filhas e Filhos da Divina Mãe, expandi Cafh fortalecendo dia a dia em vossas almas o sentido dos Votos!

O Voto é o selo na alma, do Divino Desconhecido, do Ser frente ao mistério da Eternidade: é Deus na alma da Filha e do Filho.

O Voto vos faz participantes da Divindade.

O Voto é selo indelével, confirmação sobre a Terra da Lei Universal da Renúncia, forjador de homens conhecedores de seu sentir e donos de seus conhecimentos.

O Voto vos faz Unidade essencial porque vos une substancialmente à Divina Mãe e a Mensagem da Renúncia se expande a todo o Universo, e é simplesmente Renúncia.

Na União Substancial não há Filha ou Filho mas vossa alma como Divino Protótipo dentro do Corpo Místico de Cafh. Só há um corpo físico, o da Integridade da Grande Obra. Só há uma expressão vossa no mundo: o Poder da Grande Corrente e só há um Divino Protótipo, cada um de vós na União Substancial com a Divina Mãe. Nem aqui nem lá, não com isto ou com aquilo, não eles ou eu, mas Beatitude. E é na fração de frações do instante que se alcança a Beatitude.

Não pode então haver dois, nem morte nem decadência, nem velhice nem mudanças, nem modos: mas só Beatitude.

Filhas e Filhos da Divina Mãe, fazei com que Cafh se expanda sobre toda a Terra, em todo o Universo!

MENSAGENS DO CAVALEIRO GRANDE MESTRE II

A MÍSTICA DO CORAÇÃO

Mensagem de 1991

A Mística do Coração se realiza através da prescindência de apoios, para evidenciar a personalidade corrente; através da humildade, para aceitar a vida e compreender sua lei: a renúncia; através da imobilidade interior, para revelar a verdadeira identidade; e através da participação e da reversibilidade, para desenvolver a capacidade de unir-se a todos os seres de uma maneira real e efetiva e realizar o destino da alma, de União Substancial com a Divina Mãe.

A personalidade adquirida é um sistema de condicionamentos automáticos e inconscientes com o qual nos identificamos a ponto de considerá-lo nossa identidade. Este sistema se forma e se sustenta através de hábitos, impulsos e desejos que levam para o afã de poder, a aquisição de bens, a necessidade de sucesso e de aprovação social. Todos esses apoios que a personalidade corrente tanto anseia conquistar são efêmeros e nós o sabemos. Por isso, quanto mais nos expressamos através da personalidade que adquirimos, mais esta cresce pelo temor de perder os apoios que a sustentam. Neste estado, nunca encontramos apoios suficientes que nos dêem a segurança pela qual tanto ansiamos.

Para evidenciar esta situação e para que possamos quebrar essa personalidade, necessitamos aprender a prescindir desses apoios, abrir-nos ao vazio de deixar a ilusória segurança do conhecido sem saber ainda aonde vamos chegar.

Não podemos encontrar segurança se antes não nos desapegarmos de nossos apoios ilusórios, isto é, de nossa ilusão de sentir-nos seguros com eles.

Uma atitude humilde pode nos ajudar muito nesta tarefa de desapego já que, para deixar os apoios, temos que aceitar nossa ignorância, nosso desconhecimento de nós mesmos. Também temos que desapegar-nos de nossas posses, tanto materiais como espirituais, pois são as que sustentam nossa personalidade.

A vida tem sua lei e não podemos mudá-la; para preencher-nos do divino temos que esvaziar-nos das ilusões, do que acreditamos ser e possuir. Quando o cântaro está cheio, é necessário esvaziá-lo para mudar seu conteúdo.

O desapego e a humildade nos conduzem para a imobilidade interior.

Quando nos liberamos das expectativas, dos desejos, do afã de posse, nossos movimentos interiores se aquietam naturalmente.

Não esperamos nada porque não nos falta nada.

Não desejamos nada porque nossa consciência se fixa na Divina Mãe.

Não buscamos competir por bens materiais ou espirituais, porque nosso único bem, nossa única segurança, está na Divina Mãe.

Nesta quietude, neste silêncio interior, podemos descobrir as outras almas, suas necessidades, suas alegrias e seus sofrimentos. Neste silêncio participamos do mundo de todas as almas, sendo uma alma entre as almas.

Esta participação é efetiva tanto em seus aspectos interiores como nos exteriores.

A participação interior nos leva a incluir-nos no todo, a saber que nada é alheio a nós nem está separado de nós. Tanto o tempo como o espaço adquirem um novo significado, já que tudo está em nós, aqui e agora.

A participação exterior é o fruto da participação interior. O que fazemos, sentimos e pensamos, responde às necessidades das almas. Respondemos ao aprender a usar sabiamente nossos recursos; ao capacitar-nos e fazer o que o meio no qual vivemos necessita que saibamos e façamos, deixando de lado nossas preferências; assistindo os que nos rodeiam; aprendendo a escutar e, sobretudo, ao desenvolver-nos e realizar em nossa vida o bem que desejamos para a humanidade.

Quando participamos nos integramos harmoniosamente ao grupo humano em todas as áreas de atividade. Compreendemos as diferenças, colaboramos, assistimos e assumimos responsabilidade. A necessidade de outra alma é nossa necessidade, a alegria de todas as almas é nossa alegria.

Ao participar, nós nos reconhecemos como parte integral da humanidade e respondemos em consequência com silêncio, com humildade, com trabalho efetivo, com amor desinteressado, com conhecimento e discernimento. Nossa consciência de ser se projeta como um amor que alivia, ampara e ilumina.

O conhecimento espontâneo das necessidades próprias e alheias transforma a consciência de ser numa vontade poderosa e eficiente que se aplica a um trabalho preciso e completo para bem de todos. Esta consciência de ser, ativa e participante, expressa a reversibilidade da renúncia. Temos a capacidade de transmutar a força de nossa consciência de ser numa vontade que se concretiza em ações específicas, adequadas à obra e às circunstâncias. Por sua vez, essas ações nos dão uma visão de conjunto que estimula a expansão de nossa consciência.

Reversibilidade é aceitar tudo e, ao mesmo tempo, pôr limites ao que nos permitimos fazer, pensar e sentir; é sofrer as vicissitudes da vida mantendo paz e harmonia interiores; é acompanhar todos sem tomar partido; é saber confinar-se numa opinião quando necessário; é, inclusive, compreender quando boas ações podem transformar-se em contraproducentes e aceitar a mudança de rumo que esta compreensão exige.

Reversibilidade é compreender todos os pontos de vista e, ao mesmo tempo, optar pelo mais adequado em cada momento para nosso desenvolvimento e o da obra a realizar. É fixar-se numa idéia como ponto de referência, mas sem dogmatizar-nos nela; é não limitar a realidade ao que podemos perceber ou compreender; é saber que a percepção que temos não é completa, que além do horizonte sempre existe uma possibilidade desconhecida.

A atitude de reversibilidade determina a amplitude do campo que a consciência cobre e mostra que os aspectos diversos e aparentemente contraditórios da realidade são complementares.

A atitude de reversibilidade é o marco de referência de nossa renúncia: o desapego se transforma em liberação; a dor, em sabedoria; a imobilidade interior, em consciência expansiva; o trabalho, em participação.

A Mística do Coração começa com a renúncia a nossa personalidade adquirida, sustenta-se sobre nossa humildade, levanta vôo com nossa participação na vida de todas as almas, mas se faz nossa própria vida através da reversibilidade. Então já não corremos perigo de voltar para trás, de cair outra vez nos jogos ilusórios da personalidade que adquirimos. Compreendemos que a renúncia é a lei da vida: que não ter nada – superar o afã de possuir – é riqueza; que não ganhar nada – superar o agir de forma interesseira, a ambição e o afã de impor-nos – é serenidade; que não ser nada – superar o afã de aparecer – é alcançar nossa identidade, ser na Divina Mãe através de todas as almas.

A VIDA EM HARMONIA

Mensagem de 2001

Prestemos atenção a nosso método para manter bem orientado nosso trabalho espiritual.

O método de Cafh responde ao fato de que nossa vida interior é inseparável da exterior e de que nos desenvolvemos em relação.

O método organiza a reunião de almas de Cafh em grupos, e estes, em Távolas.

O propósito e o trabalho dos grupos de Cafh é conseguir entre seus membros a relação que desejamos para toda a humanidade. E consegui-la agora. Este propósito em comum faz dos grupos, equipes de trabalho.

Os membros dos grupos de Cafh nos re-unimos; re-fazemos nossos vínculos sobre a base de uma consciência de participação.

O propósito e o trabalho da Távola é nutrir e sustentar o desenvolvimento espiritual de seus membros, proporcionando a cada grupo e a cada membro de cada grupo, o âmbito adequado para alcançar esse fim. Esse trabalho faz da Távola também uma equipe de trabalho.

Todos os seres estamos unidos, ainda que nem sempre sejamos conscientes desta união. O trabalho em equipe desperta, mantém e aumenta essa consciência.

Cada um de nós tem antecedentes, história, etnia, crenças e características diferentes. Para que essas diferenças não nos separem, fazemos um trabalho de equipe cujo propósito é desenvolver-nos, compreender-nos e amar-nos uns aos outros.

O desenvolvimento individual e o do grupo são interdependentes. O trabalho individual interior se equilibra e harmoniza com o trabalho no grupo. Cada um de nós trabalha sobre si mesmo e, ao mesmo tempo, trabalha como parte do grupo. O grupo trabalha sobre o próprio grupo como ente responsável por seus integrantes, e o faz sobre o propósito comum.

O grupo é o campo necessário para aplicar e avaliar o trabalho interior que efetuamos sobre nós mesmos. Nossa participação no grupo nos permite verificar se a impressão subjetiva que temos de nossa vida espiritual nos momentos de introspecção corresponde a nossa maneira de agir.

O trabalho interior está sujeito a avaliações subjetivas, nas quais somos juiz e parte ao mesmo tempo. A relação no grupo, em troca, permite-nos avaliar nosso trabalho interior com maior objetividade. Que sentido teria o trabalho espiritual se não trouxesse um avanço em nossa relação com o grupo e com cada um de seus integrantes?

O afeto entre os membros do grupo é o resultado da atitude de aceitação e respeito de cada um para com os demais, e das ações individuais conseqüentes com essa atitude.

Geramos amor aceitando as diferenças, sentindo o que o outro sente, compartilhando alegrias e dores, apoiando-nos mutuamente, trabalhando juntos e procurando crescer em compreensão de uns para com outros e participação de uns com os outros.

Como melhorar as respostas que damos quando nos encontramos diante de uma situação conflituosa com alguém do grupo ou com o próprio grupo?

O trabalho em equipe se baseia numa atitude aberta – livre de prevenções e autojustificações defensivas – para receber retroalimentação e num compromisso firme que nos sustente quando houver dificuldades.

Cada um de nós é parte integral do grupo. O erro e o triunfo de qualquer um do grupo é o erro e o triunfo de todos os seus integrantes.

Nosso amor a todos os membros do grupo é a via pela qual corre a força que dá coesão e vida ao grupo. Cada um de nós é responsável pelo grupo e todos somos responsáveis por cada membro do grupo. Por isso é necessário que escutemos, validemos e perseveremos no trabalho em equipe.

O trabalho em equipe sobre o próprio grupo implica o desafio de superar os mesmos antagonismos e desencontros que existem entre os indivíduos na sociedade. É por isso que o grupo tem que lutar com os mesmos impulsos competitivos, agressivos e personalistas que cada um de nós traz consigo de sua história e de seu meio.

As reações comuns perante um conflito são, ou impor-nos a quem acreditamos estar produzindo o conflito para anulá-lo e invalidá-lo, ou separar-nos do grupo pretendendo desqualificá-lo.

Impor-nos aos outros ou anulá-los talvez nos faça sentir bem e triunfantes, mas des-integra o grupo. Se nos deixássemos levar por esse impulso, estaríamos destruindo o bem que pretendemos estar construindo.

Separar-nos do grupo quando nele aparece um conflito, é uma fuga; é escapar de uma realidade que não temos o desejo ou a capacidade de assimilar e superar, mas que continuará existindo, mostrando-nos o passo que nos negamos a dar.

Para melhorar estas respostas é necessário que vejamos que cada conflito é um desafio, uma dificuldade que necessitamos superar se queremos continuar desenvolvendo-nos como grupo e também como indivíduos.

Recordemos alguns dos meios que temos para superar conflitos:

- Auto-análise
- Observação objetiva do grupo
- Diálogo
- Estratégias construtivas consensuais

Ser parte integral de um grupo implica um compromisso implícito com o fim comum, que temos que tornar explícito desenvolvendo nossa capacidade para aceitar as características particulares de nossos companheiros e a fortaleza interior para ver o que temos que trabalhar em nós mesmos para harmonizar com o grupo.

Se quisermos desenvolver-nos, temos que nos esforçar e enfrentar com decisão cada uma das situações que se nos apresentam, especialmente as dificuldades de relação que requerem que nós mesmos reconheçamos nossas limitações.

Trabalhar em equipe é, na prática, aprender a viver em harmonia. Talvez seja esse o objetivo de nossa existência neste mundo. O progresso material pode tornar nossa vida mais longa e mais confortável. Mas é evidente que essa não poderia ser a razão dos trabalhos da vida. Em troca, podemos aprender a viver em harmonia em qualquer condição material em que estejamos. Para isso, necessitamos primeiro reconhecer que compartilhamos a vida com todos os seres humanos e que, em consequência, necessitamos aprender a viver como partes inseparáveis do grande corpo da humanidade.

Trabalhemos, nós, Filhos e Filhas de Cafh, para a saúde da humanidade e a felicidade que todos nós poderemos alcançar. Começemos, então, por aprender a viver harmoniosamente em nosso grupo espiritual, em nossa família, em nossa sociedade.

A união mística será a consequência.

A REALIDADE COTIDIANA

Mensagem de 2002

O lembrado aforismo "Conhece-te a ti mesmo" propõe a sabedoria como objetivo e mostra o processo que nos leva a alcançá-la; também mostra o ponto do qual partimos para iniciar esse processo: conhecer a nós mesmos, aqui e agora.

Fazendo um paralelo, podemos dizer que trabalhar sobre a expansão de nosso estado de consciência – e, por conseguinte, aprofundar nossa mística –, supõe reconhecer não somente o ideal que nos move e o processo que necessitamos transitar para realizá-lo, mas também *reconhecer o ponto de partida obrigatório: o estado de consciência no qual operamos agora*. Este reconhecimento é a base sobre a qual podemos assentar com firmeza nossa tarefa de desenvolvimento.

Apesar de que acreditamos conhecer-nos, da confiança que temos de que o que sentimos é a realidade e da certeza que atribuímos a nossas interpretações, estes juízos subjetivos não são suficientes para conhecer nosso estado de consciência. Nossa limitação perceptiva, unida a nossa propensão a negar o que não queremos reconhecer e a justificar-nos ante o que não queremos aceitar, põe em dúvida nossas apreciações subjetivas acerca de como somos, do que nos acontece e do que acontece em geral.

Nosso estado de consciência, em geral, não é evidente a nossos olhos.

O que fazer?

Observemos o estado do mundo de hoje.

O mundo não está fora de nós; o mundo somos nós. Não temos fundamentos para pensar que nossa relação com Deus possa ser melhor do que a que temos entre nós. A mística que podemos experimentar não pode ser de uma natureza diferente da relação que temos com a humanidade da qual somos parte. O que observamos fora, como discriminação, injustiça, privilégio, revela o que temos dentro. Não há um "fora" na vida, um "outro"; tudo está integrado, por mais que nossa percepção enganosa e nossos mecanismos de defesa nos digam algo diferente. Observando o mundo a nosso redor poderemos ter a evidência do estado de consciência em que os seres humanos estão vivendo e, portanto, cada um de nós.

Porem, observar o mundo não é suficiente; é muito fácil escapar e dizer "eu não sou assim". Reconheçamos que nós participamos desse estado de consciência geral, seja o que for que pensemos acerca de nós mesmos e de nossa mística.

Para sair do círculo vicioso do auto-engano e poder reconhecer nosso estado de consciência atual temos que, além disso, apoiar-nos em evidências de nossa própria vida.

Quais podem ser essas evidências?

Tenhamos presente que viver é interagir, e que tudo o que fazemos afeta tanto a nós mesmos como os que nos rodeiam, nossa sociedade e o mundo em que vivemos. Estes efeitos se expressam em novas interações, e assim sucessivamente. Chamamos relação a esta sucessão de interações, e estas são fatos. As evidências com que podemos contar, então, são providas pela relação que temos com a vida, expressa nos fatos cotidianos.

Como avaliar essas evidências? Para não ficarmos numa apreciação abstrata dos fatos, prestemos atenção aos efeitos que produzimos com nossas ações.

Observemos, analisemos e avaliemos com equanimidade as reações que produzimos ao nosso redor e conheceremos em que situação nos encontramos no processo de nosso desenvolvimento: qual é nosso estado de consciência atual.

Para conhecer nossa conduta, ampliemos a perspectiva e observemos os dois componentes que nos informam sobre ela: o que acreditamos que dizemos ou fazemos e o que o entorno percebe que dizemos e fazemos. E validemos a resposta do entorno. Depois comparemos essas duas perspectivas e contrastemo-las; a partir dali, tiremos nossas conclusões. Quando batemos num vidro, não é nossa mão, mas o vidro que nos diz se a batida foi suave ou tão forte que provocou sua ruptura; se nos ferimos ao quebrá-lo, não tem sentido que responsabilizemos o vidro; fomos nós que demos a batida.

Observemos, além disso, as respostas do entorno a diferentes tipos de conduta. Quando acreditamos saber tudo e opinamos sobre qualquer coisa, quando não reparamos nos meios para conseguir o que queremos, quando medimos os outros com padrões mais severos dos que aplicamos a nossa conduta, quando buscamos privilégios invocando direitos que negamos a outros, quando reclamamos justiça culpando os outros sem fundamento, quando validamos somente os que pensam como nós e fazemos grupos à parte com eles, recebemos respostas muito diferentes de nosso entorno do que quando nos localizamos como um a mais entre todos com uma atitude aberta para aprender, quando somos conscientes do que produzimos em nosso entorno e, sobretudo, quando além disso agimos de modo conseqüente com essa consciência.

Observemos o que nos diz a forma como vivemos.

Em que medida provemos nossas necessidades, tanto materiais como emocionais e as daqueles que dependem de nós? Assumimos nossas dores e problemas ou os descarregamos sobre os outros? Fugimos de nossos conflitos ou fazemo-nos vulneráveis, abrimo-nos à comunicação e assumimos nossa responsabilidade por eles? Quão construtiva é nossa intervenção nos grupos que integramos? Damos apoio?

Observemos a influência que exercemos sobre o ambiente que nos rodeia e a qualidade dos laços de família, de amizade e de trabalho que geramos. Estimulamos ou deprimimos? Gera-mos temor, ansiedade, desassossego ou alegria e companheirismo? Aceitamos retroalimentação e geramos harmonia ou nos auto-alimentamos com nossas próprias justificações? Limitamos nossas relações ao pequeno círculo que nos dá aprovação incondicional?

Observemos a atitude com que nos relacionamos e as conclusões a que nos leva.

Se na vida corrente somos agressivos e competitivos, interpretamos a interação em termos de ganho ou perda. A vida é um campo de luta no qual, para não perder, temos que ganhar a todo custo.

Se no dia a dia tendemos a ser passivos, cremos que a vida nos deve bens e felicidade e interpretamos o que nos acontece em termos de sorte ou desgraça. Pode ser ainda que atribuamos a outros a culpa pelo que nos acontece e a partir desta perspectiva expliquemos nossos problemas e as reações negativas que produzimos nos demais.

Se no cotidiano temos uma atitude de colaboração, de empenho em dar o melhor em prol do bem comum – sem ser invasores e respeitando os espaços de cada um – estimulamos uma resposta similar de nosso entorno. A capacidade de mediação, de gerar bens e bem-estar, e até mesmo a capacidade de liderança, nascem geralmente de atitudes generosas e proativas .

Evidentemente, nossas atitudes mostram em que grau estamos integrados e em que grau nosso estado de consciência abarca nosso entorno.

Como sentimos nossa relação com Deus – nossa mística – quando vivemos centrados em nossa problemática pessoal? O mais provável é que, de forma introspectiva, nós nos coloquemos junto a Deus olhando um mundo alheio aos dois. Essa relação com Deus implica a negação de nossa realidade e, especialmente, de nossa responsabilidade por essa realidade.

O que acontece em nossa relação com Deus – nossa mística – quando nos dedicamos a abrir-nos ao entorno e reconhecer nosso estado de consciência? Começamos a levar a sério nossa tarefa espiritual sobre nossas relações, aqui e agora.

O único ponto de partida possível com que contamos para dirigir-nos rumo à união com Deus é o que somos hoje. Nossa relação com Deus também se nutre do que somos hoje e se expressa em nosso diálogo com a vida cotidiana.

Se partirmos da base de que as respostas que a vida nos dá em nosso diálogo com ela são os efeitos que nossas interações em seu contexto produzem, por que não aplicar a esta relação as normas que fazem o diálogo frutífero?

Observemos, escutemos, validemos e *assimilemos* as respostas que geramos em nossa relação com os demais.

Escutar e validar não basta para que sejamos plenamente conscientes da mensagem que o meio nos dá; necessitamos assimilar essa mensagem. Uma coisa é ter notícia de algo e outra muito diferente é incorporar essa informação a nossa compreensão. Nosso estado de consciência só se expande quando, além de receber informação, assimilamos o que essa informação nos diz e a traduzimos em conduta conseqüente. Ao assimilar as respostas que o entorno nos dá, elas se incorporam organicamente a nossa compreensão e, conseqüentemente, influem em nossa forma de atuar.

Não entendemos isso como que temos de ser débeis ou pusilânimes ou que outros hão de nos dirigir. Pelo contrário, quando assimilamos a mensagem que nosso entorno nos dá, temos suficiente conhecimento e domínio sobre nós mesmos para não atuar por reação, para tomar com firmeza as rédeas de nossa vida e assumir responsabilidade por nossa conduta.

Arraigemos, então, nossa mística na vida diária. Participemos de maneira efetiva assimilando as respostas da vida a nosso atuar, começando pelas que nosso entorno imediato nos dá. Uma vez que tenhamos alcançado esse núcleo de participação, haverá uma onda de consciência que poderá se expandir. Dessa maneira resgataremos do mundo dos sonhos a idéia de alcançar um estado de consciência mais amplo e inclusivo.

Para que a semente crie raiz, temos que plantá-la. Plantemos nossa mística na realidade cotidiana para que assimile os nutrientes de nossa relação com a vida. A vida corrente, a de todos os dias – a vida que conhecemos – é o único meio concreto com que contamos para desenvolver nosso estado de consciência e, portanto, nossa mística, participar com a humanidade e unir-nos a Deus. É por isso que dizemos que não há uma vida espiritual separada; há somente Vida.

AS PRIORIDADES

Mensagem de 2003

A situação do mundo de hoje nos cria dificuldades. O manejo de nossos problemas imediatos exige de nós grandes esforços, o sofrimento de muitos seres humanos nos aflige e a incerteza do que possa ocorrer no futuro nos enche de desânimo. Sem que nos demos conta, a pressão desses sentimentos e a premência com que vivemos vão conformando o padrão de nossas prioridades.

A grande influência que o padrão de nossas prioridades tem hoje sobre nossa conduta, perpetua os problemas que padecemos.

Faz-se indispensável reordenar nossas prioridades. Essa possibilidade de reordenação nos assegura que poderemos superar esses conflitos.

Como fazer para conseguir essa reordenação?

Reconheçamos primeiro o aspecto positivo de nossa situação.

Se nos damos conta de que há conflitos é porque desenvolvemos consciência suficiente para poder identificá-los. Além disso, temos possibilidades de superar essa situação porque se trata de conflitos cuja solução, na maioria dos casos, depende de nós, os seres humanos.

Assumamos, então, a responsabilidade do que acontece conosco. Discirnamos o rumo que nos trouxe ao ponto onde estamos e trabalhemos para sobrepor-nos aos problemas que hoje nos afligem, tanto a nós individualmente como a toda a sociedade.

Para compreender onde estamos, comecemos por perguntar a nós mesmos que atitudes e condutas nos conduziram a esta situação.

O que vemos? Por um lado, proclamamos altos valores: responsabilidade, solidariedade, amor. Pelo outro, com frequência ignoramos esses valores. Nossa relação com os que amamos nem sempre é amistosa, e a que temos com os que consideramos estranhos ou culpados por nosso sofrimento é evidentemente antagônica, quando não francamente agressiva. Os que ontem dizíamos amar são, muitas vezes, os estranhos de hoje. Vivemos expostos a múltiplos exemplos de conduta individual, coletiva e institucional que avalizam esses conceitos.

Do ponto de vista espiritual, o que poderíamos esperar de nossa mística se continuássemos dentro desses confrontos e atitudes conflituosas? Seriam nossas práticas espirituais uma mística?

A mística, tal como é descrita por nossa ensinança, pressupõe coerência entre valores e conduta, clareza e congruência entre objetivos.

O caminho que transitarmos de agora em diante dependerá muito mais das prioridades que escolhermos e do que fizermos a respeito delas do que daquilo que professarmos crer e dos valores que dissermos sustentar. Não é com poses que vamos resolver os conflitos, mas com conduta reta, orientada por objetivos que emanam de nossa vocação de desenvolvimento e de participação com todos os seres humanos.

Observemos, então, nossas palavras, nossas ações, nossas conquistas. Procuremos o fio que alinhava tanto nossos êxitos e conflitos pessoais, nossos valores e objetivos, como os problemas sociais e mundiais que hoje padecemos. Essa busca nos leva a nos perguntar o que é o que realmente nos importa, o que mais queremos; em síntese: *qual é nossa prioridade*.

Por trás do que fazemos, e conduzindo nosso fazer, estão nossas prioridades. Delas derivam nossos propósitos e, destes, nossas realizações. Essa é a motivação básica que marcou o rumo – promissor ou não – que seguimos até agora e o que abriremos de agora em diante.

Como podemos assegurar-nos de que mantemos claro o rumo do desenvolvimento que dizemos ter escolhido? Aprendendo a avaliar nosso rumo, especialmente através do tipo de prioridades que nos movem a atuar.

Chamamos prioridades aos objetivos que, para nós, precedem em tempo ou em valor a outros que possamos ter.

Como geramos as prioridades que conformam nossos propósitos e orientam nosso desenvolvimento?

Desde que nascemos absorvemos de nosso meio os objetivos que dirigem nossas ações. Ao mesmo tempo, geramos nossos próprios objetivos de acordo com as tendências que prevalecem em nós. Desta maneira nossa vida toma um rumo que não é necessariamente o que queremos que tome e, mais ainda, muitas vezes não satisfaz nossa necessidade de sentido.

A vida não expressa por si mesma seu sentido na acepção que nos importa: sua razão de ser. Cabe a nós dar razão para nossa existência.

Seja qual for o sentido que damos teoricamente a nossa vida, o certo é que as prioridades que mantemos vigentes ao longo do tempo dão o sentido real que prevalece em tudo o que fazemos ou pretendemos alcançar. Também determinam o objetivo para o qual nos dirigimos. Em consequência, revelam o sentido real e concreto que damos a nossa vida.

Em nossas prioridades podemos distinguir as primárias, que basicamente são espontâneas, e as escolhidas, que se fundamentam especialmente no discernimento e na vontade.

As prioridades primárias derivam do instinto de conservação de nossa espécie.

O impulso cego para sobreviver gera nossas reações automáticas de defesa e ataque, de concorrência e luta por prevalecer; gera também nossa maneira de desafiar a incerteza e a morte procurando riqueza ou poder, ou ambos.

Mas o impulso por prevalecer nem sempre é compatível com o propósito de colaborar; o de ganhar a qualquer custo não é compatível com o de participar; o de autocomprazer-nos, com o de abnegar-nos pelo bem dos demais.

No entanto, é difícil para nós distinguir os impulsos que nos movem. A mesma capacidade de raciocinar que nos permite discernir, volta-se contra nós quando a usamos para argumentar de acordo com desejos que respondem a impulsos primários orientados em sentido oposto ao da expansão de nossa consciência.

As prioridades escolhidas derivam da consciência de ser que desenvolvemos e da vontade que nos permite aplicá-las. Conforme for o grau desse desenvolvimento e o grau de vontade, será o tipo de prioridades que realmente escolhemos. Quanto mais ampla for nossa consciência, mais prioritária se torna a necessidade de continuar desenvolvendo-a. Quanto mais forte nossa vontade, mais provável é que possamos manter vigente essa prioridade.

A tarefa de desenvolvimento consiste basicamente em identificar e orientar os impulsos gerados pelas prioridades primárias para dar lugar ao desenvolvimento da consciência e, com este (desenvolvimento), ao da vontade que nos permite tornar efetivo nosso arbítrio. Damos os primeiros passos nessa tarefa quando escolhemos um objetivo que transcende a mera sobrevivência e reordenamos nossas prioridades de acordo com esse objetivo.

Mas é necessário algo mais do que escolher um objetivo e reordenar teoricamente as prioridades para que nossa vida se dirija para esse objetivo. Não podemos apagar de nosso inconsciente o que está impresso pela espécie. As prioridades primárias geram impulsos que permanecem paralelamente ao nosso intento de encontrar valores transcendentais, e em muitos casos se contrapõem ao nosso esforço para desenvolver-nos. Como em qualquer membro de nossa espécie, mantém-se em nós uma força que nos impulsiona a prevalecer e a evitar o sofrimento pessoal. Não escolhemos esse impulso, ele é intrínseco a nossa natureza. Mas, se lhe soltarmos as rédeas, se não o discernirmos e orientarmos, dificilmente avançaremos muito além da consciência natural da espécie.

Perguntemos a nós mesmos com sinceridade em que medida damos um sentido positivo a nossas prioridades primárias e em que medida elas nos controlam. É importante que o determinemos, já que o domínio que tenhamos sobre os impulsos que elas geram e a orientação que dermos a essa energia também estabelece a índole de nossas relações, seja com pessoas, recursos, possibilidades, seja com valores éticos e espirituais.

Em síntese, nossa prioridade fundamental e a vontade que aplicamos para cumpri-la determinam a qualidade e o sentido real que damos a nossa vida.

Não confundamos, então, discurso com realidade. À força de dizer – e de dizer para nós mesmos – quão elevado é o ideal que nos move, podemos chegar a desconhecer a brecha entre nossas prioridades ideais e as reais que aplicamos no dia-a-dia. Por isso, além de prestar atenção aos anseios que dizemos ter, fixemo-nos em nossa vontade de fazer desse ideal nossa prioridade, não somente numa ordem teórica ou abstrata, mas também na ordem vital de nossos pensamentos e ações. E tomemos com decisão o comando de nosso processo de desenvolvimento.

Deixemos de lado nosso discurso. Não somente o que temos para os demais, mas também o que apresentamos perante nós mesmos. Revisemos quais são nossas prioridades reais e atuais, reconheçamos para onde estamos indo e reordenemos nossas prioridades no que for necessário reordenar.

Para ajudar-nos não necessitamos de métodos sofisticados, mas simplicidade e honestidade em nossas avaliações.

Ao despertar de manhã e considerar o dia que temos pela frente, descerremos a cortina de compromissos que temos que cumprir e olhemos o que há por trás deles. Deixemos claro para nós mesmos o que buscamos atrás das contingências que vamos enfrentar, qual é nosso objetivo primordial detrás de nossas preocupações e ocupações. Façamos disso o conteúdo de nossas meditações.

Durante o dia, perguntemos a nós mesmos a quais prioridades estamos respondendo. Buscamos complacência? Compadecemos-nos de nós mesmos? Lutamos para impor-nos? Especialmente, façamos essas perguntas quando tomamos decisões, quando nos envolvemos em discussões ou disputas, quando temos que decidir se honramos compromissos ou não. E sejamos honestos na resposta. Não temamos expor o personalismo de nossa agenda, se vislumbrarmos que é personalista. Observemos nossas prioridades para ajustar nosso rumo e assegurar-nos de que nossa vida mantém um sentido transcendente.

Antes de descansar à noite, revisemos o que fizemos, meditemos sobre a prioridade que motivou nossas decisões e respostas às demandas do dia, e comparemos essa prioridade com o ideal que professamos ter.

Recordemos todos os dias que o que buscamos habitualmente revela nossa prioridade fundamental e que rumo ela nos dirigimos, que esse é o verdadeiro sentido que damos a nossa vida.

Sem dúvida, essas reflexões não são suficientes para que alcancemos o que nos propusemos; mas isso não deve desanimar-nos. Pelo contrário, nossa capacidade crescente de reconhecer nossos mecanismos de defesa, nossas reações, revela que estamos progredindo. É natural que se mantenha uma distância entre o ponto onde estamos e o horizonte que nos move a expandir nossa consciência. Nossa plenitude atual se nutre da certeza de que estamos fazendo tudo de nossa parte para expandir nossa consciência sem enganar-nos, por mais trabalhoso que nos resulte acomodar nossa conduta às prioridades escolhidas.

Se a prioridade de todos fosse o bem comum, seria fácil conseguir uma convivência que nos estimule a manter-nos conscientes do grande quadro da vida e que ponha em relevo o objetivo transcendente que dá sentido à vida humana. Também seria fácil acabar com a fome, a guerra, a violência e a mediocridade.

Para que alguma vez o bem comum seja a prioridade de todos, comecemos por fazer dessa a nossa prioridade e atuemos nesse sentido com decisão e vontade forte. Isso fará com que também nossa mística se enraíze na realidade e, sobre essa base, abramos caminho rumo à união divina. Quando nossa mística se faz realidade, nossas meditações se tomam vitais e se aviva nosso amor para aprofundar cada vez mais no que já acreditamos saber. Quando nossa mística adquire realidade, mostra-nos que está ao nosso alcance encontrar e aplicar soluções para nossos problemas e para os da humanidade.

Discirnamos as prioridades que marcam o caminho que estamos abrindo em nossa consciência; reordenemo-las de acordo com a clareza interior que pouco a pouco conquistamos e concentremos nossa vontade em manter o sentido que nossa necessidade fundamental de desenvolver-nos marca para nós. Esse desenvolvimento hoje nos insta a unir-nos a todos os seres humanos. Chegamos ao umbral do divino através do âmbito humano.

Manter vigente nossa prioridade fundamental e uma vontade conseqüente com ela é garantia segura de que damos à nossa vida um sentido transcendente e de que tornaremos realidade a possibilidade de amar e de viver em paz e harmonia com todos os seres humanos. Essa conquista nos abrirá a senda rumo à união divina.

PARTICIPAÇÃO, AMOR E EMPATIA.

Mensagem de 2004

Em sua acepção tradicional, mística significa a experiência de união com Deus. Deste ponto de vista, a mística representa o objetivo do que costumamos chamar vida espiritual.

Em um contexto mais amplo, o conceito de mística inclui o percurso que nos leva para a união com Deus; daí que associemos a vida espiritual com um caminho místico. Partindo deste enfoque distinguiamos na mística dois aspectos principais: as experiências místicas e o processo místico.

A percepção temporária – geralmente breve – de um âmbito de consciência maior do que o habitual em nós é o que convimos chamar experiência mística.

Se bem que, em um sentido estrito, experiência mística seja união com o divino, na prática as experiências místicas abrangem uma ampla gama de vivências, desde momentos de exaltação emotiva até experiências profundas de contemplação. Como estas últimas requerem uma exercitação intensa e prolongada em um regime de práticas ascéticas adequadas a esse propósito, regime que poucos podemos ou queremos seguir, o comum é que nos conformemos com associar nossa mística com as emoções que algumas prédicas, leituras, imagens, cânticos ou cerimônias relacionadas com temas que consideramos espirituais produzem em nós. Esses momentos emotivos estimulam nossa devoção e reverência ao divino; no entanto, cuidamos em não transformá-los no objetivo último de nossa mística, em não confundir estímulo com objetivo.

Como essas experiências místicas são subjetivas, quando as consideramos como a totalidade da mística, tendemos a contrapor a mística aos processos cognitivos. Esta tendência costuma levar-nos ao extremo de crer que o que pode ser explicado, arrazoado e ponderado é estranho à mística.

No entanto, graças aos processos cognitivos podemos entender nossa relação com o que nos rodeia, desenvolver empatia e abrir caminho rumo a âmbitos de consciência mais inclusivos. A mística não é estranha a esses processos; pelo contrário, ela lhes dá sentido e orientação.

A expansão progressiva de nosso estado de consciência, que nos une a âmbitos de existência cada vez mais amplos, dá-se através do que chamamos processo místico.

O processo místico abarca todos os aspectos do potencial humano; entre eles, as capacidades cognitivas que desenvolvemos e as experiências que vivemos são indispensáveis para a evolução de nossa noção de ser e de nosso senso de participação.

Um processo pressupõe mudanças de estado; na mística, implica mudanças na noção de ser. Através da interação, nos primeiros anos da vida desenvolvemos nossa noção de ser até um certo ponto. Com o tempo, consolidamos essa noção de ser com o sentido de pertença que a acompanha. É então que começa a diminuir notavelmente o ritmo do desenvolvimento de nossa noção de ser. Para que esta situação reverta é necessário que, além de aparecer em nossa consciência a necessidade de sentido, essa necessidade se faça imperativa. Quando isso acontece, também se faz imperativo contar com meios que nos levem a satisfazer essa necessidade.

Desse ponto de vista, podemos considerar a mística como um processo ascético-místico. A ascética se refere aos meios que propiciam o desenvolvimento do estado de consciência; a mística se refere ao caráter desses meios e à forma como expressamos na vida o que conseguimos através deles.

A ascética mística de Cafh se baseia em sua Doutrina, e é composta pela Ascética da Renúncia e pela Mística do Coração.

Chamamos Ascética da Renúncia à tarefa sistemática de conscientização dos processos mentais, dos sentimentos, da conduta e das decisões. Esta tarefa se baseia no senso de participação.

Chamamos Mística do Coração à concepção de nosso destino de união com Deus, à intenção que motiva uma consciência de participação e à atitude e conduta que a expressam. Essa intenção assinala o caminho rumo a um amor real; essa atitude e essa conduta são os passos para percorrer esse caminho.

Em nosso estado de consciência habitual, nossa identificação espontânea com o âmbito de interação imediato, estabelece o nível de nosso estado de consciência. Desse âmbito deriva nossa noção de ser e o lugar que atribuímos a nós em nossa percepção do mundo. Nosso senso de identidade e de pertença se circunscreve ao âmbito com o qual estamos identificados, independentemente das teorias sobre o ser e o mundo a que possamos aderir.

Quando, através de um trabalho deliberado e sistemático sobre nós mesmos e nossas relações, conseguimos que se torne habitual em nós um estado de consciência mais amplo do que aquele que adquirimos de forma espontânea, podemos dizer que avançamos no processo místico. Se continuamos com o mesmo trabalho e, progressivamente, alcançamos mais amplitude em nosso estado de consciência habitual, esse será um novo avanço no processo místico.

No entanto, não nos resulta fácil produzir esse tipo de mudança. Ainda que seja evidente para nós que a vida é mudança, custa-nos aceitar as mudanças que interpretamos atentarem contra nossa concepção do que somos e do lugar que ocupamos no mundo. Inclusive, podemos ter prevenções a respeito das mudanças próprias do processo místico, já que elas nos levam a reconsiderar o que pensamos e sentimos sobre nós mesmos.

Também são difíceis de aceitar as mudanças que se referem a nossa identificação com nosso entorno. Se bem que uma identificação determinada supõe empatia com um certo entorno, também promove uma atitude defensiva, protetora do sentido de identidade, de pertença e das concepções próprias desse entorno. Quando nos identificamos totalmente com um entorno, tudo o mais é, para nós, o alheio.

Para superar nossas defesas inconscientes e promover nosso desenvolvimento, a Ascética da Renúncia nos oferece um método de vida como instrumento de desenvolvimento.

O método de vida nasce da consciência de participar com toda a humanidade. Discernimos nossas necessidades e opções sobre a base da situação atual não tão somente do grupo em que nos incluímos, mas também da situação em que a maioria dos seres humanos está hoje. Além disso, tanto nosso compromisso de cuidar o meio ambiente como o que temos com gerações futuras, formam parte de nossa base moral e espiritual para a tomada de decisões.

As pautas da Mística do Coração – intenção e atitude, ligadas à participação, ao amor e à empatia – orientam nosso método de vida. Quanto mais inclusiva – menos egoísta – é a intenção, mais ampla é a participação. Quanto mais aberta e receptiva é a atitude, mais profundo e efetivo é o desenvolvimento do amor e da empatia.

O método de vida inclui exercícios, práticas e um guia de conduta.

Exercícios são, por exemplo, a oração, a meditação, a introspecção.

A oração nos mantém conscientes de nossa pertença ao contexto universal, estimula em nós o respeito para com todos os seres humanos, a reverência ao mistério divino e a suas expressões na vida.

A meditação proporciona domínio sobre a mente e nos ensina a orientar os pensamentos e sentimentos de acordo com o sentido que damos a nossa vida.

A introspecção desenvolve a capacidade de auto-análise e a avaliação de nossa conduta.

As práticas são, por exemplo, retiros e reuniões periódicas.

Os retiros nos provêm de um tempo de reflexão a uma certa distância de nosso entorno habitual, o que nos facilita compreender nossa vida e seu rumo.

As reuniões periódicas cumprem basicamente três funções: de aprendizagem, de prática e de harmonização relacional.

Como aprendizagem, são um âmbito no qual compartilhamos conceitos que ampliam nossa visão da vida e de nós mesmos.

Como prática, as reuniões periódicas têm dois aspectos: efetuar exercícios que nos ensinam a dominar e orientar nossos pensamentos e sentimentos, e projetar maneiras de aplicar na vida diária os conceitos que aprendemos.

O aspecto relacional das reuniões se baseia em que o processo místico individual é inseparável do processo místico do grupo. Deste enfoque, o propósito das reuniões periódicas é impulsionar o processo místico do grupo como grupo; seu objetivo imediato é a harmonia do grupo que se reúne. A relação entre os que formam a reunião mostra o nível do estado de consciência de cada um dos participantes; o compromisso de cada um deles de harmonizar a relação com todos mostra também o compromisso com o próprio desenvolvimento, e o fruto que conseguem na relação do grupo mostra o fruto individual que obtêm dos exercícios ascéticos que praticam. O trabalho em equipe dos grupos de Cafh tem como finalidade o desenvolvimento espiritual do grupo como grupo e a contribuição para a sociedade dos bens espirituais que o grupo gera.

Do ponto de vista de participação, as reuniões são particularmente benéficas quando são inclusivas. Isto é, quando o grupo é formado por integrantes de diferentes entornos e, especialmente, quando o grupo se forma com a intenção de amar, compreender, participar e aprender uns dos outros.

O guia de conduta marca um sentido para nossa conduta. Podemos ser irrepreensíveis em nossos atos de acordo com padrões convencionais e, no entanto, egoístas e antagônicos em nossas relações. Como prática, o guia de conduta nos mostra dois passos concretos e imediatos que, se os déssemos, impulsionariam com força nosso processo místico: trabalhar em equipe e harmonizar nossas relações não só nos grupos que formamos nas reuniões periódicas, mas em todos os grupos de nosso entorno: o familiar, o de trabalho, o social, o espiritual.

A Ascética da Renúncia e a Mística do Coração nos dão as pautas da ascética mística de Cafh; também nos dão o marco de referência necessário para conhecer nosso processo místico particular.

Começamos avaliando a fase em que estamos.

A forma mais simples e direta de avaliar onde nos encontramos em nosso processo místico – qual é nosso estado de consciência – é discernir a qualidade de nossas relações.

Como efetuar essa avaliação? Se bem que nosso estado místico seja subjetivo, podemos avaliá-lo objetivamente através de como o expressamos no meio em que vivemos, inclusive

nas atividades às quais damos caráter espiritual, como as reuniões periódicas, os retiros, as conferências particulares.

As reações que produzimos nos outros nos dizem como eles percebem nossa intenção, nossa atitude, nossa participação, nosso amor, nossa empatia. Em outras palavras, dizem-nos como eles avaliam nossa mística. Nem sempre essa avaliação coincide com a nossa. Se nos atemos à avaliação objetiva dos que nos rodeiam, contamos com um dado moderador de nossa auto-análise. Se não o fazemos, mantemo-nos no círculo vicioso de julgar subjetivamente um estado também subjetivo: juiz e parte ao mesmo tempo.

Por exemplo, o estado em que deixamos os lugares e os objetos que usamos mostra, tanto a nós mesmos como aos outros, de forma medianamente objetiva, nosso amor, nossa participação e nossa empatia com o âmbito em que vivemos.

Seguindo estas simples pautas, as avaliações objetivas que fazemos a seguir nos mostrarão a orientação de nosso processo místico.

Para efetuar essa comparação, verifiquemos primeiro se nossa prioridade fundamental coincide com o fim que queremos dar a nossa vida.

Vamos trazer à tona qual é o propósito básico de nossas motivações, o que nos move a agir como agimos, a decidir como decidimos; o que ocupa nosso tempo, nossa mente, nossos sentimentos: o que buscamos na realidade; desta forma conheceremos nossa prioridade atual fundamental.

Aquilo que buscamos nos sucessivos “agora” nos revela o sentido, subjacente em nossas decisões circunstanciais, que damos à vida em geral e a nossa vida em particular. A mística que vivemos e a maneira como a entendemos depende desse sentido; neste tomam corpo – e sentido – a meditação diária, o estudo das ensinanças, as reuniões e, em geral, todos os aspectos de nosso método de vida.

Verifiquemos também se ocorrem em nós as mudanças próprias do processo místico. Embora este processo não seja linear, para efeito de uma análise, tratemos de imaginá-lo como uma linha que parte do egocentrismo fechado e termina na união da consciência individual com a consciência cósmica.

No extremo do egocentrismo fechado, o que realmente importa é minha vida em particular, como me sinto e que posso alcançar em meu próprio benefício. As idéias que este alguém possa ter acerca da vida em geral e de sua trama de relações não afetam em maior grau sua conduta. Sua noção de ser é a de um ente separado, independente e livre para agir como convenha a seus fins, e com essa noção de ser se localiza dentro do contexto humano e busca unir-se a Deus.

À medida que avança para o outro extremo dessa linha, muda sua percepção de sua relação com o entorno e, junto com ela, a do bem que pode alcançar, do caráter de sua responsabilidade e de sua liberdade.

Assim como é evidente para nós que não podemos sair do quadro da vida, assim também compreendemos que tampouco podemos extrair-nos do campo da humanidade, que o bem individual inclui o bem do conjunto e vice-versa, que a união de uma consciência individual com a consciência cósmica abre caminho para a humanidade rumo a essa união.

Ao desenvolver nossa empatia e nosso senso de participação reduzimos as margens que damos à nossa liberdade de ação para decidir e agir de forma independente. Nosso nível de participação nos aponta as ações e decisões necessárias para que nosso bem se encaixe no bem do conjunto.

Da mesma maneira, nosso senso de responsabilidade se desenvolve desde o extremo de rejeitar qualquer compromisso até o de reconhecer que estamos comprometidos pelo simples fato de existirmos dentro de um conjunto. Essa consciência nos move a mudar a idéia de que somos livres para fazer de nossa vida o que nos convenha, à de confirmar nosso compromisso existencial através de ações e decisões coerentes com essa participação.

Esse processo místico mostra que a idéia de liberdade também está em processo, que tão importante como a liberdade que os direitos humanos nos dão é a forma como usamos esses direitos diante do compromisso ineludível de viver em relação. Ao colocar a liberdade individual e os próprios direitos neste contexto, adquirem primazia a auto-análise e o autodomínio – o aspecto ascético – e o amor centrado no bem de todos – o aspecto místico – para decidir como exercemos nossos direitos e que uso fazemos de nossa liberdade.

O processo místico também nos ensina que as experiências místicas isoladas que possamos ter expandem nossa consciência quando formam parte integral de um trabalho espiritual sistemático no marco da vida diária. Essa expansão é medida da maneira que essas experiências influem em nossa vida cotidiana. Por exemplo, em que medida elas não só ampliam nossos pontos de vista, dissolvem nossos preconceitos e desenvolvem nossa empatia, mas como expressamos esses adiantamentos de forma concreta em nossas relações. Se as experiências místicas não ampliassem o entorno com o qual nos identificamos, não desenvolvessem nosso senso de participação e não expressássemos esse desenvolvimento em nossa conduta, por mais gratificantes que essas experiências fossem, não impulsionariam nosso desenvolvimento. Pelo contrário, elas nos dariam a ilusão de estar realizando uma mística quando, na realidade, nossos pensamentos e sentimentos e, particularmente, nossas atitudes e ações, estariam mostrando o contrário.

Que papel desempenha a renúncia no processo místico?

De acordo com a Doutrina de Cafh, a mística não somente se baseia na renúncia como também a pressupõe.

Cada passo que damos significa deixar outro para trás. Mas o temor que subjaz em nós pela incerteza em que vivemos nos move a aferrar-nos aos balaústres que nos prometem segurança. Quando contamos com base suficiente para acreditar-nos seguros, nós nos identificamos a tal ponto com esta segurança que sentimos como uma privação – uma renúncia – avançar outro passo em nosso desenvolvimento.

Mas se nosso imperativo é desenvolver-nos, damos sentido expansivo a nossa renúncia; de privação passa a ser liberação.

Renunciamos porque viver é renunciar; em situações que devêem não podemos deter o fluxo da vida nem cristalizar nossas realizações e conquistas.

Renunciamos para que as ferramentas que a Ascética da Renúncia nos dá nos mantenham abertos para aprender sobre nós mesmos e nossa relação com a vida e o mundo. Se não renunciássemos reforçaríamos com essas ferramentas o estado em que já estamos, enquanto pensamos que progredimos pelo simples fato de usá-las.

Renunciamos para liberar-nos, para amar sem atar, para participar sem pedir, para desenvolver uma noção de ser não restrita a limites prefixados, para expandir nossa consciência em direção à união com Deus tal como o divino se revele em cada um de nós.

PRIMEIRA MENSAGEM DO CAVALEIRO GRANDE MESTRE III

AMOR AO DESENVOLVIMENTO

Mensagem de 2005

Enamoremo-nos de nosso caminho com força renovada cada dia.

Enamoremo-nos de seu potencial. Liberemos esse potencial através de um trabalho comprometido, para transformá-lo em fonte de bem para todas as almas. Dessa maneira, cada instante que vivemos se ilumina com nossa razão de ser: desenvolver-nos espiritualmente para unir-nos à Divina Mãe através da participação espiritual e integral com todos os seres.

Reconheçamos a graça de ter uma razão de ser que transcende os limites de uma existência concebida como algo separado. Reconheçamos a graça de ter uma razão de ser que nos move a participar com tudo o que existe. Sigamos com fervor nosso chamado vocacional que nos convida a unir-nos incluindo. Desembaracemos assim o caminho rumo à expansão de nossa alma, o caminho que nos conduz à união com a Divina Mãe.

Aprofundemo-nos no sentido místico de nosso caminho. Aprendamos a reconhecer o Divino em tudo o que existe, expandindo e internalizando o sentido da renúncia, da liberdade e do amor.

Contamos com a força do amor que nos permitiu descobrir esta especial vocação de renúncia. Não nos conformemos, então, com estudar e entender caminhos místicos abertos por outras almas. Abramos cada um de nós esses caminhos. Quando concretizamos nossa nobre intenção em ações efetivas, incorporamos a ensinança a nossa vida cotidiana e exploramos em profundidade o que aprendemos.

Neste sentido nossa tarefa há de ser realista, minuciosa, incessante, paciente e, sobretudo, honesta. Tomemos cada momento de nossa vida e localizemo-lo dentro da rota que conduz à Divina Mãe. Conscientes dos fatos tal como se apresentam, percebemos cada experiência como uma oportunidade para responder a esse momento de forma cada vez mais satisfatória e plena. Sejamos minuciosos em reconhecer o divino em tudo o que existe, sem excluir nada e façamo-lo com entusiasmo sadio. Alimentemos permanentemente nossa alma com um amor incondicional ao trabalho espiritual que cada um de nós está cumprindo.

Quando retomamos nosso enfoque e voltamos a nos localizar à luz de nossa razão de ser, pacientemente, sem importar quantas vezes fazemos a tentativa, a intenção e o esforço repetidos adquirem força, até que o nome da Divina Mãe acompanhe cada batida do coração. E, sobretudo, cultivemos uma atitude honesta para com nós mesmos. Percamos o temor de nos descobrirmos tal qual somos. Percamos o temor de desvelar a natureza dos mais íntimos sentimentos que albergamos no coração e das respostas que damos a cada circunstância na vida. Sobre esta atitude honesta se assenta a possibilidade real de nos desenvolvermos.

Contextualizemos nossa liberdade em exercer nosso livre-arbítrio, especialmente quando nos leva a transcender limites para ampliar nossas possibilidades. Tomemos, então, consciência da existência desses limites. Reconheçamos nosso nível de dependência das circunstâncias, da busca de reconhecimento, da necessidade de ocupar um lugar preferencial, de obter privilégios. Quando elegermos, façamo-lo com plena consciência. Tomemos consciência de que temos liberdade para escolher, especialmente, de que podemos escolher dar-nos.

Ao transformar nosso amor em um amor cada vez mais estável, mais nobre e expansivo, vivemos esse amor de renúncia que nos faz sentir plenos pelo simples fato de dar-nos, já que a força do amor está naquele que ama. Quando descobrimos essa força e nos deixamos guiar por ela, orientamos todo nosso potencial para a realização da obra espiritual sobre a terra e mesmo além.

Façamos da renúncia o sustento de toda a nossa vida.

A renúncia se converte no timão de nossos atos quando lhe damos um lugar prioritário em nossa vida. Entesouremos o dom de ter uma vocação de desenvolvimento que dá sentido a tudo o que fazemos; valorizemos nossa vida e o que fazemos com ela. Aprendamos a afastar sistematicamente tudo o que não nos ajuda a nos desenvolver. Deste modo descobrimos novas facetas nos valores que manejamos, compreendemos a realidade a partir de outra perspectiva, de um estado de consciência mais amplo. Quando falamos de amor, esforcemo-nos para praticar um amor simples e comprometido. Quando falamos de oferenda, recordemos o sentido de nossos votos. Quando falamos de compaixão, recordemos que ampliando nossa consciência é como abrimos caminho rumo a uma sociedade mais justa, mais harmônica. Quando falamos de liberdade, tenhamos presente que, quando nos tornamos emocionalmente independentes das circunstâncias, podemos vislumbrar uma realidade livre dos véus criados pela influência do mundo pessoal em que habitamos. Não nos detenhamos em insignificâncias que desgastam e consomem nosso tempo e energias. Aspiramos a criar, a construir e a plasmar em nossa vida as idéias em que acreditamos. Quando nosso coração pulsa com o ritmo da vida, tomando e deixando, tal como a renúncia o pede, estamos respondendo ao chamado de união com a Divina Mãe.

Estimulemos o desenvolvimento espiritual, denominador comum que nos une.

Mais além das palavras, é a força de nossa oferenda, traduzida em fatos palpáveis, o que nos leva a ser fatores de desenvolvimento. Mais frutífero do que sonhar com um mundo melhor é criar esse mundo. Influamos positivamente sobre o futuro através de atos precursores. No viver diário temos uma infinidade de possibilidades para gerar o mundo interior e exterior pelo qual ansiamos. Alguns atos geradores de novas possibilidades dão resultados imediatos e outros os dão com o tempo, mas todos colaboram para formar o ser humano que queremos chegar a ser. Trabalhem com perseverança, precursora de fortaleza e discernimento. Aceitemos tanto os momentos agradáveis como os desagradáveis, como atitude precursora da resiliência que nos permite estar sempre com a mesma disposição para trabalhar e oferecer-nos.

Escutemos e validemos para gerar as condições adequadas para um bom trabalho em equipe. Abramo-nos à diversidade, atitude precursora de amizade e de paz. Olhemos sempre para frente afirmados nas raízes de nossa razão de ser. Que possamos dar um valor prioritário ao caminho que escolhemos, já que embora sejamos um instante no processo humano, cada decisão que tomamos tem uma incidência que nos transcende. Assim, nossas vidas coerentes e harmoniosas se constituem em pólos que atraem as almas e que revelam a grandeza de nosso ideal espiritual.